

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – IFCHS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA  
AMAZÔNIA – PPGSCA**

**OLHAR INDÍGENA SOBRE A IDZAAMIKHETTI (DOENÇA) E A  
WATAPETAKAA (CURA) NA COMUNIDADE DE ITACOATIARA MIRIM, EM  
SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM**

**SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA – AM  
2025**

**Edna Márcia Paulino da Costa**

**OLHAR INDÍGENA SOBRE A IDZAAMIKHETTI (DOENÇA) E A  
WATAPETAKAA (CURA) NA COMUNIDADE DE ITACOATIARA MIRIM, EM  
SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Amazonas como critério parcial para obtenção do título de mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Caio Augusto Teixeira Souto

Coorientadora: Profa. Dra. Claudia Ribeiro Pereira Nunes

**São Gabriel da Cachoeira – AM  
2025**

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

- 
- C837o Costa , Edna Márcia Paulino da  
Olhar indígena sobre a idzaamikhetti (doença) e a watapetakaa (cura) na comunidade de itacoatiara mirim, em São Gabriel da Cachoeira/AM / Edna Márcia Paulino da Costa . - 2025.  
130 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Caio Augusto Teixeira Souto.  
Coorientador(a): Claudia Ribeiro Pereira Nunes.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia, Manaus, 2025.
1. Saúde indígena. 2. Medicina tradicional. 3. Itinerários terapêuticos. 4. Saberes tradicionais. 5. Cosmologia indígena. I. Souto, Caio Augusto Teixeira. II. Nunes, Claudia Ribeiro Pereira. III. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia. IV. Título
-

**EDNA MÁRCIA PAULINO DA COSTA**

**OLHAR INDÍGENA SOBRE A IDZAAMIKHETTI (DOENÇA) E A WATAPETAKAA  
(CURA) NA COMUNIDADE DE ITACOATIARA MIRIM, EM SÃO GABRIEL DA  
CACHOEIRA/AM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Amazonas como critério parcial para obtenção do título de mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Data de defesa: 29/04/2025

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Caio Augusto Teixeira Souto (**Presidente**)

---

Prof. Dr. Altair Seabra de Farias (**membro externo**)

---

Prof. Dr. Wuelton Marcelo Monteiro (**membro externo**)

---

Prof. Dra. Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra (**membro interno**)

**SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA – AM  
2025**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta conquista aos meus pais que sempre estiveram em oração pela minha vida.

“A persistência é o caminho do êxito”

Charles Chaplin

## AGRADECIMENTOS

A vida é a principal dádiva de Deus, então eu inicio meus agradecimentos ao meu Deus todo-Poderoso que me presenteou com o Mestrado. Um sonho que, ao meu ver, era impossível, mas fui abençoada.

Em segundo lugar agradeço ao meu querido Pai José Abraão da Costa que, mesmo não estando ao meu lado, orou incansavelmente por mim, para que eu jamais desistisse.

Agradeço a minha querida e sábia mãe Marcília Rezende Paulino, que sempre confortou meu coração com suas palavras e orações.

Agradeço a minha irmã Erivanda Andrade, a minha amada filha Luana Nicole, a minha sobrinha Anna Rachel que sempre torceram por mim. A cada conquista, elas vibraram comigo.

Agradeço ao Comandante Elcimar Gomes de Lima que me incentivou a avançar a cada dia. Do seu jeito não muito carinhoso, mas fez toda a diferença em minha vida. O avanço na escrita e oralidade devo a ele.

Agradeço a minha amiga Lindauria que sempre me acompanhou nas pesquisas de campo, tirando parte de seu tempo para me acompanhar até a comunidade.

Agradeço a minha amiga Ilzanilde Teixeira colega de mestrado que esteve ao meu lado durante a escrita da dissertação, na qual muitas vezes travei, ela foi fundamental para destravar o pensamento e seguir em frente.

Agradeço a todos os professores doutores que contribuíram muito para o meu crescimento intelectual e pessoal. Quero agradecer em especial ao meu orientador, professor Doutor Caio Augusto Teixeira Souto, que me conduziu até aqui, tornando realidade a minha dissertação.

Agradeço aos comunitários de Itacoatiara Mirim, que se dispuseram em participar do meu trabalho de pesquisa, em especial o sr. Graciliano Alexandre, sra. Irene Garcia, sra. Dayane Garcia, sra. Alda Garcia e sra. Berta, os protagonistas dessa pesquisa.

Enfim, gratidão é o sentimento que carrego no coração por ter alçando mais uma vitória, o curso de mestrado, era apenas um sonho, hoje é realidade.

## Resumo

Esta pesquisa de caráter interdisciplinar foi realizada na comunidade de Itacoatiara Mirim, localizada no km 11 da Estrada de Camanaus (BR-307), no município de São Gabriel da Cachoeira-Am, envolvendo distintas áreas do conhecimento com a Antropologia, a saúde coletiva e os saberes tradicionais indígenas. A comunidade reúne diversa etnias, cada uma com seus próprios costumes e práticas no cuidado com o corpo e no tratamento das doenças, enraizadas em cosmologias específicas. O estudo buscou compreender como os itinerários terapêuticos se relacionam com o surgimento das doenças e os processos de cura, analisando-os como formas de preservação e transmissão da cultura indígena. Foram investigadas práticas de cura por meio do uso de plantas medicinais, benzimentos e rituais, compondo o que se reconhece como medicina indígena. Para isso adotou-se o método etnográfico, com mapeamento da comunidade e acompanhamento da rotina dos moradores, além da aplicação da observação participante, questionários estruturados com 23 indígenas e entrevistas semiestruturadas com três mulheres indígenas, que relataram suas experiências de vida. Os resultados revelam que a doença, sob a perspectiva indígena, é frequentemente associada à quebra de normas culturais, sendo o ser humano visto como causador do desequilíbrio que pode afetar toda a coletividade. A vida humana, animal e vegetal é compreendida como interligada ao cosmo – ou mundo espiritual – cuja harmonia requer obediência, sensibilidade e fé para captar os sinais do universo. A conexão com a natureza é vista como fundamental para a saúde e o bem-estar. Assim, o estudo contribui como registro cultural, valorização dos saberes indígenas e fortalecimento das práticas tradicionais de cuidado na comunidade.

**Palavras-chave:** Saúde Indígena; Medicina Tradicional; Itinerários terapêuticos; Saberes tradicionais; Cosmologia indígena.

## **Abstract**

This interdisciplinary research was conducted in the community of “Itacoatiara Mirim”, located at kilometer 11 of the Camanaus Road (BR-307), in the municipality of São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, Brazil. The community brings together multiple indigenous ethnic groups, each with its own customs and traditional practices related to body care and the treatment of illness, grounded in distinct cosmological systems. The study aimed to understand how therapeutic itineraries relate to the emergence of illness and healing, analyzing them as mechanisms for the preservation and transmission of indigenous cultural memory. Healing practices involving medicinal plants, blessing rituals, and spiritual ceremonies – comprising what is known as Indigenous medicine – were central to the investigation. An ethnographic method was employed, including community mapping, participant observation, structured questionnaires with 23 Indigenous participants, and semi-structured interviews with three Indigenous women who shared their life stories. The results show that, from an Indigenous perspective, illness often stems from the transgression of cultural norms, with humans seen as the source of imbalances that affect the entire community. Human, animal, and plant life is understood as interconnected with the cosmos – a spiritual world that demands obedience, sensitivity, and faith to interpret its signs. Connection with nature is viewed as essential for health and well-being. Thus, the study contributes as a cultural record, a means of valuing Indigenous knowledge, and a tool for strengthening traditional healing practices within the community.

**Keywords:** Indigenous health; Traditional medicine; Therapeutic itineraries; Traditional knowledge; Indigenous cosmology.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Vista Aérea do Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Amazonas – Campus São Gabriel da Cachoeira (IFAM-CSGC).....	21
<b>Figura 2</b> - Imagem de satélite – Globo terrestre – América Latina – Brasil, Estado do Amazonas e município de São Gabriel da Cachoeira – Am.....	22
<b>Figura 3</b> – Vista Aérea da Comunidade de Itacoatiara Mirim .....	22
<b>Figura 4</b> – Comunidade de Itacoatiara Mirim .....	23
<b>Figura 5</b> – Escola Municipal Indígena Jerusalém.....	24
<b>Figura 6</b> - Registro da Maloca do Conhecimento na Comunidade de Itacoatiara Mirim, em julho/2018 e marco/2025 .....	27
<b>Figura 7</b> – Imagens de Artesanatos Baniwa .....	30
<b>Figura 8</b> – Artesanatos Baniwa.....	31
<b>Figura 9</b> – Colheita de Mandioca .....	32
<b>Figura 10</b> - Leque Baniwa .....	33
<b>Figura 11</b> – Centro de Medicina Indígena Bahserikowi. À esquerda, a pesquisadora Costa, e à direita, a pesquisadora Costa e o Antropólogo Dr. Barreto.....	45
<b>Figura 12</b> – Entrevista aos Comunitários de Itacoatiara Mirim .....	60
<b>Figura 13</b> – Passeio na Mata em busca das plantas medicinais.....	77
<b>Figura 14</b> – Aplicação de Colírio Natural e Cipó que produz água.....	78
<b>Figura 15</b> – Muda de Saracura-mirá e Raiz, raspas da raiz e o chá.....	80
<b>Figura 16</b> – Árvore da Carapanaúba e a Casca da carapanaúba.....	81
<b>Figura 17</b> – Entrevistada Sra. Daiane Garcia .....	84
<b>Figura 18</b> – Compartilhamento do Caxiri na Cuia e Entrevistada 2, Sra. Berta.....	86
<b>Figura 19</b> – Muda de Saracura-mirá e Planta Jararaca .....	88
<b>Figura 20</b> – Entrevistada 3 Sra. Alda.....	91
<b>Figura 21</b> – Planta medicinal contra picada de cobra, Buiacaá.....	92

## LISTA DE QUADROS

**Quadro 1** – Levantamento Bibliográficos de Doenças Provocadas pelo Yoopinai e Awakaronanai.....71

**Quadro 2** – Demonstrativo do Questionário referente aos conhecimentos tradicionais, aplicado na Comunidade de Itacoatiara Mirim, durante o período da pesquisa de campo.....91

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Conhecimentos Tradicionais.....	93
<b>Gráfico 2</b> – Plantas Medicinais.....	94
<b>Gráfico 3</b> – Interpretação do surgimento das doenças na Comunidade.....	95
<b>Gráfico 4</b> – Ritual de Proteção do Corpo.....	96
<b>Gráfico 5</b> – Cura através das Plantas Medicinais.....	97
<b>Gráfico 6</b> – Resultado Analítico do Estado da Arte na Comunidade de Itacoatiara Mirim.....	97

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<i>Primeiras percepções do lócus da pesquisa</i> .....	18
<b>1 A COMUNIDADE DE ITACOATIARA MIRIM</b> .....	21
1.1 Localização geográfica .....	21
1.2 Etnografia da Comunidade de Itacoatiara Mirim.....	22
1.2.1 Características ambientais.....	24
1.2.2 Composição Social .....	28
a) <i>População</i> .....	28
b) <i>Estrutura Familiar</i> .....	29
c) <i>Grupos sociais e etnia</i> .....	30
d) <i>Organização política e liderança</i> .....	34
1.3 Dinâmica Cultural na comunidade.....	38
a) <i>Cultura e tradições</i> .....	38
b) <i>Idioma e expressões culturais</i> .....	39
c) <i>Economia e modo de vida</i> .....	40
d) <i>Educação e transmissão de saberes</i> .....	40
1.4 O povo Baniwa: interpretação do mundo e manifestações socioculturais .....	41
1.5 Cosmologia Baniwa para a preservação sociocultural.....	44
1.6 Antropologia da doença no contexto indígena .....	52
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E TÉCNICAS DE PESQUISA</b> .....	57
2.1 Métodos e Técnicas de Pesquisa .....	57
2.2 Etapas da Pesquisa de Campo na Comunidade Itacoatiara Mirim.....	65
2.3 Categorias analíticas.....	69
<b>3 PERCEPÇÕES E EMOÇÕES VIVIDAS NA COMUNIDADE DE ITACOATIARA MIRIM</b> .....	82
3.1 Conhecimento tradicional compartilhado na oralidade: vivência dos indígenas de Itaquatiara Mirim.....	82
3.2 Discussões e Resultados.....	93
3.3 Análise do questionário através de gráficos .....	95
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	103
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	105
<b>ANEXOS</b> .....	110

## INTRODUÇÃO

Nesse primeiro momento, relatarei um pouco sobre minha etnia Baré e o motivo pelo qual escolhi estudar a medicina Baniwa e as práticas curativas naturais, ou seja, a cura através das plantas.

Atualmente, tenho 46 anos de idade e adotei a etnia Baré. Meu pai, descendente de negro, nascido no estado do Ceará, veio para o Amazonas ainda jovem, aos 16 anos de idade, em busca de melhoria de vida. Na época, o nordeste do Brasil passava por momentos de extrema seca, tornando a vida dos nordestinos um verdadeiro caos. Acreditando que ficaria rico, seguiu para o Amazonas pelo fato da alta na economia que se dava por conta da extração da borracha. Époça em que os barões contratavam trabalhadores de qualquer parte do Brasil. Nesse contexto, meu pai se iludiu. E ao chegar à Amazônia se deparou com uma realidade bem diferente. A riqueza era estritamente para os barões, os trabalhadores continuavam na pobreza e sua mão de obra barata servia apenas para promover cada vez mais riqueza aos barões.

Em síntese, meu pai não alcançou os objetivos. Seus planos ganharam outra dimensão, apenas a da sobrevivência. Nas idas e vindas pelo mundo, conheceu minha mãe, indígena da etnia Baré, nascida na comunidade de Boa Esperança, no município de Santa Isabel do Rio Negro. A sobrevivência na comunidade era por meio da agricultura, plantação de mandioca, frutas, caça e pesca. Casaram-se e tiveram duas filhas, eu e minha irmã. Diante das dificuldades de sobrevivência, nos mudamos para o município de Barcelos, onde passei minha infância e concluí o Ensino Médio, aos 17 anos. Em busca de realizar meus anseios e, principalmente, me tornar independente, mudei para São Gabriel da Cachoeira.

Assim, ainda bem jovem, passei a residir na principal cidade da região conhecida como Cabeça do Cachorro, situado a 472 km do município de Barcelos. Apesar da proximidade entre os municípios, a diferença cultural era gigantesca, apresentando uma realidade totalmente diferente do que eu havia vivido. Uma dessas diferenças era relativa à identidade cultural, pois todos os moradores da cidade eram caracterizados por uma etnia, algo novo para mim.

Como descobrir minhas origens? Como adotei a etnia Baré? Relatarei resumidamente como tudo aconteceu. Certo dia, tive um problema de saúde, recorri ao Hospital de Guarnição, o recepcionista perguntou minha etnia, até então eu não sabia, não

entendia o significado de etnia e não me interessei em saber. Diante da pergunta, respondi que não sabia minha etnia e pedi ao recepcionista que colocasse qualquer uma. Momento em que ele olhou para mim e falou: “você tem cara de Baré” e sorriu. Desde então, adotei a etnia Baré e passei a me identificar como Baré, que significa a união do branco com o indígena, segundo a lógica das etnias.

O povo Baré é um grupo indígena que faz parte da família linguística aruak, que se originou do agrupamento de vários povos indígenas, como os Mandahuaca, Manaca, Baria, Cunipusana e Pasimonare, que se concentram no noroeste do Amazonas ao longo do Rio Xié e do alto Rio Negro.

Acredita-se que os Barés foram os primeiros a serem explorados pelos franceses, holandeses e portugueses. Com a descoberta de novas terras, os brancos cobiçaram as riquezas e decidiram invadir as terras indígenas inconsequentemente. Com isso, muitas aldeias foram destruídas, a violência contra a vida do indígena não era vista como crime, por isso, os brancos tratavam os indígenas como meros animais, que mereciam ser exterminados.

A cidade de Manaus ficou marcada pela escravidão de indígenas por estar localizada no território onde tudo aconteceu: as violências, as mortes, as invasões, dentre outros. Alguns descendentes de Barés relatam como as lembranças desse cenário de guerra se perpetuavam nas memórias de quem vivenciou o período. Tal fato gerou forte laço com a capital do Amazonas, Manaus, evidenciado na rua dos Barés, situada no Centro da cidade e que nos remete a épocas antigas de dominação do branco, que não se deu apenas em questão territorial, mas culturalmente, havendo perdas irreparáveis. Atualmente, o povo Baré tem buscado resgatar sua cultura e sua identidade.

Analisando os trabalhos científicos realizados com o povo indígena, percebe-se que a etnia Baniwa se destaca, o que despertou interesse em pesquisar e conhecer a cultura Baniwa em suas infinitas possibilidades de conhecimentos ancestrais. Atualmente, a etnia Baniwa tem despertado grande interesse dos pesquisadores, por ser uma das etnias predominante no município de São Gabriel da Cachoeira. Os trabalhos científicos resultantes dessas pesquisas, além de contribuir para o fortalecimento da cultura Baniwa, a coloca em posição de destaque quando comparada às demais etnias.

Estudos evidenciam que o povo Baniwa possui uma medicina diferenciada, fator que impulsiona desvendar os segredos, mitos e técnicas de cura natural. Uma das técnicas de cura é através das plantas, razão pela qual despertou o meu interesse em aprofundar o estudo acerca de algo já existente.

O município de São Gabriel da Cachoeira, por se localizar no estado do Amazonas, apresenta uma vegetação composta por uma grande variedade de plantas medicinais que favorecem o tratamento natural, método muito utilizado pelos São Gabrielenses.

A escolha do tema do meu projeto se deu por questões particulares, ou melhor, por um problema de saúde particular. Aos 25 anos de idade, descobri uma forte alergia a medicamentos industrializados, o que deu início a uma rotina de vida regrada de cuidados com a saúde. Diante de um estado de saúde bastante fragilizado, a medicina indígena acende a esperança de uma vida normal. Além de possível solução para o meu problema de saúde, o estudo poderá contribuir com o aperfeiçoamento de meu conhecimento.

Sendo assim, tive a certeza do meu objeto de estudo, o olhar Indígena sobre a Idzâmiketh (doença) e a Watapetakaa (cura) na comunidade de Itacoatiara Mirim em São Gabriel da Cachoeira/AM. Hoje, aos 47 anos de idade, adotei o método de prevenção, tratamento e cura natural através das plantas medicinais, posso afirmar que a escolha foi acertada, pois me sinto muito feliz por ter abordado esse tema, tenho certeza de que a pesquisa irá ajudar na revitalização da cultura Baniwa e fortalecimento das práticas tradicionais de cura.

A etnia Baniwa tem se destacado nos trabalhos científicos, motivo pela qual surgiu o interesse em pesquisar as práticas tradicionais que ainda estão presente na rotina desse povo. A comunidade de Itacoatiara Mirim acolhe diversas etnias, contudo, os Baniwa apresentam um número considerável dentro da comunidade, diante disso, o estudo busca investigar as práticas Baniwa sem deixar de lado as outras etnias, assim, enriquecendo a investigação. Podemos dizer que, o estudo é voltado ao conhecimento tradicional indígena na comunidade.

Inicialmente, iremos relatar a trajetória de luta do povo Baniwa, pertencente ao tronco linguístico Aruak, que além de protagonistas no movimento indígena na região do noroeste amazônico, destaca-se diante das lutas pela autonomia, preservação e conservação da cultura indígena na região.

A etnia Baniwa possui relevância no contexto da sociobiodiversidade e cultura para o município, nas histórias de resistência, através da bioeconomia (Arte Baniwa) (Foirn, 2001), Educação escolar indígena (Baniwa, 2019), Xamanismo Baniwa (Wright, 2004.), ou seja, são diversas as fontes e razões sociológicas e antropológicas que geram interesse em estudar a cultura Baniwa. Ao emergir no mundo da pesquisa científica, surge

uma reflexão interna que, de certa forma, contribui para a expressão da cultura, que podem e devem ser o percurso e instrumento para dar voz e reforçar a identidade.

Refletindo, assim, pretendi me debruçar sobre os contextos que entremeiam e formam esse complexo das doenças e curas Baniwa. Desde então, refleti no Olhar Indígena sobre a *idzâmiketh* e *watapetaka* na Comunidade Itacoatiara em São Gabriel da Cachoeira-Am. Delimitando-se nos seus grupos familiares, utilizando-se como método de pesquisa, a observação participativa, para investigar como os Baniwa interpretam e combatem as doenças a partir do uso da medicina tradicional através das crenças e conhecimentos que herdaram de seus ancestrais, em relação as plantas nativas e suas terapias de cura.

As populações Baniwa do rio Içana e seus afluentes foram as mais impactadas pelas ações das igrejas. Naquela época, inúmeras famílias migraram para outras regiões, com o intuito de se libertar dos trabalhos do extrativismo (Curt NImuendajù; ATThias, 2015), de doenças levadas pelos patrões (Foirn, 2000), que exploravam a região, e de condições impostas pela religião, visando oferecer melhores condições de vida (Foirn, 2000) para sua família. Notadamente, nas zonas periurbanas do município de São Gabriel da Cachoeira foram se formando os territórios Baniwa, migrando progressivamente para comunidades indígenas, trazendo consigo os conhecimentos tradicionais.

Segundo Santos (2017), os povos Baniwa, em sua essência, apesar de todos os desafios que enfrentaram na região, ainda são um dos povos em que “há a presença do sagrado a partir do qual é ordenada a vida da comunidade, apresentam um complexo universo sagrado cuja compreensão desafia aos que estão fora dele”. Santos (2017), afirma que: “Isso ocorre no mundo sagrado Baniwa, povoado de elementos míticos os quais, desde seus primórdios, na Cachoeira do Içana”. Na tradição Baniwa, os mitos trazem consigo a resposta para determinados problemas ou situações.

A questão norteadora da pesquisa surge mediante o convívio na Comunidade de Itacoatiara Mirim, com os Baniwa, a partir das seguintes indagações: como são interpretadas o surgimento das doenças na comunidade? Como prevenir que as doenças apareçam? Como os itinerários terapêuticos Baniwa são praticados no contexto familiar? Qual o *status quo* do conhecimento tradicional acerca do uso e manejo dos remédios naturais? Se há interferências das diferentes vertentes religiosas que atuam na comunidade, e quais os tipos de interferências no complexo doenças e curas Baniwa?

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de São Gabriel da Cachoeira é considerado o mais indígena do Brasil, com 98% da população distribuídas em 24 etnias catalogadas.

A Comunidade Itacoatiara Mirim por se destacar com suas práticas tradicionais, consolidados pela preservação das tradições Baniwa, é uma das comunidades indígenas localizada na região periurbana, como um dos principais *lôcus* de buscas de tratamentos tradicionais no tratamento de doenças. Um exemplo real foi no final do ano de 2019 com o surgimento da pandemia da Covid-19. A comunidade não perdeu ninguém para o vírus, foram utilizadas plantas medicinais no combate à doença.

Os pajés da comunidade trabalharam intensamente para que seus parentes vindos de diversas localidades pudessem resistir aos fortes avanços da doença na região, pois as ações e medidas governamentais não foram eficazes, e não deram conta da situação caótica e da calamidade que o município enfrentou devido às dificuldades de distância, falhas do Sistema Único de Saúde (SUS), pouca atuação do Governo Federal, aumento excessivo de focos de contaminação e não priorização do Governo do Estado do Amazonas em atuar de modo efetivo durante esta época, tendo em vista que a região demanda de ações governamentais distintas do restante do país.

E a pandemia avançou de maneira drástica entre os povos indígenas, desta vez foram os pajés da região, que estavam a postos para auxiliar. Alguns até tiveram autorização para entrar nos locais de isolamentos dos doentes para benzê-los, foi uma das maneiras que os profissionais da saúde local encontraram para amenizar o caos na saúde que se instalou no município de São Gabriel da Cachoeira.

Em épocas antigas, quando a varíola e o sarampo avançaram no rio Negro, foram os pajés que buscavam as curas por meio de conhecimentos ancestrais sobre a biodiversidade e a mitologia. Na era da Covid-19, os “parentes” recorreram aos sábios para conter a proliferação da doença, dando à comunidade Itacoatiara Mirim uma notoriedade e reconhecimento do quanto é importante valorizar os conhecimentos tradicionais dos povos originários em sua essência.

É nessa reflexão conjunta com os interlocutores Baniwa da comunidade Itacoatiara Mirim, que esta pesquisa de mestrado se justifica, ao investigar o papel que os itinerários terapêuticos possuem com relação ao surgimento de doenças e curas, como canalizadoras para a preservação e conservação da cultura do povo indígena. Os itinerários terapêuticos, na concepção de Helman (2003), são as ferramentas para a compreensão da busca por cuidados, com a finalidade de reduzir um desconforto físico

ou emocional, constituindo escolhas e práticas culturais, através do uso de fitoterápicos, xamanismo, dentre outras práticas da cultura material e imaterial, resultantes de um espaço de ação e interação social.

Este estudo percorre um viés sociológico caracterizado no método da observação participante, o qual se caracteriza no método qualitativo com raízes na pesquisa etnográfica tradicional, segundo descreve Marietto (2018). O autor nos mostra que a observação participante tem suas raízes na Antropologia social com Malinowski, na década de 1920. Posteriormente, a abordagem foi desenvolvida pela Escola de Chicago sob a liderança de Robert Park e Howard Becker.

Na Comunidade Itacoatiara Mirim a observação participante permitiu a interação entre comunitários e pesquisadora, proporcionando condições de investigar e compreender os modos de vida, costumes, desafios, entre demais fatores que permitiram trocas de saberes. Em que a inserção do universo investigado, segundo Proença (2008), é importante para o entendimento do contexto das ações e apreensão dos aspectos simbólicos que o circundam (Proença, 2008).

Segundo Queiroz *et al.* (2007):

O processo de observação participante segue algumas etapas essenciais. Na primeira delas, há a aproximação do pesquisador ao grupo social em estudo. Esse é um trabalho longo e difícil, pois o observador precisa trabalhar com as expectativas do grupo, além de se preocupar em destruir alguns bloqueios, como a desconfiança e a reticência do grupo. Nessa fase, é necessário que o pesquisador seja aceito em seu próprio papel, isto é, como alguém externo, interessado em realizar, juntamente com a população, um estudo. Diante disso, pode-se dizer que a verdadeira inserção implica uma tensão constante do pesquisador em razão do risco de identificação total com a problemática e o conflito de assegurar objetividade na coleta de dados.

Este tipo de método permite uma diversidade de vantagens que possibilitam que o contexto sociocultural observado seja utilizado, ou seja, que os conhecimentos socialmente adquiridos e compartilhados dentro da comunidade possam ser descritos pelo observador de forma densa, compartilhando o cotidiano, utilizando-se da percepção para sentir os significados das situações e das atividades comunitárias (Marietto e Sanches, 2013).

No tocante à coleta de dados em que foi submetido o trabalho, tem embasamento em Yin (2005), que apresenta as seguintes características para os métodos estabelecidos e propostos nessa pesquisa de campo:

- Utilização de múltiplas fontes de evidências, com triangulação entre diferentes fontes de dados, métodos e questões de validação. No primeiro contato com os comunitários, usamos o método da observação, conversa informal e anotações.

- Desenvolvimento do estudo de caso, com dados e evidências básicas e relatórios do investigador (a partir de registros escritos ou gravados, anotações e lembranças), que aumentam a confiabilidade da pesquisa. O estudo de casos foi essencial para a pesquisa, possibilitando conhecer o passado dos comunitários em diversas situações: emocionais, espirituais, físicas e mentais.

- Manutenção e manejo de evidências, onde se estabeleça uma cadeia de relações desde as questões de pesquisa, protocolos, fontes de evidências, banco de dados e relatório do caso. A socialização e amizade foram fundamentais, o que permitiu uma maior proximidade, possibilitando que observadores externos seguissem quaisquer evidências que levassem às conclusões do estudo.

Yin (2005) ressalta que a vantagem que se apresenta no uso de fontes múltiplas de evidências é a triangulação. Deste modo, qualquer descoberta ou conclusão em pesquisas sociais e antropológicas, provavelmente será muito mais convincente e acurada se baseada em várias fontes distintas de informação.

A pesquisa de campo contou com 23 colaboradores, os quais participaram do questionário estruturado; e 3 mulheres indígenas que participaram da entrevista semiestruturada, na qual relataram sua história de vida ao longo do tempo até os dias atuais.

O trabalho foi submetido ao comitê de ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM), com a finalidade de que sejam respeitados os direitos éticos dos participantes, e assegurados que as informações serão, exclusivamente, para fins científicos.

### *Primeiras percepções do lócus da pesquisa*

A interação no campo da pesquisa, ou seja, com a Comunidade Itacoatiara Mirim foi desenvolvida através de importantes etapas. As informações descritas foram coletadas por meio de observação participante, fotografias, áudios e entrevistas estruturadas e semiestruturadas aos comunitários, de forma livre, deixando o entrevistado à vontade para expor seus pensamentos e saberes.

O primeiro contato foi com o professor da escola, sr. Fábio Garcia. Nesse primeiro momento, foram feitas as apresentações. Foi exposto o motivo da minha presença na comunidade, a conversa foi muito agradável. O professor Fábio contou um pouco das dificuldades enfrentadas no dia a dia dos comunitários, principalmente na área da educação: “aqui no município de São Gabriel da Cachoeira a situação é precária, principalmente nas comunidades do interior”.

Dando sequência, após uma longa conversa com o professor, decidimos agendar um próximo encontro com o capitão da comunidade, o sr. Graciliano Alexandre.

Então iniciaram as primeiras etapas. O primeiro momento foi uma conversa com o capitão da comunidade, fui recepcionada em sua casa e através deste encontro pude conhecer o contexto social da Comunidade, sua realidade e desafios vividos e, por fim, compartilhamos um lanche com o famoso “chibé” (água com a farinha de mandioca).

No entanto, o capitão sr. Graciliano Alexandre, precisaria conversar com os comunitários em particular a fim de obter a permissão de todos, para evitar uma possível desavença futura. E, novamente, agendamos uma conversa com todos os comunitários. O encontro se deu no centro comunitário, foi lida a Carta de Anuência para a ciência de todos quanto ao objetivo da pesquisa. Tive a oportunidade de apresentar o projeto de pesquisa. Foi gratificante a maneira pela qual fui acolhida. Os comunitários foram bem acolhedores e receptivos, me senti à vontade para conversar, explicar o objetivo do meu trabalho. Nesse momento, pude expor o objetivo da pesquisa, na expectativa de uma resposta positiva quanto à permissão para realizar o trabalho.

O capitão da comunidade demonstrou ser muito bem-informado quanto aos acontecimentos e assuntos relacionados aos pesquisadores. Sabemos que a região do Amazonas, principalmente o município de São Gabriel da Cachoeira, é muito cobiçada. Então, foi esclarecido que a pesquisa não teria fins lucrativos, somente a revitalização do conhecimento tradicional.

Após uma longa conversa fui acolhida com um almoço comunitário e o famoso “Dabucuri” (dança indígena onde são oferecidas frutas como forma de aceitação e simpatia). Enfim, minha carta foi assinada pelos comunitários. Iniciamos a pesquisa de campo com o mapeamento e reconhecimento da área a ser estudada.

Esse reconhecimento foi feito por meio de visitas por toda a comunidade, onde foram observadas as construções das casas, sistema de eletricidade, fornecimento de água, cultivo de plantas medicinais, cultivo de roça, tipos de artesanatos, plantas silvestres,

rotina dos moradores, lazer, cuidados com a saúde, limpeza dos arredores, a organização da comunidade, visando o bem-estar dos moradores de diferentes etnias.

Para a realização do mapeamento, foram combinados em dias alternados, mediante agendamento. Assim, foi possível visitar oitenta por cento das famílias com o intuito de conhecer suas origens, etnia, modo de vida, costumes, grau de escolaridade, conhecimentos tradicionais e acompanhar a rotina dos moradores. Percebi que 100% dos comunitários não concluíram o Ensino Fundamental I, são falantes de várias línguas, como o nheengatu, tukano, baniwa, dentre outros. O português é falado pelos comunitários com uma certa dificuldade, mas é compreensivo. Surgiu o questionado do porquê de não concluir os estudos, a resposta foi unânime, devido às dificuldades de sobrevivência eram obrigados a trabalhar na roça, deixando os estudos para depois e esse depois ficou esquecido.

Realizamos um percurso pela floresta logo cedo por volta das 8 horas da manhã, foi muito emocionante, diferente do comum, a brisa no rosto, o cheiro da mata verde, os pássaros, insetos e a folhagem molhada criam um ar de medo diante da imensidão verde. Seguimos uma trilha em busca das plantas medicinais nativas ou silvestres, ao longo do percurso o sr. Graciliano relatou as experiências vividas na mata. Contou as dificuldades do trabalho na roça e extração de madeira, falou das inúmeras vezes em que foi mordido por cobras venenosas, e que foi trado com as plantas nativas. É surpreendente a imensidão de recursos medicinais existentes na mata, um verdadeiro presente dos deuses.

Diante das informações preliminares, foi possível realizar o levantamento bibliográfico no intuito de embasar obras relacionadas ao tema da pesquisa. Outro instrumento utilizado foi a pesquisa documental, feito nos Órgãos e Instituições locais.

Inicialmente, foi imprescindível elaborar uma pesquisa bibliográfica minuciosa acerca do tema em estudo e posteriormente embasar as referências ao objeto investigado. No momento, essas são as prévias da pesquisa realizada nessa primeira etapa, porém, na intenção de investigações aprofundadas e relevantes ao longo do percurso. Os dados apresentados até o momento, correspondem às primeiras impressões que serviram como bússola para dar sequência ao estudo de forma organizada e concisa.

## 1 A COMUNIDADE DE ITACOATIARA MIRIM

### 1.1 Localização geográfica

**Figura 1** – Vista Aérea do Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Amazonas – Campus São Gabriel da Cachoeira (IFAM-CSGC)



Fonte: Google Earth Pró (2019)

A comunidade de Itacoatiara Mirim está localizada no município de São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas, Brasil. Está situado no extremo Noroeste do Estado do Amazonas – Brasil, na faixa com Colômbia e Venezuela.

O município é conhecido como “Cabeça do Cachorro”. Sua área tem uma abrangência de 109.181,245 quilômetros quadrados, sendo o terceiro maior município brasileiro em extensão territorial, representando 6,95% do território estadual, 2,83% do território da Região Norte do Brasil e 1,28% do território brasileiro. De acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população é

estimada em 51.795 habitantes, considerado o 12º município mais populoso do estado do Amazonas segundo o IBGE (2025).

A área rural do Município de São Gabriel da Cachoeira é considerada a região com o maior número de pessoas no país que se autodeclaram indígenas (29.017), tendo ampla representatividade indígena estendida por todo o seu território.

Segundo o Distrito Sanitário Especial Indígena do Alto Rio Negro, residem nas comunidades indígenas rurais de São Gabriel da Cachoeira cerca de 29.114 indígenas (DSEI ARN- SIASI, 2018).

**Figura 2** - Imagem de satélite – Globo terrestre – América Latina – Brasil, Estado do Amazonas e município de São Gabriel da Cachoeira – Am



Fonte: Google Earth Pró (2019)

## 1.2 Etnografia da Comunidade de Itacoatiara Mirim

**Figura 3** – Vista Aérea da Comunidade de Itacoatiara Mirim



Fonte: Google Earth Pró (2019)

Geograficamente, a área de estudo corresponde ao município de São Gabriel da Cachoeira, situado no extremo Noroeste do Estado do Amazonas – Brasil, na faixa com Colômbia e Venezuela. Geograficamente, a Comunidade de Itacoatiara Mirim está situada na zona periurbana do município de São Gabriel da Cachoeira-Am, localizada na estrada de Camanaus-BR 307 no km 11, próximo ao aeroporto do município, fundada na década de 80. Em 1983, foi criada a Comunidade Itacoatiara Mirim, que na língua Tupi Guarani ou nheengatu significa “Pedra Pintada Pequena”.

**Figura 4** – Comunidade de Itacoatiara Mirim



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

Na época os Baniwa (clã Hohodene), em busca de melhoria de vida, migraram para a zona urbana abandonando seu habitar de origem. Foram várias tentativas até encontrar um local propício a recomeçar uma vida nova. Iniciar algo novo requer sacrifício, então inicia uma longa jornada. A história é narrada pelo sr. Graciliano Alexandre Garcia, atual capitão da comunidade. Seu Graciliano relata que nos territórios de origem a escassez de alimento foi se agravando, o que impulsionou a busca por outros locais que favorecessem a agricultura, caça e pesca.

A região onde os Baniwa residiam no Alto Rio Ayari não favorecia a multiplicação de peixes devido a águas escuras e ácidas, resultando na escassez de alimentos para o sustento da família. No entanto, desconheciam a rotina de uma vida urbana a qual requer condições financeira. Fato que causou uma série de dificuldades em adquirir terras, compra de alimentos, dentre outros, causando a migração de muitas famílias baniwa para a sede do município.

As famílias criaram uma rotina de viagem para vender seus produtos, sobretudo as viagens deram início ao abandono do território de origem. A primeira família a migrar para a zona periurbana foi a do senhor Laureano, no ano de 1983, que se instalou no km 13 próximo ao aeroporto do município, sítio cedido por um parente. Diante da necessidade do cultivo de seus alimentos tradicionais, foi cedido uma área de terra para o plantio da roça.

Notadamente, a situação começa a melhorar, motivo pela qual impulsionou o restante do povo Baniwa a abandonar seu território de origem. A família residiu por 14 meses no sítio. Posteriormente, a FUNAI tomou iniciativa para ajudar, a partir de então as conquistas acontecem e deram origem a Comunidade de Itacoatiara Mirim com um pequeno povoado de 05 famílias Baniwa, em 1983. Diante do crescimento demográfico de outras etnias, logo Itacoatiara Mirim passou a ser de fato uma comunidade, com igrejas, escola, espaços comunitários.

**Figura 5** – Escola Municipal Indígena Jerusalém



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

### 1.2.1 Características ambientais

A comunidade, por estar localizada na região do estado do Amazonas, possui uma vegetação densa característica da floresta amazônica. Essa floresta é constituída por matas de terra firme.

Floresta de terra firme são florestas que se desenvolvem em áreas que não estão sujeitas a inundações por estarem situadas em uma região

mais elevada do relevo amazônico. Essa característica favorece a proliferação de árvores de grande porte, podendo alcançar até 60 metros de altura. Nesse aspecto vegetativo, as folhas das árvores se aglomeram, dificultando a penetração de luz solar no seu interior, por isso não desenvolvem grande quantidade de plantas de sub-bosque (IBGE, 2012).

Os comunitários tiram o seu sustento da terra. Nesse sentido, é comum o desmatamento de pequenas áreas para o cultivo de roças. Algumas espécies de árvores são medicinais, fornecendo uma verdadeira farmácia natural sem custo-benefício. Estudos realizados na Amazônia sobre a fauna comprovam uma grande variedade de espécies medicinais para todos os tipos de doença do corpo humano. As riquezas naturais da floresta têm despertado muita cobiça pelos grandes laboratórios do mundo.

Nos arredores da comunidade e nos ramais próximos têm áreas consideradas capoeira, que não servem para o plantio. A capoeira são áreas que já foram cultivadas, sendo assim, não servem para o plantio devido a perda dos nutrientes. Essa terra considerada capoeira, precisa de aproximadamente 05 anos sem o cultivo, para então recuperar seus nutrientes naturais e receber um novo plantio. O estudioso José de Alencar (1865) fez um estudo acerca da palavra CAPOEIRA, um vocabulário popular:

Ao analisar a palavra CAPOEIRA, propôs para a origem do vocábulo o tupi CAA-APUAM-ERA, traduzido por ilha de mato já cortado. A composição da palavra ainda não foi totalmente esclarecida existindo diversas possibilidades para a montagem do vocábulo. Seguindo na proposta de origem em um vocábulo tupi-guarani, as opções mais aceitas pelos pesquisadores são CAÁPUÊRA e COÓPUERA. [...] Portanto, pode-se aceitar como significado para a palavra capoeira mato extinto. Tomando como partida a palavra COÓPUERA, onde COÓ significa roça, a palavra CAPOEIRA tem como significado roça abandonada.

Analisando o pensamento do autor, capoeira significa roça abandonada. Os indígenas utilizam bastante esse termo, na comunidade de Itacoatiara Mirim não é diferente. Logo no início, as roças eram próximas, nos arredores, porém, com a perda dos nutrientes da terra por conta do plantio repetidamente, as roças foram ganhando distância da comunidade, o que dificultava o deslocamento até a roça. Contudo, não impedia que as atividades de agricultura fossem realizadas.

O clima predominante na região é equatorial úmido, com muitas chuvas variando entre 22°C e 28°C. Essa temperatura resultante da proximidade à linha do Equador, carregando nuvens de chuva em toda a região, subindo drasticamente os níveis dos rios, prejudicando diversas fontes de vida. Relato dos moradores comprovam que nos períodos

de chuva as cobras venenosas fazem muitas vítimas. No percurso da roça elas atacam brutalmente as pessoas. Porém, a mata por ter uma farmácia viva e natural dispõe de remédio para tratar o veneno da cobra, tornando segura a vida dos agricultores.

O período chuvoso não traz apenas prejuízos, favorece o plantio da cultura da mandioca e banana, produtos estes que contribuem para o desenvolvimento sustentável. A sustentabilidade dos comunitários não depende apenas da agricultura, mas da biodiversidade que caracteriza a existência de diversos tipos de vegetais, animais e minerais que somam para renda familiar.

A maioria dos comunitários vivem do extrativismo vegetal, coletando principalmente açaí do mato, bacaba, tucumã, patauá, buriti e arumã. Alguns desses vegetais servem para a produção de artesanatos, tais como: peneira, tipiti, cestos, balaios, abano, tupé (tapete indígena), dentre outros.

A vida na comunidade requer sacrifícios. São desafios diários, um exemplo prático e diferente da vida do branco é a caça. Os caçadores fazem o ritual do cigarro benzido para dar sorte e proteger o corpo contra animais devoradores, o silêncio é fundamental para não assustar os animais. Não é simples, muitas vezes frustrado, o indígena sai em busca da caça para se alimentar e volta de mãos vazias, faz parte de sua rotina. Ainda assim, segue a vida com coragem e determinação.

A comunidade indígena de Itacoatiara Mirim atualmente possui 31 anos de existência e desenvolveu ao longo do tempo inúmeros eventos, trazendo autonomia política, econômica, social e ambiental. Os comunitários tiveram influência de algumas políticas públicas relacionadas ao meio ambiente e à atividade agrícola.

No início, as moradias eram feitas com os recursos extraídos unicamente da natureza, como a palha de caraná, madeira, cipó, barro etc. Os povos indígenas que na comunidade habitam, apresentam uma organização social, que se fundamenta em sua cultura, seus núcleos familiares, seus preceitos religiosos que colaboram para a dinâmica diária na comunidade. Eles possuem suas lideranças e representações, como se verifica nesta narrativa: *“realizam o papel de resolver as demandas comunitárias e as decisões sobre qual tema que tenha surgido e assim direcionar as ações dos comunitários”* (Entrevistado 1, 2024). Com o passar dos anos, a comunidade foi evoluindo, ganhando estrutura de comunidade. Atualmente, vivem famílias de diferentes etnias que migraram de outras comunidades, calhas de rio e sítios.

Durante os meses do ano, acontecem muitos eventos culturais, organizados pelos líderes comunitários, dentre os quais se destacam: festa junina promovida pelos

professores juntamente com os alunos. Dia das Mães, Dia das Crianças, dia dos Povos Indígenas, Natal, Ano Novo e Campeonato de futebol. Tais atividades são organizadas em reuniões no centro comunitário, mediante a opinião e aprovação de todos.

A comunidade de Itacoatiara Mirim foi ganhando visibilidade com o passar dos anos, despertando o sentimento de evidenciar a cultura indígena de alguma forma. Então nasceu a ideia de criar uma maloca com o intuito de divulgar a cultura para todos os visitantes. Em 2005, o sr. Luís Laureano construiu a Maloca do Conhecimento e passou a promover eventos culturais, festas comunitárias, benzimentos e rituais de cura. Acredita-se que a maloca foi uma das principais construções da época, atraindo pessoas e tornando o local um ponto turístico muito visitado. A estrutura da maloca, totalmente tradicional, com produtos da natureza como a palha de caraná, madeira e o cipó. Como tudo se desgasta, a maloca foi se deteriorando, necessitando urgentemente de reforma. Então, iniciou um dilema na busca por recurso financeiro, pois a comunidade não tinha como fazer a reforma. Com a ajuda do ISA (Instituto Socioambiental), FOIRN e outros órgãos parceiros, foi realizada a reforma, sendo reinaugurada no dia 19 de abril de 2018, sobre a iniciativa do sr. Luís Laureano.

**Figura 6** - Registro da Maloca do Conhecimento na Comunidade de Itacoatiara Mirim, em julho/2018 e abril/2025



Fonte 1: HEST. Fonte 2: Pesquisa de Campo, Costa (2025)

A maloca do Conhecimento sobreviveu por anos, contudo devido ao sol e à chuva constante, acabou desabando, sua estrutura não resistiu ao tempo, pondo fim aos eventos culturais da comunidade por um longo período. Em 2024, deu início à reconstrução da maloca, trabalho árduo para o pajé Lauriano já idoso, com a ajuda do ISA, a família do

pajé começou a jornada de trabalho intenso. Ainda no ano de 2024, o trabalho caminhou como o planejado, porém, um desastre inesperado, com 50% da construção realizada, a maloca desabou repentinamente, paralisando a reconstrução. Atualmente, a maloca está inacabada, sem previsão de retomada da obra, uma tristeza para revitalização da cultura.

A reconstrução da Maloca do Conhecimento tem causado uma certa discussão e descontentamento entre os comunitários, o que paralisa a continuação da obra. Contudo, a comunidade segue na busca de melhoria e bem-estar coletivo. Em 2023 o centro comunitário era um local pequeno não muito aconchegante, necessitando de um Centro mais amplo com estrutura bem planejada. E começa a busca na reivindicação por um local amplo para os eventos coletivos. Em 2024 a comunidade de Itacoatiara Mirim é contemplada com a construção do Centro Comunitário, um feito de grande importância para os moradores. O Centro comunitário é o local de reuniões, festejos e partilha de alimentos, promovendo a interação e união dos moradores.

## 1.2.2 Composição Social

### *a) População*

A comunidade é composta por famílias pertencentes aos clãs: Walipere-dakenai, Adzanene, Maolieni e Dzawinai. A comunidade deu início apenas com clã Hohodene da etnia Baniwa. Com o passar dos anos, a comunidade foi acolhendo pessoas de várias etnias. Atualmente, sua população chega a 190 pessoas, onde, residem 47 famílias distribuídas entre 88 pessoas da etnia Baniwa, 24 Desana, 12 Wanano, 13 Barassano, 1 Koripaco, 4 Tuyuca, 22 Barés, 5 Tukano, 11 Tariano, 8 Kubeo, 1 Bará e 1 Macona.

Diante da necessidade de melhoria da moradia, o Governo Federal construiu aproximadamente 28 casas populares de alvenaria que foram entregues à comunidade em 2011, uma grande conquista para os moradores. As famílias indígenas possuem uma característica marcante com relação ao número de filhos, percebe-se que a gravidez das mulheres acontece naturalmente sem nenhuma preocupação, resultando em famílias numerosas. Nesse contexto, as casas do governo sofreram algumas adaptações para acolher melhor todos os familiares, tais modificações realizadas pelos próprios moradores.

Sua população é composta, na sua maioria, por pessoas na faixa etária de 30 a 45 anos de idade, a geração mais idosa está desaparecendo de forma natural, ou seja, encerrando o ciclo de vida. Como descrito acima, a comunidade acolhe todas as etnias,

cada uma com suas especificidades, seus modos de vidas, suas técnicas de cuidado com o corpo e técnicas de cura através das plantas e rituais. O respeito é essencial dentro da comunidade, as crianças são ensinadas a respeitar os mais velhos e as diferenças culturais devem ser levadas em conta para uma vida em harmonia.

#### *b) Estrutura Familiar*

Ao longo dos tempos, o conceito de família tem ganhado uma nova configuração social. Observa-se atualmente que a estrutura familiar vem enfrentando conflitos decorrentes das relações entre os sexos, problemas financeiros, vícios, sobrecarga de trabalho, inserção da mulher no mercado de trabalho, papéis invertidos, dentre outros.

Tais conflitos ressignificaram o conceito de família tradicional, composta por pai, mãe e filhos, agregando o novo modelo de família estruturado no afeto independentemente do sexo. Os novos modelos de família correspondem: a família nuclear, família matrimonial, família informal, família monoparental e família reconstruída.

Na comunidade de Itacoatiara Mirim, as famílias ainda são tradicionais, compostas por pai, mãe, filhos e avós. A diversidade de etnias não interfere na estrutura familiar dos comunitários, é nítido o respeito que existe do mais novo para o mais velho, em que o homem exerce o papel de chefe de família, a esposa é responsável pela educação dos filhos e trabalhos domésticos. Esse formato de estrutura familiar foi o grande diferencial observado na comunidade.

Os casamentos entre parentes não são permitidos na cultura Baniwa, pois acreditam que tal ato seja um desrespeito e julgam pecado diante de Deus. O termo pecado é usado pelo fato de serem evangélicos, então, algumas atitudes não são permitidas dentro da comunidade. Outro exemplo é a proibição da bebida alcoólica. É uma regra aplicada aos moradores com o intuito de evitar possíveis desavenças, como o desrespeito ao próximo. A estratégia de proibição de incesto e bebida tem dado certo, pois durante a rotina de convívio, constatei que a comunidade é um local de respeito e harmonia.

Diante de um mundo com valores distorcidos, o povo Baniwa mantém o tradicionalismo familiar, onde os pais são respeitados pelos filhos e devem obediência total. Os princípios familiares são repassados às novas gerações, para uma vida abençoada, afirma o capitão da comunidade:

Eu dou conselho para os meus filhos, ensino o que é certo e errado, se ele quiser ter uma vida feliz, ele vai ouvir os meus conselhos, caso contrário sofrerá as consequências dos seus atos. Eu ensino como trabalhar, eu ensino como fazer o artesanato, muitas vezes eles não querem aprender, eu faço minha parte como pai e eles decidem o que querem da vida (Entrevistado, 2024).

Durante as entrevistas, os relatos são idênticos com relação aos filhos, a nova geração tem demonstrado resistência ao modo de vida tradicional, a justificativa de tal resistência tem a ver com a modernidade, a tecnologia dentro da comunidade. A tecnologia possui seus pontos positivos e negativos, porém a imaturidade das crianças tem causado o desinteresse pela própria cultura. Ainda assim, as famílias têm se esforçado para ensinar os princípios para uma vida feliz.

### *c) Grupos sociais e etnia*

Um ponto positivo identificado na comunidade, é que não existe discriminação ou qualquer tipo de preconceito em relação às etnias, ainda atualmente a comunidade tem acolhido pessoas de diferentes etnias.

A Etnia Desana constitui um grupo de indígenas que se concentra na região do Alto Rio Negro, Brasil, e na Colômbia, falantes da língua Tukano, se autointitulam Umukomasã, na tradução significa “gente do universo”. As etnias possuem diversas habilidades, cada uma se destaca de forma diferente. Os Desana se destacam na arte da cestaria, produzem artesanatos belíssimos a serem comercializados, contribuindo para sua economia e divulgação de sua arte. Seus rituais de cuidado com o corpo e cura de doenças são realizadas por técnicas xamânicas.

**Figura 7** – Imagens de Artesanatos Baniwa



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

Os cestos são confeccionados com produtos naturais, como palha de arumã, cipó e bambu. A tradição da cestaria é um conhecimento tradicional que vem desde o início da humanidade, suas técnicas foram aperfeiçoadas ao longo do tempo e vem sendo ensinada ou transmitida nas rodas de conversas, momentos de coletividade e interação. Na cultura indígena, o termo artesão não é utilizado, a arte é entendida como uma habilidade simples que surge mediante a necessidade, sendo que, para a cultura do branco, são chamadas de artesãs.

Na comunidade de Itacoatiara Mirim, o artesanato Baniwa se destaca pela riqueza nos detalhes de seus produtos. São produzidos na comunidade, o tipiti, peneira, abano, cesto urutu, cordas de rede e tupé.

**Figura 8** – Artesanatos Baniwa



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

A arte mais difícil de confeccionar é o balaio, seus acabamentos exigem técnica, é uma habilidade desenvolvida por poucos. O balaio possui muitas utilidades, serve para pôr o beiju, farinha, frutas e outros produtos alimentícios.

Outra etnia muito predominante na comunidade são os Tukano, vindos dos rios Tiquié, Papuri e Uaupés. As dificuldades são a principal causa do deslocamento desses povos. Em busca do sustento, migraram para a zona periurbana do município de São Gabriel da Cachoeira. Esse grupo étnico se autodenomina de Ye'pâ-masa ou Daséa com o diferencial em sua arte. São fabricantes do banco ritual, feito de madeira com uma linda pintura imitando os trançados da peneira. O banco é um adorno utilizado nos rituais e cerimônias a ser ocupado pelos líderes e kumua (benzedores). Atualmente o banco tukano é comercializado no mundo inteiro, dando visibilidade à etnia tukano.

Dentro da comunidade, todos têm livre arbítrio para produzir seus produtos e comercializar. Entende-se que as diferenças são respeitadas e valorizadas por todos os comunitários, o que torna a convivência harmoniosa.

Os Barasano também apresentam um número considerável dentro da comunidade, é um grupo predominantemente dos igarapés Tatu, Komeya, Colorado e Lobo, afluentes do Pirá-Paraná, território colombiano, e predominam também na bacia do Uaupés, no Brasil. Acredita-se que o grupo ainda se concentra em regiões de origem, porém, a busca pela melhoria de vida motivou a migração de muitos. A língua falada pelos Barasano é a língua tukano oriental. A sustentabilidade do povo indígena gira em torno da agricultura, caça e pesca. Os Barasano sobrevivem da pesca e agricultura de coivara para o plantio da mandioca.

**Figura 9** – Colheita de Mandioca



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

O povo Baré constitui o segundo grupo indígena mais numerosos na comunidade, são originários da região do Rio Xié e alto Rio Negro, um povo marcado pela violência e exploração da mão de obra extrativista. Descendentes da família linguística aruak, falantes da língua nheengatu. O motivo do abandono de sua terra de origem se caracteriza pela busca de melhores condições de estudo para seus filhos, trabalho, serviço militar e autonomia financeira na venda de seus produtos.

O povo Baré são artesões diferenciados, possuem muitas habilidades na confecção de tapetes, cestos, brincos, pulseiras, colares e leques. Os produtos são feitos com fibras vegetais como arumã, piaçava, tucum e sementes de açai.

**Figura 10** - Leque Baniwa



Fonte: <https://blog.retrobel.com.br/etnia-bare/>.

O povo tariano é de origem Aruak, vivem nas áreas do Alto Rio Negro, Médio Rio Negro I, Médio Rio Negro II, Taracua e Yauareté I. Muitos desses povos ainda residem nessas localidades, alguns migraram para o município de São Gabriel da Cachoeira, dando início as comunidades nos arredores. São reconhecidos como “filhos do sangue trovão” (bipó diroá masí), falantes da língua tukano. Foi um povo que contribuiu na luta dos povos indígenas, reivindicando os direitos e a valorização da cultura ancestral. Suas habilidades na arte são os trançados, com a palha de piaçava, cipó titica, cipó-uambé, arumã, semente naturais e madeira. Os produtos que têm ganhado visibilidade são os porta-joias, brincos e bolsas, feito com palha de piaçaba. Os visitantes se encantam com os detalhes dos trançados e sua comercialização tem expandido pelo mundo inteiro.

As etnias expostas aqui são as mais numerosas dentro da comunidade de Itacoatiara Mirim, elas têm contribuído incansavelmente na preservação da cultura indígena no município.

#### *d) Organização política e liderança*

As comunidades indígenas possuem suas regras de convivência. De acordo com a cultura de cada povo, são criados seu sistema de organização que deve ser seguido e respeitado pelos comunitários.

Na comunidade de Itacoatiara Mirim não é diferente. Para garantir um convívio comunitário e harmonioso, a cada 2 anos é feita a eleição para a escolha de um líder, ou seja, o capitão da comunidade. Essa liderança é escolhida por meio de critérios criados pelos próprios indígenas, que em conjunto discutem as metas para o crescimento e melhoria local. Assim, chegando aos critérios do líder ideal que irá conduzir a comunidade de forma coletiva.

Na atual organização social e política das comunidades indígenas, para que um integrante da comunidade indígena assuma a liderança é necessário que tenha diplomacia, entenda a sociedade não indígena, tenha um bom relacionamento com os órgãos governamentais, a fim de garantir melhorias para a comunidade onde vivem (Albuquerque, 2010).

Atualmente, o capitão da comunidade é o senhor Graciliano Alexandre da Silva, possui apenas o ensino fundamental I, casado, tem seis filhos, sendo quatro homens e duas mulheres, agricultor. Sua renda mensal se apresenta em torno de 1.500 reais (Entrevistado, 2024).

O ser humano é movido pela fé independente do lugar, cor, raça ou etnia. Os indígenas também possuem suas crenças, a espiritualidade acompanha o dia a dia dos comunitários. Foi identificadas duas religiões na comunidade: evangélica e o catolicismo, ambas possuem doutrinas e ensinamentos diferenciados em que as famílias são livres para escolher o caminho que julgar correto. Essas religiões estão divididas em: Igreja Adventista, Igreja Batista e Igreja Católica.

Afirma Durkheim (1996),

Toda religião, com efeito, tem um lado pelo qual vai além do círculo das ideias propriamente religiosas, e, sendo assim, o estudo dos fenômenos religiosos fornece um meio de renovar problemas que até agora só foram debatidas entre filósofos. [...] Não há religião que não seja uma cosmologia ao mesmo tempo que uma especulação sobre o divino. Se a filosofia e as ciências nasceram de religião, é que a própria religião começou por fazer as vezes de ciências e de filosofia. (Durkheim, 1996, p. 15)

Os Baniwa possuem religião sincrética, resultado das práticas tradicionais do cristianismo católico e práticas evangélicas. Na comunidade de Itacoatiara Mirim, os comunitários adotam sua filosofia de vida seguindo uma determinada crença de acordo com sua etnia. A religião não é imposta pelo capitão, o respeito à diversidade religiosa é fundamental.

Como em qualquer ambiente, a limpeza é fundamental. Para a limpeza da comunidade é organizado um cronograma mensal, sendo, duas vezes no mês, em dia de quarta-feira. Nesses dias é feito o mutirão de limpeza, em que todos ajudam de forma harmoniosa.

Observa-se uma organização rígida na comunidade. O capitão busca meios de manter ordem no ambiente. As reivindicações são constantes, mediante a necessidade da comunidade são feitas solicitações, algumas atendidas, outras negadas. No entanto, muitas reivindicações foram atendidas, tornando o local acolhedor e de fácil convívio.

No percurso, foi observado que as casas possuem banheiros com vasos sanitários, água encanada, *internet*, dois poços artesanais, um feito pelos comunitários para uso dos moradores e o outro feito pela Prefeitura do município, com objetivo de fornecer água para a escola.

Com o passar dos anos, a população da comunidade foi alcançando um número considerável de habitantes. Percebeu-se a necessidade da construção de uma escola. Após inúmeras reivindicações, as autoridades competentes resolvem construir uma escola a

qual foi denominada Escola Indígena Jerusalém, em homenagem à antiga escola da comunidade do Alto Içana, a qual os Baniwa abandonaram em busca de melhoria de vida. Anos atrás a Escola Municipal Jerusalém acolhia 90 alunos, porém com o crescimento da população, atualmente, a escola atende aproximadamente 120 alunos distribuídos em três níveis: Educação Infantil, Fundamental I e Fundamental II.

Quando falamos em educação, logo imaginamos inúmeros desafios enfrentados no dia a dia. Na comunidade os desafios são duplicados, são questões de estrutura, falta de material didático, falta de merenda escolar, falta de professores, enfim, as lutas são constantes para obter o básico. No entanto, a esperança é o combustível para continuar a caminhada em busca de dias melhores.

No mundo globalizado, as pessoas têm buscado incessantemente por lugares de destaque na sociedade, resultando na falta de tempo. É comum ouvir pessoas relatarem uma rotina cheia e estressante, as famílias não se reúnem para um café, um almoço, um lazer, os filhos não recebem a atenção necessária para a formação de pessoas equilibradas com senso de realidade. A rotina da comunidade possui um diferencial, prioriza os momentos de partilha, interação familiar e de amizade, fator fundamental para o bem-estar do corpo e da mente. A interação acontece no café da manhã, almoço, jantar e trabalho.

Nas férias dos alunos, os comunitários se reúnem para o café compartilhado todas as quartas, sextas e domingo com um cardápio bastante variado, como: mingau de farinha, mingau de beijú, quinhampira, tucumã, bolacha, café com leite e as vezes até o pão é compartilhado. Já nos dias letivos o café acontece todos os dias da semana com a participação dos professores, alunos e os líderes comunitários.

A escola exerce um papel fundamental na preservação da cultura indígena, onde é comemorado e enfatizado a importância das datas comemorativas. A partir desses ensinamentos, a criança desenvolve o espírito de valorização dos saberes tradicionais, tornando-o um adulto responsável por seus atos, com a consciência de que tudo na vida tem um objetivo e uma consequência, seja ela positiva ou negativa.

Na escola Indígena Jerusalém, são trabalhadas as seguintes datas comemorativas: Dia dos Povos Indígenas, Dia das Mães, Dia dos Pais, Semana da Pátria, Dia das Crianças, Dia dos Professores, Natal e Ano Novo. Todas essas datas estão incluídas no plano de Ensino da escola, onde os alunos desempenham atividades específicas referentes àquele período.

Afirma o capitão da comunidade sr. Graciliano Alexandre:

É muito difícil agradar a todos, eu procuro fazer o que é certo, mas, não tenho o apoio que preciso das autoridades competentes do município para proporcionar uma educação de qualidade. Na escola não tem salas suficientes para atender os alunos, então fui obrigado dar um jeito para resolver esse problema, resolvi utilizar a capela e o centro comunitário como salas de aula anexas da escola, então, essas situações me deixam triste, desmotivado, as vezes sem saber o que fazer para atender às necessidades da comunidade (Entrevistado, 2024).

A cada dois anos, são realizadas as eleições para o capitão da comunidade. Os candidatos são escolhidos pelos moradores, para então concorrer ao título de capitão. O senhor Graciliano conta que o cargo de capitão não possui remuneração. Portanto, é um trabalho árduo na qual se trabalha por amor:

Eu sempre sou eleito a capitão, trabalho com amor, tudo que faço é em prol da comunidade. As vezes recebemos alguma ajuda alimentícia, eu sempre divido tudo com os comunitários, fica um pouco para cada família, é assim que trabalho. Tudo que recebo, ou mesmo quando vou caçar e consigo algo, chamo os moradores e divido. Então eles gostam de mim porque sabem que eu compartilho tudo (Entrevistado, 2024).

As eleições são realizadas no mês de dezembro, a cada dois anos. Sabe-se que a gestão, para cada pessoa, é algo diferente, pois cada gestor possui suas estratégias de trabalho, podendo ocorrer um avanço ou a estagnação no desenvolvimento da comunidade. Atualmente, a comunidade tem alcançado seus objetivos, algumas vezes não são atendidos, mas seguem com perseverança.

Levando em consideração a independência da comunidade, os moradores apresentaram uma preocupação com o futuro de seus pequenos. A tecnologia é importante para a evolução do ser humano, porém tem sido uma arma poderosa na perda dos saberes tradicionais. Os mais experientes relatam que os aparelhos eletrônicos têm ocupado o tempo das crianças e jovens, que ao invés de ir para a roça ou aprender a confeccionar os artesanatos eles preferem o celular. Nesse contexto a tecnologia se torna a grande vilã, no entanto, é necessário impor um limite ao uso dessas tecnologias afim de evitar tais problemas citados pelos comunitários.

Nessa abordagem é importante frisar a importância em repassar os conhecimentos, preservar a cultura e a língua materna. Na comunidade, qualquer tipo de atividade que envolva o coletivo é organizado mediante um cronograma, inclusive para celebrar os cultos nas igrejas. A igreja Batista e a igreja Católica realizam os cultos todas as quartas

e sextas-feiras no período da noite, com duração de uma hora e meia, e aos domingos realizam no período da manhã e à noite. No entanto, a igreja Adventista realiza seus cultos somente aos sábados pela manhã e à noite.

O capitão da comunidade instrui os comunitários a respeitar as diferenças, respeitar os idosos, adolescentes e crianças. A rotina dos moradores é organizada com a opinião de todos, sendo reservado um momento de lazer, momentos estes que acontecem nos finais de semana, aos sábados e domingos.

O futebol é a principal atividade esportiva competitiva desenvolvida na comunidade. As competições se dão de duas formas, interna e externa. As competições internas envolvem os atletas da comunidade e as externas dá espaço aos times de fora. A interação é importante, abre portas para o crescimento da comunidade nos aspectos políticos, sociais e culturais. Enquanto os adultos se exercitam no futebol, as crianças brincam debaixo das árvores, correm e interagem entre si. As crianças indígenas estudam, brincam e aprendem muito cedo a enfrentar a dura realidade da sobrevivência.

Na cultura indígena, as crianças são ensinadas a trabalhar na roça a partir de oito anos de idade, segundo os moradores da comunidade, é fundamental a criança participar da rotina de trabalho dos adultos, para garantir o aprendizado da cultura e modo de sobrevivência. Sobretudo, existe uma resistência por parte das crianças e dos adolescentes na questão cultural, pois a modernidade e os instrumentos tecnológicos têm encantado essa geração, causando o desinteresse da própria cultura.

Em vista disso, a geração de idosos obtém para si os conhecimentos tradicionais, se recusando a repassar aos jovens por falta de interesse dele. Com o passar dos anos, os idosos encerram seu ciclo de vida e levam consigo os saberes ancestrais. Alguns idosos se recusam a ensinar suas técnicas para os mais novos, por acreditar que ao ensinar suas técnicas correm o risco de perder o poder, então decidem guardar seus conhecimentos para si, tal atitude possibilita que os conhecimentos tradicionais se percam com o tempo.

### **1.3 Dinâmica Cultural na comunidade**

#### *a) Cultura e tradições*

O povo indígena possui um diferencial em seus conceitos de tradição, podemos citar nas formas de vida, vestimenta, alimentação, interação e valorização da cultura entre si. Foi observado que o hábito da comida compartilhada ainda continua presente na comunidade, a famoso almoço comunitário, onde todos contribuem com um tipo de

alimento regional, como a quinhampira, o chibé de açaí, mujeca, curadá, muquiado de peixe, maniuara e frutas.

A almoço acontece no centro comunitário, primeiramente o capitão bate o sino para que todos se dirijam ao centro levando suas panelas de comidas, seu prato, copo e colher. Os alimentos e pratos são postos em duas mesas grandes, em seguida o capitão da comunidade faz uma oração agradecendo a Deus pela vida e pelo alimento a ser compartilhado, posteriormente o almoço é liberado primeiramente para crianças que se organizam em fila para receber o alimento. Os próximos a se servirem são os visitantes, as mulheres e os homens. Todos comem e bebem à vontade, entre risos e conversas em um clima de pura felicidade.

Outro evento marcante, é a dança do Dabucuri, uma dança de casais, na qual o homem conduz a dama e ao mesmo tempo toca a flauta indígena. Durante a dança, a mulher carrega consigo frutas para homenagear os visitantes como forma de aceitação e simpatia. A dança é realizada no centro comunitário em ocasiões importantes, com a presença de políticos, pesquisadores ou mesmo eventos de datas comemorativas. Ao final da dança, as frutas são entregues aos visitantes que, por sua vez, não podem rejeitar nenhum alimento oferecido.

A comunidade promove outros eventos como o Dia das mães, Dia dos Povos Indígenas, Dia das crianças, Natal e Ano Novo. Um dos principais eventos comemorado é o Dia dos Povos Indígenas, todos participam da festa, os adultos e as crianças dançam, os idosos apenas assistem, são os principais telespectadores. As danças indígenas fazem parte de todos os eventos, é uma forma de demonstrar e valorizar a identidade indígena. Contudo, o momento mais aguardado é o compartilhamento das comidas típicas, um verdadeiro banquete aos olhos, a fartura na mesa é a principal atração e uma maneira infalível de promover a harmonia e felicidade ao grupo.

#### *b) Idioma e expressões culturais*

A diversidade de etnia torna a comunidade rica. No contexto linguístico, foi observado a predominância da língua Baniwa aruak, elemento fundamental para a preservação da identidade cultural deste povo. O conhecimento é transmitido através da oralidade, nesse viés, é importante destacar as múltiplas línguas faladas pelos moradores de Itacoatiara Mirim.

Algo impressionante identificado foi a facilidade que os moradores possuem na aprendizagem de várias línguas, pois cada morador é falante de no mínimo duas línguas indígenas, patrimônio cultural. As crianças convivem com diferentes etnias e acabam desenvolvendo várias línguas com muita facilidade. As línguas mais faladas na comunidade são o nheengatu, baniwa e tukano, a maioria dos moradores compreendem e falam essas línguas. O português é falado somente pela geração mais jovem, já os idosos não entendem e nem falam o português, o que dificultou o relato dos conhecimentos tradicionais que eles detêm. As expressões indígenas são diversificadas devido às diversas manifestações culturais, como as danças, as comidas, o artesanato, as pinturas corporais, os rituais ou qualquer forma de cultura material e imaterial.

#### *c) Economia e modo de vida*

A comunidade é composta por 47 famílias que sobrevivem da agricultura familiar, todas possuem no mínimo duas roças, onde é cultivado mandioca, macaxeira, abacaxi, pimenta ardosa e banana, todos esses produtos são comercializados, recurso este que proporciona o sustento e a independência da comunidade. Outras frutas são cultivadas para o próprio consumo, como: ingá, umari, cana, cará, coco, laranja, abiu, abacate, cupuaçu e mamão. Conforme se verifica nas narrativas do capitão: “Eles são felizes com o que tem, é pouco, mas é honesto e digno”, afirma o senhor Graciliano.

O manejo das roças de mandioca se inicia logo pelo período matutino, 7:30 até as 14:00h. Muitas vezes sem pausa para o almoço, apenas intercalando com um lanche tradicional, o “chibé” (água com farinha). As roças se localizam nas proximidades da comunidade e no ramal de aproximadamente uma hora de caminhada.

Para facilitar o trabalho, os moradores constroem a casa de farinha ao lado da roça, assim, fazem todo o processo da extração e fabricação da farinha e outros derivados (tapioca, goma, beijú, tucupi etc.).

#### *d) Educação e transmissão de saberes*

Quando falamos de conhecimento tradicional nos remetemos ao passado, aos ancestrais, à originalidade da cultura, à verdadeira essência indígena. Nessa circunstância, observamos um declínio na transmissão dos saberes tradicionais, transpondo um saber ressignificado dentro da cultura indígena. Nas comunidades indígenas, ainda se vê o

processo de transmissão dos saberes através da comunicação verbal, socialização e interação. Contudo, o contato com outras culturas tem enfraquecido esse processo.

A língua é uma cultura mundial que acompanha a humanidade. No passado, a comunicação era através de sinais até alcançar uma linguagem inteligente e compreensiva. A língua é o principal mecanismo para a transmissão dos conhecimentos tradicionais. Essa transmissão se dá por sexo e idade, os homens repassam os conhecimentos aos meninos na questão da pesca, caça, modo de sobrevivência de sua família e o ritual de passagem da fase de criança para a fase adulta, já as mulheres ensinam as meninas a cuidarem do corpo, ritual da menina moça, cuidar da casa, filhos e trabalho na roça.

Foi evidenciado que na comunidade de Itacoatiara Mirim, as crianças não demonstram interesse em aprender a cultura de seus pais, se encantam com a cultura do homem branco e com a tecnologia, tal evidência identificado nas falas dos moradores.

O mundo é repleto de oportunidades, existem inúmeras possibilidades de evolução como ser humano dentro da sociedade, pode-se considerar o ponto de partida em busca de novos conhecimentos para dar voz a um determinado grupo menos favorecido na sociedade. Ao mesmo tempo em que é necessário um conhecimento amplo de mundo para dar voz, a voz indígena se perde e se entrelaça ao conhecimento ocidental, ocasionando a perda da cultura original de um povo. Algumas etnias possuem suas tradições registradas por meio de estudos, garantindo a transmissão da ancestralidade de seu povo.

#### **1.4 O povo Baniwa: interpretação do mundo e manifestações socioculturais**

Os povos originários ameríndios apresentam uma diversidade sociocultural e étnica em diferentes contextos geográficos, sociais e políticos, com identidades que coexistem, se debruçando sobre a interculturalidade, demonstrando as variedades possíveis de indianidade e humanidade, segundo Gersen Baniwa (2006). As diferentes expressões materiais e imateriais que configuram as sociedades indígenas são o que lhes dão a percepção sobre o universo que os rodeia, sua cultura, seus costumes, modos de vida, os manejos da biodiversidade, crenças mitológicas e cuidados com o corpo.

Os Baniwa são originários da região do rio Içana um dos principais afluentes do Alto rio Negro. Este povo desde o começo das explorações econômicas na região tem

sofrido notavelmente no panorama de seus costumes e modos de vida, bem como a sua cultura. O povo Baniwa, em sua essência, é um dos 24 povos da região, possivelmente um dos mais impactados pelos avanços religiosos, tanto do catolicismo quanto do protestantismo, os quais causaram mudanças de paradigmas em relação ao modelo das moradias, casamentos, danças, biomedicinas, costumes considerados milenares e tradicionais. A partir de uma ação extensa e profunda, forçaram para que abandonassem suas tradições nas comunidades do rio Içana, onde as igrejas se implantaram, e logo promoveram o que podemos chamar de “lavagem cerebral”.

As memórias dos cuidados sobre a saúde foram também banidas. Os sábios Baniwa foram calados e orientados a seguir os preceitos impostos pelas duas vertentes religiosas que, na região do rio Içana, se adentraram, objetivando primariamente “arrebancar” e criar condições para a dominação desses povos indígenas na região do rio Negro. Contudo, a interação com a cultura do branco, através das explorações econômicas e da religião, levou também novas doenças e, por consequência, a medicina tradicional não poderia ser posta em prática, por ser vista pelos missionários como rituais de caráter negativo, sendo um costume que deveria ser combatido.

Em relação a tais questões sobre o povo Baniwa e suas práticas na medicina indígena, adiante apresenta-se o embasamento e arcabouço teórico que nos permite compreender a partir de pesquisas antropológicas e sociológicas na região do rio Negro. Uma das principais obras é de um etnógrafo alemão, que percorreu a região no início do XX, chamado Theodor Koch-Grünberg, em 1909. Este pesquisador descreveu sobre as práticas tradicionais de cura, e narra como os Baniwa sempre se destacaram no rio Içana, como notórios curandeiros e sábios de conhecimentos sagrados, guardiões de sua cultura, das plantas que curam (Koch-Grünberg, 2005, p. 110-114). Capredon (2018), apresenta em sua pesquisa sobre o povo Baniwa, cujo título é “Derrota interna, sucesso exterior: a patrimonialização do xamanismo entre os Baniwa (Alto Rio Negro – Amazonas)”, pesquisas voltadas à temática de curas, do xamanismo e as tentativas de dominação do povo Baniwa através da religião.

Capredon (2018) ressalva sobre os escritos de Irving Goldman, em 1948, que se pautou na mitologia Baniwa considerada sofisticada e com um complexo de curas por pajés, em que esses sábios eram especialistas em técnicas medicinais, como: uso de plantas medicinais, “aspiração” da doença com a boca, fumigação de tabaco, e como indivíduos ambivalentes, a quem se atribui o poder de curar, bem como o de matar (Goldman, 1948, p. 793-798, citado por Capredon, 2018).

Além dessa pesquisa na região, a antropóloga Elise Capredon (2018) descreve ainda os primeiros estudos considerados sistemáticos como, por exemplo, de Galvão em 1959, sobre a cosmologia e às práticas rituais dos Baniwa, como o Dabucurí, que foi veemente banido pelos missionários naquela região, o ritual do Juruparí e o toque de flautas sagradas.

Outro importante e notória pesquisa que fortalece a ideia de que os Baniwa possuem um alto potencial na medicina indígena no rio Negro, por serem considerados possuidores e guardiões dos conhecimentos sobre a cura de doenças. Há os trabalhos de Wright (2004) que se norteiam na etnografia com os Baniwa, na conversão religiosa e seus impactos na cultura, os movimentos da evangelização realizada pela missionária americana Sophie Muller, que levou parte da região do rio Içana ao fanatismo religioso, separando comunidades e famílias que tiveram que abandonar a região por não aceitar o regime religioso imposto pela missionária na época, promovendo tensões, difamações dos pajés, brigas e expulsões de famílias que tiveram de migrar dos territórios sagrados para outras localidades, onde pudessem expressar a sua cultura Baniwa (Wright, 2004).

Verifica-se as diversas abordagens desenvolvidas dentro do contexto, no qual a presente pesquisa teceu caminhos para se debruçar, pensar, elaborar e refletir sobre o título: Olhar Indígena sobre a *idzâmiketh* (doença) e *watapetakaa* (cura) na Comunidade Itacoatiara Mirim em São Gabriel da Cachoeira/ AM. A qual tem como pretensão dar contribuição científica acerca deste grupo étnico, oriundo da Bacia do rio Içana, que percorreu longos caminhos pelos rios que banham os ecossistemas amazônicos da “cabeça do cachorro”, até se adentrar ao contexto periurbano do município de São Gabriel da Cachoeira.

Trazendo consigo seus conhecimentos tradicionais, suas perdas, memórias culturais de seus antepassados e suas conexões com o universo que os rodeia. Enfim, seu olhar sobre as doenças consideradas indígenas, as doenças trazidas pelo homem branco e as formas como são tratadas, curadas e que, por pouco, ainda não foram esquecidas, mas que necessitam ser repassadas e mantidas pelas atuais gerações que por ora ainda recorrem às práticas milenares da medicina Indígena.

Para assim viverem suas manifestações socioculturais, enfrentam as dificuldades, conflitos e obstáculos que vivenciam cotidianamente quando se defrontam com o universo do homem branco e do mundo contemporâneo, que ora lhe impõe desafios que são combatidos através das manifestações socioculturais (curas, crenças, rituais, percepções, significados simbólicos) resguardados em sua essência.

Esta pesquisa se estrutura na questão de que os antigos e sábios Baniwa buscam interpretar a fauna, a flora, o meio ambiente como um todo e respeitam os sinais emitidos desses diversos meios circundantes, dando-lhes conotações de como enxergam o mundo. Os Baniwa identificam e refletem onde estão as causas das doenças, suas conexões, seus métodos tradicionais de cura. Um exemplo recente de tratamento tradicional ocorreu no período da pandemia do Covid-19, em que os conhecimentos tradicionais fizeram a diferença no município de São Gabriel da Cachoeira.

As trajetórias que esta pesquisa adentra consideram os benzimentos, fumos e orações nos seus territórios, onde são extraídas as plantas medicinais, como casca de pau, folhas, raízes, flores, dentre outras, e como estes conhecimentos tradicionais estão sendo repassados dentro da Comunidade de Itacoatiara Mirim.

### **1.5 Cosmologia Baniwa para a preservação sociocultural**

A cosmologia é a ciência que estuda a origem, estrutura e evolução do Universo, tais respostas advindas da Física, Matemática e da Astronomia. Assim, consideramos uma ciência multidisciplinar, capaz de entender como o universo se formou e como será o destino da humanidade.

Atualmente, a cosmologia envolve estudos que investigam a origem do Universo com a ajuda da alta tecnologia que possibilita resultados rápidos e concretos. Na era dos primórdios, a cosmologia estava ligada diretamente à descoberta dos cosmos por meio da observação. A busca de resposta para o desconhecido levava um período longo, as tecnologias não existiam para explicar os fenômenos, a única maneira era observar e analisar cada objeto ou sinais emitidos pelo universo.

A cosmologia está fundamentada na literatura mitológica, religiosa e esotérica e nas tradições dos mitos da criação e escatologia. Para o indígena a criação do mundo e o destino da humanidade pode ser desvendado unicamente pela cosmologia, considera-se que o universo é constituído por seres espirituais com missões específicas ainda não compreendidas, mas que toda a explicação está ao nosso redor.

Dentro da cultura indígena existem os especialistas, indivíduos preparados para se apropriarem de poderes sobrenaturais. Estes são preparados logo nos primeiros anos de vida, uma exigência para lançar mão dos poderes espirituais. Segundo os especialistas, o corpo precisa estar puro e em equilíbrio com o universo. O indígena acredita que o corpo

é constituído por elementos da natureza, em razão disso a cura provém da natureza. Segundo Barreto (2021):

É a partir do conceito de elementos que constituem o corpo que os especialistas lançam mão das fórmulas de bahse de produção de cuidado do corpo, acionam os elementos curativos contidos nos vegetais, nos animais, nos minerais e os fenômenos naturais para abrandar as dores, curar as doenças e proteção da pessoa (Barreto, 2021, p. 45)

Ao visitar o Centro de Medicina Indígena Bahserikowi, na capital do estado do Amazonas, em agosto de 2023, tive a oportunidade de conhecer o Antropólogo João Paulo Barreto que fez um relato sobre os espíritos que se comunicam com os seres humanos. Entretanto, exige uma preparação do espírito e do corpo. Tal preparação é feita através do bahse, que constituem as fórmulas metaquímicas e metafísicas capazes de evocar substâncias curativas dos vegetais, minerais e animais para a proteção, tratamento e cura do corpo e da alma.

**Figura 11** – Centro de Medicina Indígena Bahserikowi. À esquerda, a pesquisadora Costa, e à direita, a pesquisadora Costa e o Antropólogo Dr. Barreto



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2023)

Barreto relata como acontece os rituais para atrair a pessoa amada:

É simples atrair a pessoa amada, primeiramente o especialista pede para escrever o nome das duas pessoas em papel em branco, ele pediu para a pessoa levar um perfume novo, em seguida reza no perfume mentalizando todas as criaturas lindas do universo, pode ser flores, beija-flor e outros, mantém os olhos fechados por alguns minutos. Após

o ritual do benzimento, o especialista pede para a pessoa usar o perfume nos momentos íntimos e acontece a magia, as pessoas se tornam atraentes e lindas aos olhos de quem a ver. Mas é necessário a crença no ritual senão não acontece a magia (Entrevistado, Barreto, 2023, n.p.)

O antropólogo Barreto salienta que o especialista tem o poder de unir duas pessoas que não se amam, através do benzimento no perfume, em que se mentaliza no perfume todos os elementos belos da natureza despertando o interesse e o amor. Neste processo ritualístico, acontece a magia do amor, a qual o casal se sente atraído um pelo outro com uma conexão de encantamento. O benzimento é uma prática milenar entre os indígenas, as expressões variam de acordo com cada etnia, entre os Tukano é denominado bahsese. Os termos variam, porém, as práticas visam um único propósito de cuidar do corpo, alma, mente e espírito.

O ritual do benzimento vai muito além da magia do amor, o poder sobrenatural é aplicado no tratamento e na cura de doenças. Os instrumentos utilizados são os elementos naturais como folhas, flores, raízes, seiva, cascas e água. Na etnia Tukano, o instrumento principal é a água.

Como pesquisadora, eu precisava ver, ouvir e sentir as emoções, debruçar-me em novas experiências para descrever a realidade dos fatos. Então, decidi viver a experiência do ritual de benzimento. A seguir, um relato vivenciado no Centro de Medicina Indígena Bahserikowi, em 2023:

Tudo começou durante as disciplinas obrigatórias onde um dos professores solicitou uma resenha sobre a tese de João Paulo Barreto. Nesse momento, me atualizei a respeito da existência do Centro de Medicina Indígena Bahserikowi através da leitura, e nasce o sonho em conhecer o doutor João Paulo Barreto, orgulho da população indígena de São Gabriel da Cachoeira. Me organizei e chegou o grande dia, foi uma emoção tremenda conhecê-lo, suas falas sábias encantam quem ouve. Ele contou um pouco de sua trajetória até se tornar doutor, uma história de determinação e desejo em mostrar ao mundo a cultura indígena. Contou um pouco sobre o trabalho realizado no Centro de Medicina, em que os pajés (especialistas) atendem as pessoas que vem em busca da cura de suas enfermidades. São vendidos medicamentos à base de produtos naturais. Os pacientes que mais procuram o centro são os brancos, vindos de outros estados do Brasil, assim divulgando a medicina indígena. Durante minha conversa com Barreto, relatei sentir dor no pescoço e prontamente ele perguntou se eu não gostaria de experimentar o ritual de cura. Achei interessante e aceitei. A moça me levou até o especialista, um senhor já idoso indígena que aguardava em uma sala reservada. Então me sentei em uma cadeira e expliquei o que estava sentindo, ele rapidamente começou a falar que eu estava sofrendo de ataques de pessoas invejosas, isso causa muitas dores pelo corpo e mal-estar. Mas disse que ia rezar para acalmar as dores, mas

precisava de uma garrafinha com água e um perfume para rezar, como não fui pronta para tal ritual, não foi possível, só conversamos e marcamos a consulta para o dia seguinte. No dia seguinte fui preparada, levei a água e o perfume. Então começou o ritual, primeiro ele pegou a água, fechou os olhos e entrou em conexão com o mundo sobrenatural, ficou por alguns minutos, em seguida pediu que eu tomasse a metade da água, continuou rezando com os olhos fechados. E novamente tomei outro gole de água, e o restante ele pediu que eu tomasse em casa. Outro método que ele usou foi com o perfume. Levei o perfume e entreguei para o especialista, ele abriu o frasco e começou a benzer, fechou os olhos e ficou por alguns minutos em conexão com o mundo sobrenatural. Em seguida, ele entregou o perfume e pediu que eu passasse um pouco no local da dor. Suas palavras são sempre positivas, afirmando que as dores desaparecerão, basta confiar. E disse mais, “o mundo está cheio de pessoas ruins, pessoas invejosas, que desejam o mau para as pessoas, por isso é importante fechar o corpo contra as maldades das pessoas. A inveja causa muitas doenças podendo levar à morte” (Costa, 2023).

O relato da experiência comprova que as técnicas de cura através dos rituais e das plantas medicinais realmente funcionam. Tais técnicas sempre existiram, desde os primórdios, e atualmente continuam vivas como um tratamento eficaz sem contraindicação no mundo indígena e não indígena. No Centro de Medicina Indígena Bahserikowi, as práticas tradicionais são valorizadas, os remédios caseiros são manipulados e comercializados. Dessa forma, fortalecem os conhecimentos ancestrais do povo tukano.

A busca pela valorização da cultura é contínua. Líderes de várias etnias lutam incansavelmente para ocupar um lugar na sociedade e assim dá voz à população indígena. Estudos realizados comprovam uma relevância do povo Baniwa, os Medzeniakonai, assim chamados dentro do próprio povo, foram denominados Baniwa pela população não indígena, carregam uma história de Guerra e dor para consolidar seu povo.

A população indígena Baniwa está localizada e espalhada no rio Negro, em São Gabriel da Cachoeira – AM. Todavia, há também parte dessa população nos municípios de Santa Isabel do Rio Negro, Barcelos e Manaus. Registros comprovam que a população Baniwa também se concentra na Colômbia e Venezuela. Durante a colonização, a etnia Baniwa foi marcada por sangue pelos exploradores portugueses e espanhóis (Santos; Quinteiro, 2018).

Durante o século XVIII, houve perseguição, morte e escravização desse povo, período de exploração das terras indígenas brasileiras. Esse período trouxe muitos problemas aos nativos, um exemplo foi o surto do Sarampo e Varíola que afetou boa parte dos indígenas, causando mortes. A transmissão de doenças ocorreu pela escravização,

pela troca de serviços e objetos de uso, escambo, que possibilitava o contato com a população europeia (Santos; Quinteiro, 2018).

Segundo os autores supracitados, é possível afirmar que atualmente a população Baniwa está bastante reduzida devido à escravização e à violação dos direitos humanos que sofreram durante a exploração das terras indígenas. Afirma ainda que a chegada da igreja católica em São Gabriel da Cachoeira também se definiu como uma opressão à população Baniwa. Atualmente, é possível visualizar a sua organização e ocupação em escolas e associações indígenas, ocupando cargos nas Secretarias Estaduais e Municipais, um grande avanço e valorização do intelecto indígena.

Com a evolução da humanidade, sentiu-se a necessidade da sobrevivência, e o ponto de partida era a melhoria da vida financeira, para o homem da floresta algo desconhecido, porém necessário dentro de uma sociedade capitalista.

Nas comunidades, este conhecimento construído ao longo do tempo e repassado de geração a geração, até hoje tem sido sua principal forma de sobrevivência (Vianna; Fontes; Cardoso, 2022). Os saberes e rituais contribuem para a sobrevivência do povo indígena. Um ritual de cura é entendido como algo muito valioso que, de certa forma, requer um valor simbólico em espécie ou mesmo a troca de produtos alimentícios.

No município de São Gabriel da Cachoeira, os Baniwa têm ganhado visibilidade com suas técnicas fitoterápicas advindas da cosmologia. Acredita-se que o homem é constituído pelos elementos da natureza, água, terra, fogo, floresta e ar. Sendo assim, a relação do homem com a natureza é fundamental para o bem-estar do corpo e da alma.

Os Baniwa acreditam que o mundo está cheio de maldade, doenças e infortúnio. Diante disso, é necessário que haja os guardiões da vida, na figura do pajé, capazes de promover o equilíbrio entre o homem, a terra e os cosmos.

Para Wright (1996):

[...] o cosmos, com múltiplas camadas, é o “mapa” temporal/espacial representando vários estados da alma e suas transformações através do qual o pajé deriva e constrói significados nas suas curas e outras atividades. Uma das heranças da cosmogonia é que o mundo em que os Baniwa vivem é permanentemente manchado pelo mal, pela doença e pelo infortúnio. O pajé livra este mundo do mal, por isso é o “guardião do Cosmos” (Wright, 1996, p. 50).

Em análise da cultura Baniwa, as crenças representam a fé na espiritualidade do universo sagrado. O termo Universo Sagrado se divide em três substâncias sagradas

usadas em rituais: pariká, tabaco e caapi. Segundo os Baniwa, tais substâncias são fontes de poderes sobrenaturais usadas pelos pajés. Wright (2005) explica:

O pariká é tomado estritamente pelos pajés e principalmente para fins de cura. Como entre diversos outros povos (Chibcha, povo do Oeste Amazônico e do Orinoco), o pó é usado para provocar transe, visões e comunicações com os espíritos e as divindades. É atribuído o poder de estimular a clarividência, a capacidade de profecia de adivinhação. (Wright, 2005, p. 174).

O mundo Baniwa é guiado pela cosmologia, a vida gira em torno das crenças e mitos, um grande diferencial desse grupo étnico. Tais crenças e conhecimentos sagrados cabem unicamente ao pajé, a fim de afastar o mal, as doenças e possíveis reações contrárias da natureza contra a vida humana. Os mitos dentro da cosmologia explicam a origem de tudo, do conhecimento, das doenças, técnicas e dos rituais a serem aplicados mediante a necessidade em tempo real.

O universo carrega infinitamente os mistérios a ser desvendado. Nesse viés, a cosmologia busca trazer as respostas para o desconhecido, tais respostas concretas ou imaginárias. Cada etnia carrega consigo sua espiritualidade em seres que consideram sagrados. Os mitos na cultura indígena exercem papel fundamental para a compreensão dos fenômenos, cada etnia possui seus mitos e suas crenças.

Um dos mitos mais significativos para o Baniwa é do Kóai:

O nome Kóai (ou Kowai, Kuwai etc.) remete a um herói cultural da cosmologia baniwa. Trata-se de uma figura complexa que, na mitologia do grupo, ensinou aos homens diversos conhecimentos e técnicas, mas que também deu origem ao “manhene”, veneno ao qual se atribuem muitas doenças graves e mortes. A sua morte faz surgir as plantas que permitem fabricar as flautas usadas durante o rito de iniciação masculina. Tanto o rito quanto os instrumentos são assim chamados Kowai. São também conhecidos no Alto Rio Negro como “Jurupari” ou “Yurupari”, nome que os primeiros missionários, que assimilavam o herói cultural a um demônio, lhes deram em nheengatu (língua geral) (Capredon, 2018, p. 109).

Entende-se que os conhecimentos tradicionais são adquiridos mediante a cosmologia que ao longo dos anos se aperfeiçoou, deixando uma herança ancestral para a nova geração. Nessa conjuntura, a religião está presente não interferindo nos conceitos cosmológicos, ao contrário, a religião eleva o nível de santidade dos pajés, tornando-os profetas. A cosmologia para o indígena é a observação do universo e seus elementos constituintes, tais elementos detentores de poderes sobrenaturais capazes de emitir sinais

na prevenção de situações desagradáveis, onde existe a possibilidade de evitar se entendido em tempo hábil, isso se chama conexão com o Universo através da fé.

Cosmologia e religião preparam o indivíduo para exercer o poder da cura, os famosos pajés, (líder espiritual) que atuam como curandeiros, sacerdotes ou feiticeiros. Através da religião é possível desenvolver a fé no imaginário ou desenvolver a espiritualidade, característica essencial para a função de pajé. Os indígenas dentro de sua cultura, preferem ser chamados de pajé, porém, possui o mesmo significado de especialista, um termo utilizado atualmente.

Os registros revelam duas formas religiosas na cultura Baniwa, a profética característica das fraternidades Hohodenee Dzauinai e a outra evangélica apropriada pelos Walipere-dakenaie Mauliene. A religião permitiu o conhecimento de outras etnias e crenças, tornando o meio Baniwa diversificado do qual resultam o sincretismo religioso e o rompimento com os elementos da cultura tradicional. Segundo Wright (2005):

[...] a tradição profética começou como uma apropriação do catolicismo popular por pajés que forjaram novas cosmologias, integrando os símbolos centrais das religiões indígenas e cristãs, numa continuidade secular importante. Em contraste, o evangelismo provocou uma ruptura, um abandono da tradição, e a implantação de algo novo que, aos poucos, as lideranças religiosas (pastores, diáconos) moldaram ao ethos Baniwa (Wright, 2005, p.24).

Tal ruptura tornou a tradição Baniwa diferenciada e um passo à frente das outras etnias. Mesmo com influências externas das culturas ocidentais, sua essência continua viva. Os conhecimentos tradicionais existem e estão sendo repassados de forma tímida, porém, na sua originalidade e sem influências externas.

É notório no município de São Gabriel da Cachoeira as práticas tradicionais no tratamento de doenças, não somente na etnia Baniwa. Os povos indígenas utilizam as plantas e rituais como método de cura, método eficaz e sem contraindicação. Atualmente, o conhecimento tradicional é reconhecido pela população indígena local e pela população não indígena.

Quando falamos de saúde, nos remetemos aos desafios enfrentados no município, onde existe uma grande precariedade quanto ao atendimento, diagnóstico e tratamento. Diante disso, criou-se uma grande preocupação: o que fazer para suprir essa necessidade? A quem recorrer? São perguntas sem respostas, então mais uma vez os indígenas se disponibilizam em ajudar (Barros, 2021).

Mediante as associações indígenas que lutam por direitos de liberdade de expressão, o povo indígena conquistou seu espaço. Recentemente, o Hospital de Guarnição em respeito e valorização da cultura indígena permite que o pajé realize seus rituais de cura, ou seja, a medicina tradicional, os chamados itinerários terapêuticos. Uma parceria entre medicina ocidental e a medicina indígena, em que os anciões se dedicam em salvar vidas dentro de suas possibilidades.

No Brasil, o decreto n.º 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, no seu Artigo III, define as populações tradicionais como “povos e comunidades tradicionais”, tratando esses grupos (Brasil, 2007).

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Brasil, 2007, p. 3).

O conhecimento e a cultura indígena em São Gabriel da Cachoeira surgiram e se aprimoram pelas experiências adquiridas ao longo do tempo, principalmente no que tange à sobrevivência e à geração de renda para mantimentos básicos de suas famílias. Uma das alternativas são os insetos aquáticos, que são utilizadas como iscas para pesca, caça e para a produção dos remédios naturais utilizados para diversas doenças (Barros, 2021). “São exemplos desses insetos os besouros, na língua Baniwa *móoda, halière, taapaliko* e a aranha d’água, chamado pelos baniwa de *newi*, utilizados pelos povos ancestrais como remédio” (Barros, 2021, p. 80).

Um dos insetos com maior relevância na cultura Baniwa é a aranha d’água utilizada para remédios e como hidratante aplicado nos pés e mãos das crianças, ritual para desenvolver habilidades como: tocar instrumentos musicais, ter boa escrita, desenvoltura na dança, fluência na leitura e o principal, tornar adultos ativos e dispostos. A aranha d’água foi considerada pelos Baniwa um dos elementos constituintes do ser humano, incentivou e inspirou os chineses para a criação de micro robôs que imitam a capacidade de andar e pular. Com isso se constata a valorização do conhecimento ancestral e a relevância da proteção cultural do povo (Barros, 2021).

Com base nas discussões do autor supramencionado, a proteção do conhecimento Baniwa e das demais comunidades indígenas que habitam São Gabriel da Cachoeira, iniciam pela tradição cultural e a ampliação registrada do conhecimento, mas, em especial, da proteção da sociobiodiversidade que é a fonte de sobrevivência social e

medicinal das comunidades tradicionais. Há a ampliação da tutela no texto constitucional desde 1988, a qual busca garantir o direito dos povos indígenas e a proteção da natureza, principalmente pela estatística da população indígena local.

O autor ainda contextualiza que São Gabriel das Cachoeiras possui uma diversidade peculiar de sociodiversidade e biodiversidade amazônica. Porém, essa riqueza natural do município desperta interesse capitalista dos grandes empresários que financiam expedições para obter em tempo real os conhecimentos indígenas, sem parecer éticos de consentimento e uso da fauna e flora. Essas expedições são realizadas, em sua maioria, na região “Cabeça do cachorro”, uma região com divisa com Colômbia e Venezuela, facilitando o tráfico animal.

Com inúmeros recursos naturais existentes, a região do município conhecida como “Cabeça do cachorro” é considerada um verdadeiro tesouro, cobiçada por gananciosos do mundo inteiro. Em vista disso, cabe aos indígenas e governantes protegerem a região e preservarem as riquezas existentes no município a qualquer preço, afinal de contas, os recursos naturais são fonte de vida para a população indígena do município de São Gabriel da Cachoeira.

## **1.6 Antropologia da doença no contexto indígena**

A antropologia da doença é o estudo das práticas de manutenção e recuperação da saúde em diferentes culturas ou etnias. Seu método sobre o fenômeno saúde/doença não deve ser conceituado igualmente ao modelo biomédico.

Segundo Minayo (2009. p. 189-218), “é necessário adotar uma reflexão antropológica nos estudos e nas práticas de saúde como forma de ampliar seu olhar sobre o fenômeno que se estuda e a grande contribuição da antropologia é a sua tradição de compreensão da cultura”.

No contexto indígena, a doença está relacionada ao ambiente natural e espiritual. A doença tem relação entre o mundo humano, mundo natural e mundo sobrenatural, sendo assim, a concepção de doença não se fundamenta na patologia em si, mas na cosmologia.

Durkheim explica, “trata-se de uma divisão com fins didáticos pois não há como isolar um fato social do contexto ou realidade construída pelas sociedades humanas com sua linguagem e cultura característica”. O conceito de saúde/doença é construído pela

sociedade, onde tudo é válido, os conhecimentos são diferenciados e possuem seus fundamentos de acordo com a realidade em que o indivíduo está inserido.

Na perspectiva ocidental a doença é, com efeito, a resultante de uma anomalia de estrutura e/ou de função de um órgão ou de um sistema orgânico determinado, os sinais desta anomalia ou desta disfunção tendo um valor de indicadores da doença (Buchillet, 1989 p. 24).

No olhar ocidental, as doenças são diagnosticadas por meio dos exames laboratoriais com aparelhos tecnológicos, método considerado infalível na medicina ocidental. Entretanto, os diagnósticos indígenas realizados pelos especialistas também são considerados infalíveis, realidades diferentes com resultados positivos, proporcionando saúde ao indivíduo.

No contexto indígena, a técnica do diagnóstico ocorre por meio da interpretação de ordem cosmológica, em alguns casos o próprio indivíduo pode ser o causador de sua doença. É intrigante imaginar que o doente seja o causador de sua própria enfermidade, através da desobediência corporal a uma determinada organização social, religiosa ou simbólica.

No passado, as primeiras sociedades tradicionais (sociedades africanas, amazônicas ou da Oceania) atribuiriam a doença à intervenção deliberada de agentes exteriores humanos (feiticeiros) ou não humanos (fantasmas, espíritos, animais, divindades etc.). A segunda sociedade tradicional nosológica da Grécia Antiga buscaria causalidade nas forças naturais como o frio, calor, ventos, ou mesmo nos elementos constituintes do corpo (Foster, 1976).

Algumas doenças são diagnosticadas através de exames, outras precisam ser interpretadas por um especialista (pajé). Quando a doença ultrapassa o nível patológico é chamado de doença cosmológica ou social, que está relacionada ao convívio social do indivíduo. Na cultura indígena, o cuidado com o corpo é fundamental logo no primeiro momento em que é gerado a vida, pois o corpo humano é constituído por elementos imateriais para o bom funcionamento e equilíbrio da pessoa. Tais cuidados são realizados por meio do ritual. Segundo Barreto (2021):

Todas essas forças ou elementos do corpo são chamados de *kahtise*, essenciais para o bom funcionamento e para o equilíbrio da pessoa. Seu desequilíbrio pode gerar distúrbios ou até mesmo levar a pessoa à morte. Por essa razão, é muito importante o cuidado do corpo para o bem-estar e seu cuidado é feito equalizando os elementos imateriais que compõem o corpo. Para prevenção, proteção, abrandamento das dores

e cura é feito *bahsese* potencializando os elementos imateriais que constituem o corpo (Barreto, 2021, p. 46).

Entende-se que o equilíbrio da vida não está relacionado apenas ao fator biológico, é importante compreender a conexão do corpo com o universo. E cada etnia possui suas próprias crenças e rituais de cuidado com o corpo. Na cultura ocidental, a representação de doença e cura está fundamentada na ciência que investiga as alterações morfológicas e fisiológicas dos estados de saúde do ser humano. Vale ressaltar a grande diferença no conceito tradicional e ocidental de saúde/doença, o que implica na atenção diferenciada ao povo indígena.

Em 1986, houve uma proposta voltada para as populações indígenas na I Conferência Nacional de Proteção à Saúde do Índio, que originou o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), que rege sua atuação seguindo os princípios básicos definidos na constituição Federal de 1988, que é de incluir a saúde indígena, considerando a diversidade cultural, reconhecendo as práticas terapêuticas nativas, promovendo a participação da comunidade.

O processo formador de agentes de saúde desenvolvidos pelos órgãos governamentais e não governamentais, contribuíram para perda da tradição e desvalorização da cultura. Na verdade, a cultura Baniwa não se perdeu, apenas precisa ser valorizada e validada diante da sociedade, os saberes existem de forma tímida. As associações indígenas estão tomando espaço, atualmente o povo originário possui voz, a legislação inclui os direitos indígenas reconhecidos na Constituição Federal, algo positivo (Garnelo; Wright, 2001).

O Projeto Rede Autônoma (RASI), da Universidade Federal do Amazonas, promove o projeto medicina tradicional Baniwa, conjunto de atividades e intervenções sociais que buscam compreender a ação das lideranças indígenas locais para as práticas saúde/doença. Esse vínculo e interação são realizados pelos agentes sanitários que fazem parte do plano aldeão, no qual a equipe RASI busca aprender e conhecer com afinco as práticas de cuidado e cura dos povos indígenas, além de ouvir e sistematizar as demandas sanitárias discutidas nos conselhos de saúde (Garnelo *et al.*, 2004).

Em 1997, foi consolidada uma parceria entre a Organização Indígena do Içana (OIBI) e a Organização Indígena Baniwa. O objetivo foi capacitar agentes biomédicos para a cultura Baniwa, visto que o processo formador dos agentes de saúde é realizado por órgãos governamentais e não governamentais (Garnelo *et al.*, 2004).

O itinerário terapêutico seguido pelos enfermos pode obedecer a uma sequência que é iniciada pelo uso de medicamentos industrializados, passa pelo uso de plantas medicinais, inicialmente autocuidados no âmbito doméstico, e se amplia progressivamente. Caso o problema não se resolva, são procurados especialistas no conhecimento de plantas silvestres ou cultivadas, até atingir os donos de cânticos e os xamãs. Essa trajetória não obedece a uma sequência linear. Por razões como distância geográfica, escassez de especialistas, particularmente de xamãs, falta de recursos para o pagamento do trabalho de cura, desconfiança de terapeutas pertencentes a sibs afins e, no caso dos evangélicos, interdições geradas pela conversão religiosa, os doentes costumam priorizar os tratamentos realizados no interior da consanguinidade, lançando mão do uso simultâneo de diversos recursos de cura, entre os quais os da biomedicina (Garnelo *et al.*, 2004, p. 142).

A prática dos profissionais de saúde em relação aos povos indígenas vem se mostrando ao mesmo tempo contraditória e plena de significados que cambiam contextualmente. Essa relação contraditória e plena, a autora se refere às experiências dos agentes de saúde, que são julgados vilões e outras vezes mocinhos, dependendo do contexto (Dias da Silva, 2010, p. 206).

A partir de uma leitura da trajetória do atendimento especializado aos indígenas, entende-se que exista uma precariedade na analogia entre as medicinais, tradicional e ocidental. As relações entre biomedicina e as medicinas indígenas não estão livres de relações de conflito, poder e equívocos entre diversos sujeitos envolvidos (Foller, 2004).

Nesses encontros entre profissionais de saúde e indígenas são criadas “zona de contato” entre a biomedicina e as medicinas indígenas. As “zonas de contato” seriam os “encontros coloniais entre povos que estavam separados histórica e geograficamente e passam a se relacionar de forma contínua, numa interação que envolve coação, conflitos intratáveis e desigualdade radical” (Foller, 2004, p. 132).

O autor supracitado apresenta relatos de experiências dos profissionais de saúde, apontam inúmeros dilemas culturais na questão saúde/doença, essa relação de conflito/ou mesmo resistência por parte dos indígenas. É imprescindível entender o contexto sociocultural de cada povo, para, então, criar estratégias de trabalho ou conceitos de morte, vida, saúde e doença.

É necessário que o profissional ouça o paciente, permitindo que o paciente fale sobre sua experiência, expressando nas suas palavras o que está acontecendo e como ele está percebendo isso. [...] O método

antropológico no atendimento clínico implica uma postura de ouvir, aprendendo com as narrativas dos pacientes (Langdon, 2005, p. 129).

De acordo com o pensamento de Langdon (2005), é importante que o agente de saúde desenvolva competência não somente clínica, mas também competência cultural, habilidade esta aprendida no dia a dia, com observações, conversas e interação com o paciente. Atualmente, o sistema único de saúde agrega funcionários indígenas atuando nas intervenções de saúde, o que possibilita uma maior relação de confiança e legitimação, no atendimento a esse público diferenciado.

No período do século XVIII, a cultura indígena sofreu morte, perseguição e escravização, além das epidemias que atingiram os povos nativos, como a varíola e Sarampo. É importante destacar que as doenças que atingiram as comunidades indígenas nesse período são frutos do processo escravagista, e que foram trazidas da Europa pelos escravistas (Santos; Quinteiro, 2018).

Durante o processo de escravização imposto aos indígenas, os povos Baniwa que viveram o período de exploração dos recursos naturais e a violação dos direitos humanos, lutaram para que a cultura passada de geração em geração não fosse desaparecendo com o processo de contato com os portugueses. Um exemplo de opressão relatada pelos povos Baniwa, é a chegada da igreja na cidade de São Gabriel da Cachoeira. Entretanto, hoje os povos Baniwa ocupam os cargos públicos, estão na supervisão e organização das escolas, associações indígenas, Secretarias Estaduais e prefeituras (Santos; Quinteiro, 2018).

Foram verdadeiras batalhas para manter viva a cultura Baniwa, pouco a pouco o grupo foi sobrevivendo às opressões. Sobre a influência dos missionários, evangélicos, militares e comerciantes o grupo foi conquistando seu espaço e se deslocando de suas malocas no interior da mata, passando a residir às margens do rio Aiari, território considerado Baniwa por direito. Presentemente, os Baniwa residem nas comunidades do interior e nas proximidades do município de São Gabriel da Cachoeira, considerados um grupo que contribuiu fortemente na luta dos povos originários.

Tais informações adquiridas por meio da pesquisa bibliográfica, a qual possibilita o acesso a registro antigos com grande importância para o mundo científico, assim, contribuindo como subsídio para as descobertas atuais.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E TÉCNICAS DE PESQUISA**

### **2.1 Métodos e Técnicas de Pesquisa**

O segundo capítulo busca caracterizar os métodos utilizados neste estudo voltado às Idzâmiketh e a Watapetakaa entre os Baniwa e como se relacionam diante de conflitos humanos e não humanos. Dialogaremos com alguns autores, dentre eles Bardin (1997), Manzin (2004), Prodanov e Freitas (2013), Cueke e Lima (2012), Triviños (1987).

Inicialmente, é fundamental esclarecer que o trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) para que sejam respeitados os direitos éticos dos participantes e assegurado que as informações serão para fins científicos. Na proposta ética ao Comitê, foi apresentado o questionário utilizado nas entrevistas, autorização do uso de imagem e voz, instrumento utilizado apenas para subsidiar a coleta de dados. Foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a cinco participantes da entrevista semiestruturada, sendo devidamente informados quanto ao objetivo da pesquisa e todo o processo a serem realizados. Foi apresentado também a Carta de Anuência encaminhada ao representante da comunidade, o capitão, responsável por informar aos moradores da comunidade sobre a pesquisa a ser realizada mediante a concordância de todos. A carta de Anuência foi encaminhada ainda aos representantes da FOIRN e FUNAI do município de São Gabriel da Cachoeira.

Com base no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e no Estatuto do Idoso, crianças e idosos foram excluídos como participantes ativos da pesquisa, exceto em casos autorizados por responsáveis legais e mediante avaliação ética específica. Consideramos priorizar adultos que concordassem voluntariamente em participar e que tivessem conhecimento relevante para os objetivos da pesquisa.

Os requisitos para a inclusão de participantes na pesquisa dizem respeito ao aceite voluntário, ato que se consolidava por meio da ciência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento que registra as condições e os possíveis riscos incorridos na participação dos comunitários. Foram excluídos do estudo os sujeitos que não assinaram o Termo, assim demonstrando o não interesse em participar da pesquisa.

Foi realizada a leitura do Termo de Consentimento de forma lenta para que não houvesse dúvidas, a Carta de Anuência da mesma forma. Foi explicado calmamente, com bastante clareza, assim, assegurando o desenvolvimento da pesquisa de forma plena. Tais documentos foram submetidos na plataforma Brasil no intuito de publicação futura.

Tendo em vista uma maior apresentação da medicina desses povos, foi realizado uma pesquisa bibliográfica de alguns trabalhos realizados acerca das plantas medicinais, visando apresentar a catalogação enciclopédica da fauna e flora amazônica existentes em bibliotecas físicas e digitais que tenham elementos específicos na utilização de medicamentos e rituais aplicados nas comunidades indígenas. Esses elementos característicos da medicina tradicional serão apresentados no formato de verbete, indicando a fonte de onde são extraídos na literatura já disponível em pesquisas anteriores, seja para a medicina indígena Baniwa ou outra que se assemelhe. Destaca-se que verbete é um gênero textual de natureza expositiva, com o objetivo de apresentar definições e informações sobre um determinado assunto, utilizando linguagem objetiva e impessoal.

O método principal utilizado foi a etnografia com ênfase na abordagem qualitativa, a qual correspondeu de maneira eficaz para atingir o objetivo proposto no trabalho de investigação científica.

A metodologia etnográfica nos possibilita a compreensão da cultura e os significados das práticas da cultura Baniwa, a partir de uma imersão e interpretação do pesquisador. Para Magnani (2002):

[...] o que se propõe é um olhar *de perto e de dentro*, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas - religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. Esta estratégia supõe um investimento em ambos os polos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. É o que caracteriza o enfoque da antropologia urbana, diferenciando-o da abordagem de outras disciplinas e até mesmo de outras opções no interior da antropologia. (Magnani, 2002, p. 18, grifo meu).

Em análise ao discurso do autor, a etnografia possibilita entender a prática em um determinado cenário com arranjos específicos de cada cultura, sendo assim, o olhar de perto propõe resultados reais do objeto de estudo. A comunidade de Itacoatiara Mirim é uma área bastante diversificada, exigindo uma investigação para entender as diferenças culturais existentes. Apesar de ser composta por indígenas, as etnias possuem suas especificidades, o que torna a investigação rica em questões culturais a serem estudadas.

“Na abordagem qualitativa, entende que a realidade é subjetiva e múltipla, que é construída de modo diferente por cada pessoa”, segundo Chueke e Lima (2012, p. 65). Valorizar a individualidade de cada pessoa, torna o discurso único na coleta de informações, possibilitando uma análise comparativa dos fatos e experiências vividas por sujeitos de diferentes visões de mundo.

O estudo contou com a participação de vários moradores, cada indivíduo com sua experiência de vida, sua crença espiritual, rituais de cuidado com o corpo e rituais de cura através das plantas. Nesse contexto, a abordagem qualitativa contribuiu para o levantamento de dados únicos, enriquecendo a pesquisa e tornando a análise interessante com descobertas sem igual.

A operacionalização da pesquisa de campo contou com as seguintes ferramentas de pesquisa: observação participante, entrevista semiestruturada, questionário estruturado e histórias orais. Como instrumentos de registros, foram utilizados o celular para as fotografias, gravações de áudios e caderneta de anotações.

### *Observação Participante*

A observação participante, de acordo com Becker e Geer (1969) é:

[...] um método no qual o observador participa do dia a dia das pessoas que estão sendo estudadas, seja abertamente no papel de pesquisador ou secretamente em algum papel disfarçado, observando como as coisas acontecem, ouvindo o que é dito e questionado pelas pessoas durante um período (Geer, 1969, p. 322).

A rotina de uma comunidade só pode ser entendida mediante ao convívio direto com os comunitários, por esta razão a observação participante foi um instrumento necessário no trabalho de campo. Cada visita realizada possibilitou novas descobertas, informações relevantes obtidas por meio da observação. Esse método foi muito eficaz na coleta de dados. Percebeu-se que a rotina indígena possui um diferencial que necessita ser compreendido e respeitado, e somente por meio da observação participativa é possível mergulhar nesse mundo ancestral com característica única. Foram 30 dias consecutivos de observação e vivência na comunidade, troca de experiência capaz de dar sentido ao universo indígena de muitos mistérios e descobertas.

### *Entrevista semiestruturada*

A entrevista semiestruturada exerceu função primordial na obtenção de informações a serem utilizadas nas discussões finais da pesquisa. A entrevista é considerada uma ferramenta que possibilita a obtenção de dados verídicos e a interação com o entrevistado dentro de uma abordagem qualitativa, respondendo aos objetivos propostos na investigação. Até chegar nas questões norteadoras, foi necessário um entrosamento com os líderes da comunidade, interlocutores da rotina dos moradores, costumes e suas práticas de cuidado com o corpo. Momentos decisivos para se alcançar os objetivos da pesquisa.

A entrevista é uma forma de interação social que valoriza o uso da palavra, símbolo e signo privilegiados das relações humanas, por meio da qual os atores sociais constroem e procuram dar sentido à realidade que os cerca (Flick, 2002; Jovechlovitch & Bauer, 2002, p. 114-126).

Essa interação se dá de forma individual ou grupal, ambas com propósito definido que atenda aos objetivos propostos na investigação. Embora a sociedade indígena seja generalizada em seus conceitos de vida, a entrevista possibilitou conhecer a fundo situações e vivências dos comunitários da comunidade de Itacoatiara Mirim. Apesar da vivência em comunidade, cada família possui uma visão única de mundo, tornando o discurso mútuo entre entrevistado e entrevistador.

**Figura 12** – Entrevista aos Comunitários de Itacoatiara Mirim



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

A questão norteadora da entrevista semiestruturada surge a partir das seguintes indagações mediante o convívio na Comunidade Itacoatiara Mirim, com os Baniwa, dentre as quais: Como ocorre os rituais de passagem para a fase adulta? Os Baniwa se apropriam dos cuidados com o corpo? Existe uma explicação para o surgimento de doenças? As plantas medicinais têm propriedades curativas? Como são praticados esses itinerários terapêuticos no contexto familiar? Quais as abordagens e decisões tomadas pelas mulheres, homens, lideranças (capitão) e pajé acerca do conhecimento tradicional do uso e manejo das plantas medicinais? Há interferências das diferentes vertentes religiosas que atuam na comunidade, e quais os tipos de interferências no uso das plantas e curas Baniwa? Tais questões norteiam a conversa de forma espontânea possibilitando a liberdade ao entrevistado relatar toda sua experiência de vida. Para Triviños (1978):

A entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam a um tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semiestruturada, [...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...] além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (Triviños, p. 146-152, 1978).

Essa etapa foi bem difícil, algumas pessoas se recusaram a contar sua história, e foi compreensível. No mais, seguimos em busca de voluntários. Finalmente, três pessoas se dispuseram a colaborar, uma indígena de 27 anos da etnia Baniwa, outra de 37 anos, também da etnia Baniwa e a outra de 36 anos, pertencente a etnia Desana. As três indígenas possuem história únicas e interessantes. No entanto, todas relatam a perda da cultura com a introdução da tecnologia na comunidade. As questões utilizadas na entrevista foram elaboradas mediante temáticas voltadas ao objeto de estudo.

Foram momentos bem agradáveis que fluiu em clima de alegria e descontração, as conversas foram registradas através do aparelho de celular, o que permitiu a gravação de voz com a devida autorização das participantes.

Todos que se dispuseram a colaborar com a pesquisa demonstraram entusiasmo e espontaneidade, afinal de conta a história oral seria registrada e publicada como colaboração na valorização da cultura indígena. Foi importante o uso de uma linguagem simples para atingir o máximo de clareza nas respostas. Ressaltamos ainda que a entrevista semiestruturada “está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos

um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista” (Manzini, 1991, p. 154).

Foi realizado um diagnóstico com os moradores da comunidade para a elaboração do roteiro de perguntas a fim de direcionar as falas e manter o foco no objeto de estudo. As idas e vindas ao campo foram agendadas mediante a disponibilidade dos participantes, sempre preservando o bem-estar, sem comprometer a rotina deles.

A primeira entrevista foi realizada no dia três de agosto de 2024 (sábado), 9h da manhã. Mediante o consentimento, iniciou uma conversa informal, descontraída com dona Dayane Garcia, de 27 anos, da etnia Baniwa. Dayane contou sua trajetória de vida junto com seus familiares, relatou os ensinamentos que seus pais lhe repassaram. Contudo, argumentou que os saberes tradicionais estão se perdendo diante da tecnologia, ela afirmou não ter conhecimento dos rituais de sua própria cultura e lamentava muito, pois entende a importância dos rituais para uma vida próspera e feliz. O próximo encontro foi no dia quatro de agosto (domingo), 9h da manhã. Esse encontro foi mais descontraído com conversas informais, risadas, passeio pelos arredores da comunidade e registros fotográficos.

A segunda entrevista foi realizada no dia dez de agosto de 2024 (sábado), 9h da manhã. Por meio de consentimento, iniciamos a entrevista com dona Alda Garcia, de 37 anos, da etnia Baniwa. Essa entrevista foi realizada no caminho da roça. Foi um longo passeio, o verde da mata encantava a cada passo, o sussurro dos pássaros me remetia a paz interior. A experiência foi encantadora, seguindo a trilha da roça, Alda mostrava as plantas nativas existentes no caminho, contou suas experiências de cura com as plantas, porém se senti frustrada por seus pais não terem repassado todos os conhecimentos tradicionais a ela.

Após algumas horas, chegamos na casa de farinha no meio da floresta. Então surgiu uma dúvida, por que uma casa no meio da floresta? A justificativa faz sentido. Como a roça está no meio da floresta, o óbvio é realizar todo o processo da produção de farinha lá mesmo para evitar um trabalho maior. Tudo é produzido nessa casa de farinha, como o beiju, a tapioca, a goma e a farinha. Os produtos são levados para a comunidade prontos para comercializar. Após algumas horas na casa de farinha, retornamos para a comunidade pelo mesmo caminho, foi cansativo, porém gratificante.

No dia onze de agosto (domingo), nos encontramos novamente para os registros fotográficos com direito a um lanche compartilhado, momento de descontração e fortalecimento dos laços de amizade.

A terceira entrevista foi realizada no dia dezessete de agosto (sábado), 9:00h da manhã. A última entrevistada foi a dona Berta, da etnia Desana, de 37 anos de idade. Fomos recebidas em sua residência, Berta muito simpática contou que morava com seus pais, irmãos e filhos. A entrevistada relatou sua trajetória de vida, muitas dificuldades e muitos desafios. Contudo, sempre lutou pela melhoria de vida, sempre respeitando o seu próximo. Berta compartilhou sua fase de menina moça até a fase adulta, uma história muito interessante.

O segundo encontro foi no dia dezoito de agosto (domingo), 9h da manhã, momento para fortalecer os laços de amizade e registrar o encontro com fotos e um lanche compartilhado. Foi utilizado o celular para registrar o momento, gravar as falas e posteriormente transcrever as informações, sendo que as gravações de áudio serviram unicamente como subsídio na coleta de dados, sem a intenção de publicação futura.

### *Questionário estruturado*

O questionário estruturado foi um dos principais instrumentos na coleta de informações. Conforme Miranda (2020), “o questionário é a ferramenta mais comum para esta tarefa, não necessariamente a mais adequada. Com ela é possível buscar informações primárias direto com o sujeito pesquisado”. Consiste em perguntas elaboradas com respostas pré-determinadas a ser escolhida pelo participante do questionário, o número de participante pode variar dependendo da amostra necessária para se obter um resultado satisfatório. Segundo Gil (1999):

O questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. (Gil, 1999, p. 128).

Devido à diversidade de etnias existentes na comunidade, surgiu o interesse em investigar o modo de pensar e como enxergam o mundo dentro de um contexto atual com mudanças visíveis em sua cultura de origem. Por meio do questionário, foi possível coletar informações exatas sobre o tema em estudo e aprofundar os conhecimentos tradicionais existentes na comunidade.

O objetivo do questionário foi conhecer o perfil dos comunitários quanto à idade, ao conhecimento da prática tradicional, ao uso de plantas medicinais, à interpretação do

surgimento das doenças, ao ritual de proteção ao corpo e à experiência de cura através das plantas. Os participantes demonstraram satisfação em participar do trabalho e dispuseram a responder o questionário com tranquilidade e harmonia.

O momento da aplicação do questionário foi previamente organizado para que os participantes da pesquisa tivessem certeza de sua contribuição e autorização do uso e divulgação das informações. Foi dada a ciência sobre a motivação da pesquisa, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A pesquisa obteve as devidas autorizações para a continuidade da coleta de informações, prosseguindo com explicação de como seria a dinâmica, assim, garantindo um clima agradável entre entrevistado e entrevistador.

O indígena na maioria das vezes apresenta um comportamento de desconfiança ao se deparar com estranhos em seu habitat. Diante disso, enfrentamos algumas dificuldades no momento da aplicação do questionário, alguns se recusaram a participar da pesquisa, contudo, seguimos com perseverança.

Para a elaboração do questionário foi necessário primeiramente as visitas sem compromisso, apenas socialização e observação participante. O público-alvo foram indivíduos residentes da comunidade. Dos 190 moradores, entre adultos e crianças, apenas 23 indivíduos concordaram em participar da pesquisa, uma amostragem razoável para obtenção das informações necessárias ao estudo. Mediante a aceitação espontânea, iniciou a coleta de dados através do questionário aplicado individualmente. O período de aplicação do questionário foi em torno de 30 dias.

As perguntas foram realizadas por meio de conversas informais, assim estabelecendo a interação espontânea entre pesquisador e entrevistado. O questionário foi estruturado numa abordagem sobre a utilização das plantas medicinais no tratamento de doenças e os cuidados com o corpo para a prevenção de possíveis ataques de seres espirituais causadores de doenças. Sob essa abordagem, foram elaboradas cinco perguntas objetivas com duas opções de resposta, sim ou não.

O questionário permitiu identificar o nível de conhecimentos tradicionais no uso das plantas medicinais, práticas de cura através das plantas, interpretação do surgimento de doenças na comunidade e os cuidados com o corpo. A partir de então, a análise da atual situação em que se encontra a comunidade na questão do repasse dos saberes ancestrais.

#### *Análise de conteúdo*

A pesquisa se apropria de uma análise temática, subsidiando a classificação dos conteúdos em categorias, tornando possível a análise das respostas de forma simples e direta. As entrevistas foram realizadas com as famílias. A partir de então, foram definidas as categorias a serem discutidas e analisadas mediante os dados coletados. Bardin (1977, p. 42) afirma:

A análise de conteúdo é descrita como ‘[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens’, que permitem a ‘[...] interferência de conhecimentos relativos às condições de produção [...]’ do objeto de análise.

A análise de conteúdo possibilitou a comparação profunda de uma investigação com princípios e regras bastante sistematizadas. Segundo Bardin (1977), a matéria prima de análise de conteúdo pode constituir-se de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não verbal, tais como:

- ✓ Matéria escrita, como: agendas, diários, cartas, respostas a questionamentos, a testes, jornais, livros, anúncios publicitários, panfletos, cartazes, textos jurídicos, literatura, comunicações escritas trocadas dentro de uma empresa.
- ✓ Oral, como: entrevistas, exposições, discursos.
- ✓ Icônico: sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes, pintura etc.
- ✓ Outros códigos semióticos (isto é, tudo o que não sendo linguístico, pode ser portador de significações): música, dança, vestuário, posturas, gestos, comportamentos diversos, tais como os ritos e as regras de cortesia, arte, mitos e estereótipos.

Através das inúmeras possibilidades de análises da matéria prima, o analisador tem em mãos as informações brutas para que ele possa abstrair significados ocultos. As informações obtidas subsidiaram a discussão dos resultados e certamente chegamos a um senso crítico positivo ou negativo, ambas importantes para entender o atual estado da arte. O estudo na Comunidade foi norteado por 5 questões fundamentais para entender se realmente os comunitários detêm de conhecimento tradicional, não esquecendo os relatos dos mais experientes e de mulheres indígenas, todas as informações são importantes no ato da análise para compreender com exatidão os resultados.

## **2.2 Etapas da Pesquisa de Campo na Comunidade Itacoatiara Mirim**

Toda pesquisa exige planejamento, assim como qualquer trabalho. Nesse sentido, foi planejado uma sequência lógica a ser seguida, facilitando a coleta de informações por etapas.

Primeiramente, foi feito o reconhecimento do local da pesquisa para verificar as possibilidades de uma possível investigação inusitada na Comunidade Itacoatiara Mirim. A pesquisa está organizada em oito etapas devidamente programadas, de acordo a disponibilidade dos comunitários e respeitando reiteradamente o acordo firmado por meio dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, devidamente aceito.

### *Etapa 1: Pesquisa Bibliográfica e Documental*

Primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico detalhado sobre o tema da pesquisa, buscando obras, artigos e materiais relacionados ao objeto de estudo para embasamento teórico. A pesquisa bibliográfica, para Fonseca (2002), é realizada:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

Outro instrumento utilizado foram as consultas de documentos em órgãos e instituições locais como a FOIRN e FUNAI, que possibilitou o acesso aos dados históricos, memórias culturais e socioeconômicos da região, todas as informações obtidas serviram para nortear a pesquisa de campo e obter informações verídicas arquivadas em épocas passadas.

### *Etapa 2: Contato Inicial e Apresentação à Comunidade*

Foi considerado o primeiro contato com os comunitários realizado no Centro Comunitário com a presença de todos os moradores da comunidade como: líderes locais, mulheres, anciãs, crianças e idosos. Nesse contexto, a proposta inicial se configurou na

apresentação formal dos objetivos e metodologia da pesquisa. Sendo assim, o sujeito pesquisador foi flexível ao ouvir, sentir as necessidades e percepções iniciais dos moradores sobre o tema para uma descrição concisa e densa.

Após o término da reunião, foi entregue uma carta de apresentação ao líder comunitário na qual estava esclarecido que a pesquisa é acadêmica, sem fins lucrativos, e buscava a valorização do conhecimento tradicional sobre as plantas medicinais existentes na comunidade.

### *Etapa 3: Consentimento Coletivo e Anuência Comunitária*

Foi realizado uma reunião juntamente com os comunitários, facilitada pelo capitão, para explicar o projeto e sanar dúvidas a respeito da investigação. Foi solicitado o consentimento por meio de uma carta de anuência assinada pelo responsável da comunidade, garantindo que todos os participantes compreendessem o propósito e os métodos para o desenvolvimento da pesquisa.

### *Etapa 4: Definição dos Critérios de Inclusão e Exclusão*

Para a pesquisa, foi selecionado um determinado público, com base no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e no Estatuto do Idoso, crianças e idosos foram excluídos como participantes ativos da pesquisa, exceto em casos autorizados por responsáveis legais e mediante avaliação ética específica. Foi priorizado adultos que concordaram voluntariamente em participar e que tinham conhecimentos relevantes para os objetivos propostos na pesquisa.

### *Etapa 5: Mapeamento e Reconhecimento da Área*

Realizamos visitas exploratórias pela comunidade para observar aspectos estruturais e culturais junto aos comunitários; realizar visitas consecutivas às roças onde estão os cultivos de plantas medicinais, e adentrar na floresta Amazônica para reconhecimento de outras plantas medicinais; identificar as construções residenciais, sistema de eletricidade e abastecimento de água, cultivo de plantas, roças e artesanatos; relatar rotina diária, lazer, saúde e limpeza dos arredores; registrar as observações, por

meio de anotações no caderno de campo, fotografias e áudios registradas por aparelho celular, sempre mediante o consentimento dos participantes.

#### *Etapa 6: Coleta de Dados por Entrevistas*

Conduzir pelo menos 5 entrevistas semiestruturadas com mulheres e homens na faixa etária de 30-59 anos e pelo menos 20 entrevistas estruturadas para indivíduos na faixa etária de 18 a 59 anos, escolarizados da comunidade. Além disso, identificar aspectos como etnia, modo de vida, costumes, grau de escolaridade e conhecimentos tradicionais. Além do mais, foi realizada as entrevistas de forma livre e informal para facilitar a expressão espontânea dos participantes, o que foi privilegiado neste estudo.

Foi investigado as espécies de plantas medicinais e como se relacionam diante de conflitos humanos e não humanos, tais informações foram anotadas em caderneta de campo, gravações e fotografias com uso do aparelho celular, sempre com consentimento e autorização de imagem e voz, que serviram unicamente para subsidiar a coleta dos dados. Reafirmo que não haverá a comercialização nem a intenção de divulgação de qualquer dado obtido na pesquisa, sem o consentimento específico dos participantes.

#### *Etapa 7: Diagnóstico Local e Interação Cultural*

Nessa etapa, a pesquisadora participou ativamente da rotina da comunidade, compartilhando momentos como refeições, lanches ou atividades culturais (ex.: chibé de açaí e chibé de água com farinha). O açaí é uma palmeira muito comum na região da Amazônia, seu fruto é de cor roxa, e produz uma polpa utilizada na culinária indígena e é consumida nos festejos, reuniões e assembleias comunitárias.

No município de São Gabriel da Cachoeira, a bebida é conhecida como vinho de açaí, podendo ser consumida com açúcar, sem açúcar, com farinha de tapioca e farinha de mandioca, o famoso chibé de açaí que é oferecido em ocasiões especiais, dabucurí, almoço comunitário entre outros. No entanto, o chibé com água é uma herança indígena, fonte de carboidrato muito consumida durante o trabalho nas roças, principalmente em épocas de verão em que o clima é extremamente quente.

Realizamos visitas na comunidade acompanhadas pelo capitão no intuito de observar, identificar e coletar informações sobre plantas medicinais e dialogar sobre a

manipulação das receitas caseiras. Ao mesmo tempo que foi feita a observação, foram realizados registros das experiências de forma detalhada para análise posterior.

#### *Etapa 8: Organização e Análise dos Dados*

Foram compiladas e organizadas todas as informações coletadas: anotações, áudios, fotografias e observações. Posteriormente foram classificadas em categorias como: a) Categoria I – doença na perspectiva causal mítica dos comunitários; b) Categoria II – prevenção e cura através das plantas medicinais. A classificação facilitou a análise dos resultados padrões, preservando a confiabilidade e a ética da pesquisa.

#### *Observações Éticas a serem levadas em conta no procedimento*

É importante frisar que foram respeitadas todas as normas locais e culturais da comunidade, assim como observado os princípios do ECA e do Estatuto do Idoso, evitando qualquer forma de exploração ou desconforto. A pesquisa se preocupou em garantir o sigilo e a privacidade dos participantes, qualquer tipo de publicações será feito mediante o consentimento de cada indivíduo participante.

Ao final do texto escrito foram apresentados os resultados à comunidade antes de realizar a defesa da dissertação, respeitando os acordos firmados e valorizando o saber tradicional. É importante frisar que a pesquisa de campo seguiu rigidamente as etapas apresentadas, a fim de obter sucesso e respeitar os direitos dos participantes. Desse modo, foi mantido um clima harmonioso entre pesquisador e pesquisado até a etapa final.

### **2.3 Categorias analíticas**

#### *Categoria I – Doença na perspectiva causal mítica dos comunitários*

Os conhecimentos tradicionais oferecem muitas opções a serem investigadas, todas com altíssima relevância para o bem-estar da humanidade, quando falamos de doença/cura nos remetemos aos cuidados com o corpo, em que cada etnia possui suas crenças e rituais as quais protegem, previnem e tratam doenças.

Na cultura indígena, são adotadas práticas de proteção ao corpo, uma delas são as fórmulas terapêuticas de Bahse, que consiste na prevenção, proteção e cura, realizada por um especialista.

Barreto (2013) destaca:

A melhor maneira de cuidar da pessoa do ponto de vista dos especialistas indígenas é a prevenção, realizada através do bahsese, [...] que é feita tanto individual quanto coletivamente. O bahsese coletivo se faz mais para prevenir, para proteger os ataques interpessoais e para proteger de epidemias. A forma individual inclui tudo isso e mais a parte de cura (Barreto, 2013, p. 88).

As doenças são interpretadas pelos especialistas ou pajés e são diagnosticadas as possíveis causas e tratamento. De igual modo, considerado o melhor ritual de cuidado com o corpo que, segundo os especialistas, é o bahsese porque previne, protege e trata.

Esses rituais fazem parte da cosmologia indígena, possibilitando a interpretação do surgimento das doenças no mundo. É comum entre os indígenas buscar as respostas observando os elementos da natureza e os seres espirituais. Segundo Barreto, “o corpo é constituído por elementos, tais eles: floresta, terra, água, animais e o ar”. Entende-se que o equilíbrio entre esses elementos proporciona o bem-estar e a saúde do corpo.

Os povos indígenas do Alto Rio Negro dão atenção especial aos cuidados do corpo que começa desde a concepção da criança. O período de gravidez, constitui uma fase de intensa atenção dos pais. Estes devem submeter às regras alimentares, à restrição de circulação pela floresta e pelos rios, evitar trabalhos considerados pesados etc. (Barreto, 2018, p. 91).

A relevância desta pesquisa ao encontro da cultura Baniwa, que atualmente vem sendo o grande objeto de estudo no mundo científico. Foi identificado na comunidade que os cuidados prévios do indivíduo não estão sendo realizados como deveriam, tornando-o a saúde vulnerável aos ataques de seres espirituais. Os rituais e tradições tornaram-se algo do passado, sem importância para a nova geração.

Os comunitários mais experientes possuem suas crenças e acreditam que as doenças são resultado de conflitos ancestrais que perpetuam, causando as doenças como forma de castigo. Nesse contexto, percebe-se que a cosmologia está presente na vida dos indígenas. Para Langdon (2009):

A percepção e interpretação em relação às doenças e curas, estão relacionadas a uma realidade construída, em convívio e compartilhado com o seu povo, buscando perceber os sinais do corpo e do ambiente externo para diagnosticar o mal-estar e posteriormente buscar um tratamento entremeado a sua cultura, em que são contempladas na tradição.

Langdon (2009) afirma que “o doente e seu grupo social negociam para identificar o problema e determinar o que deve ser feito em seguida”. Pautando-se primeiramente em seu contexto étnico do que é doença, suas influências e suas possíveis curas. Analisando a afirmação do autor, entende-se que os grupos étnicos são responsáveis em tratar o doente de acordo com a cosmologia daquele determinado grupo.

Baniwa (2006) descreve que para os povos indígenas, a dinâmica saúde e adoecimento, perpassam a partir de processos e relações individuais e coletivas estabelecidas com outros atores sociais e seu contexto social. Os pensamentos dos atores evidenciam conceitos de saúde relacionadas ao grupo social, onde ele está inserido, e como tratar tal problema. Contudo, o processo de adoecimento na cultura Baniwa, ocorre de duas maneiras, podem ser causadas por outras pessoas, trabalhos feitos para prejudicar o indivíduo, e a outra maneira é o princípio de que o indivíduo provocou a natureza, a biodiversidade, os seres espirituais que fazem parte da mitologia do povo Baniwa, portanto reagiram provocando a doença no indivíduo.

Compreende-se, diante da explicitação de Baniwa (2006), que a doença para o povo Baniwa não é tida como natural, pois é sempre provocada, adquirida, merecida moral e espiritualmente, ao contrário da saúde, considerada como algo natural dos seres vivos e por isso deve ser protegida e mantida em vigilância e cuidado contra os espíritos maus, na percepção deste autor.

No mundo Baniwa tudo está relacionado à forma como o indivíduo se comporta em relação aos seres espirituais. Esses seres espirituais são invocados pelos pajés, “seres humanos capazes de usar poderes sobrenaturais para causar doenças e curar. Seus instrumentos são o Maracá, Paricá e o Cigarro (Projeto Rasi, 2001). Um termo muito usado pelos Baniwa é o Yoopinai (seres espirituais), considerado o grande causador das doenças no mundo. Diante desses seres espirituais, é necessário o ritual de proteção ainda na infância, para proteção do corpo de possíveis ataques dos “Yoopinai”, entidades poderosas.

Antes os Yoopinai não existiam, havia só os Awakarona (curupira) que feriam as pessoas que desrespeitavam a floresta. Hoje são os Yoopinai que causam doenças; e a sua origem começa com Kowai, filho de Napirikoli, que quando morto pelo seu próprio pai originou os instrumentos musicais sagrados usados nas cerimônias religiosas, as doenças e os remédios que podem curar as pessoas (Apolinário, R. 2018 Entrevistado).

Abaixo, indicaremos algumas doenças provocadas pelos Yoopinai e Awakaronanai:

**Quadro 3** – Levantamento Bibliográficos de Doenças Provocadas pelo Yoopinai e Awakaronanai

<b>Doença</b>	<b>Entidade</b>	<b>Descrição dos sintomas</b>
Hiipami ou Hiipamiawa	Yoopinai	Ferida de pele que pode ser provocada por três tipos de yoopinai: animais de terra, peixe e do ar.
Paixakada	Yoopinai	Doença grave caracterizada por pus, dor, inchaço e calor no local afetado. Se não tratada, pode levar a morte.
Wikoli	Yoopinai	Tipo de paixakada – abscesso grave que afeta a garganta e ouvidos.
Kopiñhai	Yoopinai do peixe Madekai	Tipo de paixakada – apresenta-se como um tumor e pode se curar sozinho.
Paapakapemi	Yoopinai	Ferida de pele que aumenta progressivamente e pode matar rapidamente. Se a doença é lenta foi provocada por Yoopinai, se espalha rápido é sopro feito por inveja ou ciúmes.
Hiwiatti	Yoopinai	Doença difícil de identificar se for feito por Yoopinai ou outro ser chamado de hiwiatti, é preciso pajé para ler sonho do doente e fazer o tratamento correto.
Hipolerhi	Yoopinai Mapolhedawaro	Doença de olho que forma uma camada branca, podendo causar cegueira. Também pode ser causada por Yoopinai borboleta.
Hirimaka	Yoopinai	Doença que causa dor de olho, provocada por Yoopinai do ar.
Pakawa ixakawa	Awakaronanai	Inflamação na perna, com dor e dificuldade de se movimentar.

Envenenamento dos Awakaronanai	Awakaronanai	Se a pessoa tocar sem querer a urina deixada por Awakarona ela pode sentir dor e queimadura na pele onde a urina pegou.
--------------------------------	--------------	---

Fonte: Revista de Pesquisa Intercultural da Bacia do Rio Negro, Amazônia (Aru)

As doenças citadas acima é o resultado das pesquisas do Projeto Rasi, em que uma equipe de pesquisadores se dedicou para registrar um pouco da história do povo indígena e a explicação do surgimento das doenças, rituais e tratamento. A explicação do surgimento das doenças é encontrada nas histórias e narrativas do povo baniwa.

O indígena de modo geral, atribui o surgimento de doenças a diversas forças como: espirituais, magia, desequilíbrios da natureza, desobediências das regras culturais e doenças dos brancos. Sendo que todas as doenças possuem causa e conseqüentemente a cura, dependendo da crença e práticas espirituais na qual acreditam.

Podemos citar algumas causas identificadas pelos indígenas:

- *Espíritos e forças sobrenaturais* – doenças causadas por espíritos maléficos, espíritos de ancestrais que se foram com alguma desavença no mundo dos vivos, resumindo, todos esses causadores são movidos pelas forças sobrenaturais.
- *Desequilíbrio da natureza* – como os indígenas estão conectados com a natureza, quando essa conexão falha surge as doenças. Tais conexão tem a ver com o respeito, desmatamento ou qualquer ato contra a natureza.
- *Magia e feitiços* – doenças causadas por feiticeiros, pajés, ou indivíduo capazes de fazer maldade invocando entidades espirituais. O mais comum entre os indígenas são os estragos, onde são usados remédios do mato. Tais remédios podem ser colocado na comida, na roupa, na sandália ou mesmo na pele. Suas reações são diversas como coceiras, feridas, dores pelo corpo, dores de cabeça e muitas vezes a um comportamento de loucura total. Outro causador de doença muito comum é o sopro, trabalho realizado por um pajé, onde invoca os espíritos maléficos e sopra com sua boca causando a infelicidade das pessoas.
- *Transgressões de regras espirituais* – na cultura indígena cada etnia possui suas crenças, suas regras e costumes na qual buscam seguir para o bem-estar de seu povo. Quando essas regras são desobedecidas, o indivíduo é punido pelos deuses.

- *Influência de agentes externos* – são doenças do branco causadas pelo ato sexual, falta higiene, falta de vitaminas e nutrientes que o corpo necessita. O indígena entende que tais doenças devem ser tratadas com a medicina convencional.

Na comunidade de Itacoatiara Mirim os métodos de cura mais utilizados são as plantas medicinais, os benzimentos e a medicina convencional. Como a comunidade está localizada na zona periurbana do município, os agentes de saúde acompanham os moradores, fator contribuinte para a inserção da medicina convencional.

Na percepção indígena todas as doenças podem ser tratadas com a medicina indígena, contudo, os tratamentos convencionais são essenciais, dependendo do tipo de doenças. Os métodos tradicionais envolvem diversas combinações como os remédios do mato, ritual e pajelança, banhos e outras práticas, dependendo da etnia as técnicas de cura podem variar. Sendo assim, o mundo indígena é muito misterioso, onde existe uma explicação para cada fenômeno que envolve a vida humana.

A mitologia Baniwa é a fonte de explicação para a prosperidade, saúde, felicidade, bem viver, doença, infertilidade etc. Um dos principais mitos que explica a causa das doenças no mundo é da mulher de Napirikoli, classificado como doença advinda do adultério.

A história conta que a esposa de Napirikoli o traía com uma cobra por nome Omawali, a mulher mantinha relação sexual com a cobra e Napirikoli ao descobrir resolveu se vingar. Seu comparsa Hoiniri, um curupira da floresta, o ajudou cedendo sua zarabatana com flexas envenenadas. Napirikoli armou uma cilada para sua esposa, assim atraindo a cobra para matá-la, porém não sabia usar a zarabatana, errando diversas vezes e a cada erro das flexas nascia uma cobra venenosa, foi então que Hoiniri (curupira) pegou a zarabatana apontou para o céu e bateu forte com a palma da mão e acertou no ombro, novamente apontou para o céu, bateu forte com a palma da mão e acertou no quadril da cobra, levando-a a morte. Após um período, a mulher descobriu que estava grávida da cobra, durante a gravidez as cobrinhas se multiplicaram na sua barriga, um dia a barriga da mulher estourou e saíram as cobrinhas se espalhando pela mata, surgindo assim muitas cobras. Porém uma cobrinha ficou em sua barriga dando continuidade a gravidez, formando a criança que era metade gente e metade cobra. Seu nascimento foi diferente, perfurando a região da clavícula da mãe e se enrolando em seu pescoço, o rabo ficou preso ao útero, assim ambos ficariam juntos para sempre. A mãe não conseguia se livrar do filho e um dia o filho resolveu entrar no rio e levar sua mãe junto, deixando-a na cabeceira do Içana. A partir de então, essa região tornou-se uma terra fértil, porém, com

muitas cobras, impossibilitando a vivência humana. Mitos relatam que o filho de Omáwali (cobra) se tornou o pai dos Yóopinai da terra daquela região, onde futuramente os brancos roubariam petróleo e, como castigo, surgem as doenças dos brancos.

A origem das doenças no mundo Baniwa remete à organização do cosmos, que comporta um eixo vertical, representado pela continuidade de gerações, desde o ancestral criador Nniãpirikoli até os homens do tempo atual; o plano horizontal conecta a reprodução da doença na vida social às relações político-históricas de aliança e hostilidade entre sibs e fratrias (Hill, 1989, (Wright, 1993/1994, p. 39-40).

Nesse contexto de classificação das doenças por eixo vertical e horizontal, podemos destacar as mulheres na dimensão horizontal, vinculada ao casamento. Para os Baniwa é fundamental o ritual do casamento, garantindo, assim, vitalidade e bem-estar para o grupo.

A saúde indígena na área de invisibilidade cultural se encontra todo um extenso e complexo sistema de ideias relativas ao nascimento e a morte, a saúde e a doença, ao corpo e ao espírito, totalmente distintas das categorias pelas quais os indígenas classificam esses fenômenos, bem como das formas de tratamento que costumam propor a eles (Oliveira, 1994, p. 24)

O nascimento e a morte, a saúde e a doença, estão vinculados a diversas categorias, o que consiste no conhecimento tradicional para diagnosticar as causas e iniciar um tratamento específico. É importante frisar a necessidade dos rituais de proteção ao corpo logo nos primeiros anos de vida e nas primeiras passagens da fase de infância para a fase adulta. Na cultura indígena, esses cuidados definem o futuro do indivíduo, tanto na prosperidade de sua geração quanto na prosperidade sustentável advinda do trabalho e esforço.

### *Categoria II – Prevenção e cura através das plantas*

A prevenção é o melhor caminho em todos os aspectos, prevenir promove o bem-estar e a segurança para a vida humana.

Os indígenas possuem seus diagnósticos e tratamentos de doença interligado ao cosmo. Para eles, a maldade e a desobediência são os causadores do sofrimento da humanidade. É difícil entender e aceitar o processo do sofrimento, o óbvio, é culpar o

outro por situações desagradáveis, quando na verdade nós somos os causadores do nosso próprio sofrimento. As transgressões ancestrais perpetuam nas gerações, trazendo consigo a doença e a morte.

As transgressões dos ancestrais e dos atuais vivos produzem poluição corporal, espiritual e cósmica que torna o mundo um lugar sujo, cheio de veneno e de maldade, demandando cuidados que tem por objetivo restituir uma limpeza e a pureza capaz de reaproximá-lo do belo, limpo e brilhante céu de Nhiãpirikoli (Wright, 57/58 – 37-48, 1993/1994).

De acordo com a citação, o corpo precisa de purificação constante, pois a maldade habita entre os seres humanos diariamente. Sendo assim, o bem-estar do corpo exige sacrifício, é necessário entender que o universo precisa estar em harmonia total. Cabe ao ser humano abster-se das vontades carnis, habituando-se às disciplinas corporais e espirituais, o que lhe proporcionará a saúde do corpo e da alma.

A purificação pode ser feita de várias maneiras: através das restrições dietéticas, renúncia aos prazeres, obediência às normas ancestrais, jejum, não consumo de pimenta, limpeza do estômago, rituais de banhos e rituais de bahsese. Os relatos dos comunitários comprovaram o efeito desses cuidados no corpo. A geração atual não se apropria desse saber, gerando sofrimentos futuros em sua vida e na vida de seus familiares.

Se o processo de prevenção acontece, não existe cura, afinal sem doença não há o que se tratar. Mas o mundo está contaminado, como resolver o problema? É possível resolver, contudo, existem processos da mesma forma que existem os processos de prevenção. Não é tão simples assim, a cura pode ocorrer de várias maneiras, através do benzimento feito por um pajé, em o pajé realiza orações de cura e determina algumas regras ou orientações a serem cumpridas para sua eficácia.

Conforme narrado pelo pajé Manuel da Silva, o Mandu de Uapuí Cachoeira (Acira, Foirn, 1999, p.181),

Os pajés cheiram *pariká*,<sup>9</sup> depois eles veem com *pariká* [...] os pajés podem ficar como o mestre do mundo, em seu pensamento. Eles fazem o mundo. Eles podem e têm em seu pensamento poder. Assim, eles pensam por todo o povo [...] eles fazem as pedras, eles fazem a madeira, eles transformam tudo com *pariká*. Eles se transformam em madeira, em onça, se transformam em jacaré, em boto, em urubu, tudo isso em seu pensamento – eles se transformam em pessoas também [...] então eles são capazes de conhecer o mundo.

Os pajés são homens preparados para atuar no mundo sobrenatural, seu corpo, sua mente é preparada para essa função. Nas comunidades indígenas as enfermidades são tratadas unicamente pelos pajés, seu principal instrumento é o paricá juntamente com o conhecimento tradicional. Outro método para tratar as doenças são os especialistas (detentores dos saberes tradicionais), segundo Kumu (2013):

A gente não advinha a doença, não fazemos milagres para curar, não falamos com os espíritos para descobrir as doenças, mas a gente conhece as doenças, a gente sabe quais são as doenças que podem afetar as pessoas em cada período do ano. Aí a gente faz bahse ou usa plantas medicinais para curar as pessoas (Kumu Manoel Lima, Entrevistado, 2013)

Outro tratamento é através das plantas medicinais onde são utilizadas as cascas, flores, raízes e sementes. Cada etnia possui suas técnicas de preparo, sempre acompanhado do benzimento. A região do município de São Gabriel da Cachoeira possui um verdadeiro reservatório de plantas medicinais nativas, recursos naturais sem gastos significativos, disponibilizados na natureza. Esses recursos possibilitam ao indígena a cuidar da sua saúde e ainda extrair o seu sustento.

A Floresta amazônica dispõe de uma grande variedade de plantas medicinais, pode-se considerar a floresta uma verdadeira “farmácia viva”, que oferece recursos medicinais sem custos, um presente dos deuses. Somado a essa diversidade de plantas, é possível utilizar suas partes (folhas, flores, raízes, batatas, cascas etc.) em inúmeros preparos medicinais.

**Figura 13** – Passeio na Mata em busca das plantas medicinais



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

Segundo Graciliano Alexandre, capitão da comunidade de Itacoatiara Mirim, a população é beneficiada pela floresta, os recursos de sobrevivência e medicamentos são retirados exclusivamente da floresta. Na comunidade, existe uma trilha onde estão localizadas as plantas nativas, são elas: saracura, carapanaúba, ucuqui, umirim, batata contraveneno, orquídea, escada de jabuti, sucuba, murissi, pinu-pinu, theezpidaa (língua baniwa), kaapullyrudaa (língua baniwa) etc. Essa são algumas variedades identificadas na mata dos arredores da comunidade. No entanto, as práticas indígenas não se limitam unicamente as plantas, a floresta oferece inúmeros tratamentos naturais advinda dos minerais, dos vegetais e dos animais.

A floresta é tão rica que fornece até água consumível retirada dos cipós. Como pesquisadora, fiz questão de viver a realidade dos moradores. No percurso pela mata, encontramos o cipó que produz água natural, é lindo como Deus pensou em cada detalhe para proporcionar ao homem condições de sobrevivência, uma floresta repleta de riquezas naturais disponível 24 horas. De fato, o Amazonas é o pulmão do mundo, e o município de São Gabriel está localizado na região que considero um verdadeiro paraíso tropical. Diante da imensidão verde ao longo do caminho, encontramos o cipó que produz água, sem cogitar, experimentei a água, realmente o sabor é idêntico à água mineral advinda de fontes de água e, mais uma vez, comprovamos a perfeição da natureza.

**Figura 14** – Aplicação de Colírio Natural e Cipó que produz água



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

Outra descoberta foi o colírio anti-inflamatório natural, comprovado pelos comunitários. No entanto, fiz questão de experimentar. E realmente funciona, a sensação imediata é de leve ardência e depois um alívio. Observei algumas plantas encontradas no percurso as quais experimentei e comprovei sua eficácia, porém existem inúmeras plantas medicinais, acredito que exista remédio natural para todas as doenças do mundo, o problema é que os saberes estão se perdendo e os conhecimentos acerca das plantas se vão com o passar do tempo.

O município tem recebido muitos turistas, pesquisadores, empresários, Ongs, todos com objetivos específicos, seja de exploração da fauna e da flora ou simplesmente conhecer e apreciar as belezas naturais. No período colonial, os povos originários quase perderam suas terras. Durante o século XIX, após a instauração da República, a cobiça pelo território continuou. Por sua vez, a Constituição de 1891 atribuiu aos estados o direito de decidir sobre as terras existentes, sem se referir ou nomear as populações indígenas, o que intensificou perseguições às comunidades isoladas.

Atualmente, essa questão territorial continua sendo um problema, pois o confinamento dos indígenas tem trazido sérias consequências. Uma delas é o acesso às plantas nativas, sendo necessário percorrer um longo caminho em busca desses recursos naturais. Cabe afirmar que a preservação desses recursos se faz necessário para garantir a saúde e o bem-estar das futuras gerações.

Afirma Norbert Elias (1994, p. 22) que todos os seres humanos estão interligados, impossível viver de forma isolada, as pessoas estão conectadas de alguma forma. A partir do pensamento do autor, compreende-se que a coletividade é necessária, a conexão existe, somos interdependentes dentro de uma sociedade, a população indígena precisa unir forças para proteger a floresta, sermos os guardiões das etnoespécies medicinais da Amazônia.

Na comunidade de Itacoatiara Mirim, destacamos duas espécies muito utilizadas pelos indígenas: saracura-mirá e carapanaúba, espécies nativas da Amazônia, possuem propriedades curativas, espécies não cultivadas, encontradas apenas na selva amazônica. “Seus benefícios são inúmeros”, afirma Graciliano Alexandre.

A saracura-mirá é um cipó encontrado em terra firme e igapó, se entrelaça nas árvores, suas propriedades fitoterápicas estão na casca e na raiz. O nome científico da saracura-mirá é *Ampelozizyphus Amazonicus Ducke*, da família *Rhamnaceae*, uma espécie de cipó da Amazonia. É conhecida também como cerveja de índio, por apresentar uma coloração idêntica a cerveja e ter espuma.

Na atualidade, a saracura-mirá vem sendo muito utilizada pela população local, podendo ser utilizada nos diagnósticos de inflamação uterina, diabetes, dor no ovário, infecção urinária, hepatite, limpeza do sangue e o aumento da imunidade. Seu preparo é muito simples, basta ferver a água juntamente com a casca ou raiz, e está pronto o chá. Seu sabor não é muito agradável, tem um amargor único, sendo seu diferencial. A quantidade para 2 litros de água equivale a um punhado de raspas do cipó. Modo de uso: é recomendado tomar meio copo de 200 ml em jejum e outra medida antes de dormir, assim que os sintomas desaparecerem, é importante interromper a ingestão do medicamento. Como todo medicamento, esse também não deve ser tomado de forma exagerada, é necessário seguir as recomendações de uso.

Os moradores da comunidade se apropriam do uso das plantas devido às propriedades curativas que abrange uma grande variedade de doenças. Relatos comprovam a eficácia da saracura-mirá, então cabe a população cuidar dessa espécie e garantir sua existência.

**Figura 15** – Muda de Saracura-mirá e Raiz, raspas da raiz e o chá



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

Outra planta nativa da Amazônia é a carapanaúba, seu nome científico é *Aspidosperma Nitidum*, muito utilizada na medicina natural dos indígenas, espécie encontrada no meio da floresta, em terra firme. Suas propriedades curativas estão somente na casca. Modo preparo: retira-se a casca, em seguida passa por um processo de secagem para garantir a preservação de suas propriedades por um período maior. Indicado no tratamento de diabetes, problemas no estômago, câncer, anticoncepcivo, bronquite,

gastrite, colesterol, pressão alta, malária, inflamação uterina e no ovário, problemas renais, ferimentos e inflamações.

É um excelente aliado no emagrecimento. Seu preparo consiste na fervura da casca, sendo necessários três pedaços de 30 cm da casca para dois litros de água, tomar duas vezes ao dia, assim que desaparecerem os sintomas, suspender a medicação.

**Figura 16** – Árvore da Carapanaúba e a Casca da carapanaúba



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

Durante o processo de investigação, identificamos algumas árvores da carapanaúba, próximo à comunidade, com seu caule bastante agredido, evidenciando o uso de suas cascas com muita frequência. Contudo, algumas árvores em perfeita preservação.

Quando pensamos na sobrevivência dessas espécies surgem os desafios de preservação, alguns comunitários desconhecem a importância da preservação das plantas, que ao utilizar cortam a planta e não cultivam a espécie, isso implica no possível desaparecimento da espécie medicinal. Portanto, a preservação é o caminho para manter viva a tradição da cura através das plantas.

Historicamente, a cura natural é uma prática característica do indígena. Atualmente, essa prática vem sofrendo transformações. Novos *habitus* introduzidos pela modernidade, já dizia Norbert Elias (1994, p. 173): “tem-se a impressão de que a solidez, a resistência e o arraigamento do *habitus* social dos indivíduos numa unidade de sobrevivência aumenta à medida que se alonga e encomprida a cadeia de gerações em que certo *habitus* social se transmite de pai para filho”. É lamentável essa solidez se perder, os conhecimentos não serem transmitidos de pai para filho e termos uma

sociedade moldada com *habitus* adquiridos pela civilização ocidental, o que desencadeia a necessidade do aperfeiçoamento na organização social. Aperfeiçoamento imbricado ao conceito de civilização.

No capítulo 2 foi abordado as técnicas aplicadas durante a pesquisa como a etnografia, observação participante, questionário e entrevista semiestruturada, onde cada etapa foi programada cuidadosamente priorizando o bem-estar dos comunitários. É imprescindível elaborar um cronograma de visitas, para facilitar na coleta de informações sem comprometer a rotina dos participantes. No mais, foram discutidas as categorias analíticas trazendo o entendimento das causas das doenças e a cura através das plantas e outras técnicas indígenas.

### **3 PERCEPÇÕES E EMOÇÕES VIVIDAS NA COMUNIDADE DE ITACOATIARA MIRIM**

#### **3.1 Conhecimento tradicional compartilhado na oralidade: vivência dos indígenas de Itaquatiara Mirim**

O terceiro capítulo aborda as experiências compartilhadas pelos comunitários que subsidiaram as discussões acerca do objeto de estudo, por meio da entrevista semiestruturada e do questionário estruturado. As informações coletadas propuseram uma reflexão do verdadeiro sentido da vida e do universo ao nosso redor.

A observação da rotina despertou a emoção poética, o sentimento de valorização das pequenas coisas e de detalhes que fazem tudo parecer simples diante de uma imensidão de seres humanos nas mais diversas sensibilidades de mundo. Começo este capítulo com um pequeno poema que surgiu a partir da vivência na comunidade.

#### **O que temos para o café?**

A neblina da manhã inspira amor  
Ah, o amor,  
O amor é a simplicidade da vida,  
Os pés descalços, cabelos queimados pelo sol.

Soa o sino,  
Sino da alegria, do calor humano  
Curumim se agita com seu copo na mão  
No corre corre, lá vem o capitão.

Mesa farta,  
Quinhampira, cibé e pirão  
O que falta?  
Gratidão?

Não, não,  
Os corações são gratos  
Pelo pouco, pelo muito, ou talvez nada  
Não importa, somos gratos!

A seguir, os relatos das histórias e experiências de vida das mulheres indígenas da comunidade de Itacoatiara Mirim. Os relatos seguem uma abordagem investigativa a respeito da fase de infância, ritual da menina moça, conhecimento tradicional acerca das plantas medicinais e suas práticas de cura através das plantas e rituais. As participantes, nesse primeiro momento, foram mulheres entre a faixa de 27 a 37 anos de idade.

As entrevistas foram previamente agendadas de acordo com a disponibilidade das mulheres. Foi relembra da carta do TCLE, frisando os critérios cabíveis na entrevista.

**Entrevistada 1:** senhora Daiane Garcia da Silva, 27 anos de idade, da etnia Baniwa, casada, tem uma filha de 8 anos e está grávida de 3 meses. A entrevistada relata que estudou até o 5º ano do Ensino fundamental I na comunidade e depois passou a estudar na cidade onde concluiu o Ensino Médio. Conta ainda que a vida é muito difícil, o recurso para a sobrevivência da família é a agricultura. Desde muito cedo começou a trabalhar na roça juntamente com seus pais, hoje possui uma roça de onde retira o sustento de sua família. Cultiva banana, abacaxi, cana, macaxeira e pimenta ardosa, todos esses produtos são vendidos na feira municipal do município, a 11 km da comunidade. A rotina do trabalho na roça é de segunda a sexta-feira, iniciando as sete horas da manhã com um café reforçado, mingau de farinha, quinhapira e o tradicional café preto. Aos sábados e domingos fica na comunidade com as atividades comunitárias e domésticas.

Daiane relata a fase de menina moça. Ela conta que no passado esse ritual de menina moça era marcado por momentos de sofrimento que duravam 7 dias consecutivos de resguardo total, ao final, a menina era surrada. Porém, na atualidade, o ritual tomou outros conceitos não sendo necessário 7 dias de resguardo.

Daiane conta que teve um resguardo de 5 dias, passou dois dias sem comer e sem tomar água. No terceiro dia, seu pai fez uma oração e deu meio copo de refrigerante um pedaço de pão e mingau, no quarto dia ficou novamente sem comer e sem tomar água, no

quinto dia teve que comer pimenta e fazer sua própria comida. No momento que comia a pimenta, seu pai lhe aconselhava, passava os ensinamentos e princípios de uma vida longa. Nesse mesmo dia, seu cabelo foi cortado, assim, lhe dando a liberdade para sair de casa. Daiane conta que todo esse ritual é necessário para proteger o corpo contra as doenças, os ensinamentos preparam o indivíduo para se tornar uma pessoa independente, capaz de lidar com diversas situações decorrentes da vida adulta.

Quando nós mulheres estamos menstruadas somos proibidas de ir à roça, no igarapé e não podemos jogar bola. Se eu estou menstruada e alguém andar atrás de mim a pessoa vai sentir dores nas pernas, se eu fizer alguma atividade e suar, eu preciso lavar rapidamente essa roupa, porque o suor atrai majuba causando coceira e dores pelo corpo todo. A majuba são animais espirituais, ou animais encantados que estão ao nosso redor, eles provocam muitas doenças dependendo da fase em que estamos, ou menstruadas ou de resguardo, nesses períodos eles aproveitam para nos atacar, porque o nosso corpo está fraco, é quando eles nos atacam. Existe o minhocão que entra na mulher causando muitas dores nos pés e para nós Baniwa as veias estouradas que os brancos falam, é o minhocão (Entrevistada 1, Daiane, 2024).

Quando a menina se torna mulher é fundamental o resguardo do corpo, para evitar possíveis doenças. Relata ainda que existe um espírito do mau que ronda o mundo humano, afeta principalmente as mulheres, é conhecido como majuba. O período do ciclo menstrual é o momento propício para esse espírito atacar as mulheres, causando algum tipo de doença, por isso o período menstrual para os Baniwa ainda segue a tradição do resguardo. É importante a mulher ficar em casa durante o ciclo sem nenhum contato com a natureza. Segundo Daiane,

hoje eu entendo a importância do ritual da menina moça. Meu pai estava me preparando para enfrentar a vida adulta, na época eu achava injusto todo aquele sofrimento, que não havia necessidade, mas hoje eu entendo e agradeço todos os ensinamentos que meu pai repassou. Graças a ele tenho minha roça, sei fazer farinha, sei fazer beiju, consigo ter uma vida boa e conheço algumas plantas nativas para o tratamento de doenças. (Entrevistada 1, Daiane, 2024).

**Figura 17** – Entrevistada Sra. Daiane Garcia



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

A entrevistada frisa que não conhece todas as plantas medicinais existentes nos arredores da comunidade, isso por falta de interesse próprio:

muitas vezes meu pai e minha mãe tentaram mostrar as plantas medicinais e ensinar o preparo, mas eu não dei importância, achava que era perda de tempo, que todos os remédios podem ser comprados na farmácia. Mas hoje eu entendo a importância das plantas porque elas não fazem nenhum mal ao nosso corpo se tomando da maneira correta e seguindo as dietas necessárias para a cura. Aprendi muito pouco os remédios do mato por confiar nos saberes dos meus pais, e esqueço que um dia eles irão partir e os saberes irão se perder, eu tenho a consciência disso, mas com a correria do dia a dia vou deixando de lado esses conhecimentos. Sei que é muito importante a gente conhecer a nossa cultura e da continuidade, mas é difícil. Meu pai sempre fala que devemos cuidar do nosso corpo para ter saúde, mas somos desobedientes e adoecemos (Entrevistada 1, Daiane, 2024).

Segundo Daiane, “as doenças são consequências da desobediência. No mundo Baniwa, a terra, a floresta, o vento são elementos fundamentais para o bem-estar do ser humano, tudo depende do homem, as escolhas definem a vida, a obediência proporciona o bem viver, caso contrário, o homem sofrerá as consequências”. O povo Baniwa na comunidade de Itacoatiara Mirim procura respeitar a tradição dos cuidados com o corpo, assim mantendo a saúde física e mental.

**Entrevistada 2:** senhora Berta Samoni Melo, de 36 anos, pertencente à etnia Desana, casada, tem dois filhos, um de 18 anos e uma bebê de um mês. A nossa

entrevistada argumentou que se sente triste diante da desvalorização da cultura. “Com o passar do tempo, as tradições estão se perdendo”, enfatiza Berta.

“É no dia a dia, e ao longo de muitas gerações, que os conhecimentos são repetidos, reforçados e, até mesmo, abandonados em decorrência das mudanças de condições de sua produção e/ou aplicação e transmissão” (Ellen; Harris, 1996, p. 3). A entrevistada relata esse processo de mudança que vem ocorrendo com o passar dos anos.

Os moradores da comunidade carregam consigo histórias de lutas e vitórias. No geral, a vinda dos indígenas para a zona urbana visa sempre uma perspectiva de vida melhor. Berta conta que ela e sua família se deslocaram de Querari, em busca de melhoria de vida, pois na comunidade em que moravam as pessoas eram muito invejosas, por isso abandonaram a comunidade de Querari.

Hoje moramos aqui em Itacoatiara Mirim, construímos nossa casa e vivemos da agricultura. Criamos porco, temos roça e plantamos banana para vender na feira, plantamos graviola, fazemos farinha, beiju, goma e assim a gente vive. Todos os dias nós vamos para a roça, é cansativo, mas precisamos trabalhar para sustentar nossos filhos (Entrevistada 2, Berta, 2024).

Pedi que dona Berta contasse um pouco sobre a fase de infância para a fase de mulher, porém, antes de qualquer informação, foi compartilhado uma bebida tradicional do povo Desana, o famoso caxiri na cuia. Caxiri é uma bebida fermentada preparada com a macaxeira, apesar de não conter álcool, a bebida embriaga.

**Figura 18** – Compartilhamento do Caxiri na Cuia e Entrevistada 2, Sra. Berta



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

Após o momento de descontração iniciamos o relato de experiência de vida com a entrevistada. Relatos do ritual da menina moça segundo dona Berta:

Bom, eu sempre fui acompanhada pela minha mãe. Fiquei moça com 13 anos, nesse dia minha mãe cortou meu cabelo, faz parte do ritual de menina moça. Fiquei uma semana sozinha no quarto e todos os alimentos eram benzidos pelo meu pai antes de comer. Depois que passou a menstruação meu pai passou urucum no meu corpo todo e me levou para tomar banho no igarapé, um banho rápido de purificação do corpo. A partir desse momento, eu pude ficar junto com minha família, comer junto, conversar. Antes nós obedecíamos aos nossos pais e respeitávamos essas tradições do cuidado com o corpo, hoje as meninas não obedecem, procuram homem muito cedo, engravidam e não sabem de quem é o filho, é muito triste isso. O benzimento é muito importante nesse período que a menina fica moça, quem não recebe esse benzimento com certeza vai ter problemas de saúde mais tarde. As jovens de hoje não acreditam que os seres espirituais existem e podem causar doenças. Esses seres nós chamamos de majuba, nós não os enxergamos, mas eles vivem entre nós, por isso devemos ter muito cuidado com o corpo (Entrevistada 2, Berta, 2024).

Segundo a entrevistada 2, no passado as crianças eram ensinadas a praticar a cultura indígena, falavam na língua indígena, dançavam, aprendiam a confeccionar os artesanatos, aprendiam a trabalhar na roça, e assim eram repassados os conhecimentos. Atualmente, essas práticas estão desaparecendo, a escola tem contribuído para essa desvalorização”, afirma a entrevistada. Berta relata:

Os indígenas são muito invejosos, a gente não pode ter nada que eles estragam, envenenam, destrói as plantações, os animais, eu não entendo. Os brancos não fazem isso, eles têm dinheiro e não estragam os outros. Eu não entendo por que isso acontece entre nós indígenas, eu tinha muita roça, criava porco, galinha, pato para vender, tinha muitas frutas, hoje não tenho quase nada por causa da inveja dos parentes, fico muito triste com isso, mas os indígenas são assim (Entrevistada 2, Berta, 2024).

Perguntei quais são as doenças que mais atingem os moradores da comunidade, Berta afirma que:

Aqui na comunidade dá muito a malária acho que todos nós já tivemos malária, esse doença não respeita ninguém, as crianças, os velhos, os jovens e mulheres grávidas. A gente trata com remédio de farmácia e chá de saracura-mirá. A saracura-mirá é um remédio muito bom para várias doenças. Mulheres que tem problema no útero sempre usam a saracura-mirá, eu uso bastante. Aqui na comunidade todos nós usamos a saracura-mirá para tratar muitas doenças e nós temos bastante aqui, próximo da comunidade, na terra firma. As pessoas da cidade sempre encomendam essa planta porque conhecem o seu poder de cura. O sabor

não é bom, é muito amargo, mas realmente funciona (Entrevistada 2, Berta, 2024).

Berta relata outra situação que afeta os moradores da comunidade, que são as cobras venenosas. Pelo fato da comunidade se localizar em área de mata fechada, o local se torna propício à reprodução das espécies peçonhentas. No passado, muitas pessoas morriam com mordidas de cobra, isso por não conhecer as plantas com propriedades contra o veneno. Os moradores, mediante seus conhecimentos, tratam as mordidas de cobra com plantas, uma delas é a “planta Jararaca”:

Nossas roças ficam no meio da mata e no caminho tem muitas cobras, e sempre somos mordidos pelas jajaracas. As jararacas não nos assustam mais, pois temos o remédio contra o veneno da cobra que é muito bom e tem salvado nossas vidas. A planta que nós usamos é conhecida como planta jararaca, seu caule é idêntico a pele da cobra, ela não cresce muito, é uma planta pequena que nasce na beira do caminho da roça. Nós usamos somente a batatinha, tiramos a batata, ralamos, colocamos a medida de uma xícara de água, passamos pela peneira e em seguida tomamos. Mas existe um ritual para que o remédio funcione, a pessoa que foi mordida pela cobra precisa obedecer às seguintes regras: não ter contato com ninguém, não pode ser visto por mulheres grávidas, não pode ter relação sexual, não pode comer pimenta, não pode comer peixe liso com espora (mandi, surubim, peixes da noite) e seu resguardo leva no mínimo 15 dias. Outro detalhe importante, quem está cuidando do doente não pode comer pimenta e não pode ter relação sexual (Entrevistada 2, Berta, 2024).

**Figura 19** – Muda de Saracura-mirá e Planta Jararaca



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

Outro problema de saúde muito comum na comunidade são as majubas, suas principais vítimas são as mulheres. As majubas são animais como as borboletas, abelhas, moscas, minhocão, e os espíritos da floresta que nós não enxergamos. Esses animais carregam doenças e quando entram em contato com a roupa suada, deixam algum tipo de doença, como dores pelo corpo, coceira, febre e mal-estar. Para acalmar esses sintomas só através do benzimento, um ritual específico contra majuba.

A majuba é muito comum entre os indígenas, e dona Berta conta como sofreu ao ser atacada por esse ser sobrenatural:

Eu fui atacada no período de resguardo, tive minha filha de parto normal aqui mesmo na comunidade, nos primeiros dias eu fiquei em casa, nós indígenas a gente trabalha muito e no sítio ou comunidade tudo é difícil, mas nós precisamos trabalhar senão passamos fome. Então mesmo de resguardo eu desci para o igarapé para lavar roupa do meu filho, terminei de lavar voltei para casa pelo caminho, quando cheguei em casa começou a doer todo o meu corpo e muita febre, falei para meus pais que não estava me sentindo bem, meu pai veio me vê e falou que tinha sido majuba que havia batido na minha perna, por isso aquelas dores pelo corpo. A majuba está em todo lugar nós não enxergamos os animais que estão escondidos na mata, mas eles estão lá, e qualquer oportunidade eles atacam os seres humanos causando muitas doenças. Nós precisamos respeitar a natureza, pedir permissão ao entrar na mata ou pegar qualquer elemento, devemos pedir permissão à mãe natureza. Quando isso aconteceu comigo, procurei logo o pajé, ele benzeu, passou chá para tomar e proibiu eu comer alguns alimentos reimosos (comida que causa inflamação do corpo) e assim eu melhorei, se eu não procurasse o pajé as dores iam continuar. Mas o pajé tem que ser verdadeiro senão as dores não passam, podendo levar à morte. Então é muito perigoso esses espíritos de majuba. Eles atacam quando estamos menstruadas e de resguardo, mas eles atacam também os homens quando o espírito está fraco, causando mal-estar e doenças. Meu pai sempre fala que as meninas que não fazem resguardo durante a menstruação, no futuro irão sofrer na hora do parto, problemas no útero e outras doenças. Quando somos jovens não sentimos nada, mas quando envelhecemos aparecem as doenças porque desobedecemos a tradição. Eu, graças a Deus, procuro seguir a tradição para o meu bem e o bem da minha família. Se todos obedecessem às regras do cuidado com o corpo ninguém ficaria doente. As doenças são causadas pela nossa desobediência, nós não seguimos a tradição e vem o sofrimento (Entrevistada 2, Berta, 2024).

A majuba é um espírito que se conecta com os animais e provocam doenças sem uma explicação lógica ou diagnóstico laboratoriais. É comum entre os indígenas usar esse termo majuba, pois acreditam que esse espírito é um dos grandes causadores de doenças. Tais problemas de saúde só têm solução através do benzimento específico capaz de acalmar a fúria desses espíritos contra a vida humana.

Durante a entrevista, foi perceptível a imensidão de conhecimento existente na cultura indígena. A saúde do indígena depende do próprio indivíduo, da forma como ele enxerga o mundo e entende os sinais emitidos da natureza e seres espirituais. A obediência à tradição é o grande segredo para o bem-estar da humanidade.

**Entrevistada 3:** a senhora Alda contou um pouco de sua história. 37 anos de idade, pertence à etnia Baniwa, falante da língua baniwa, porém entende outras línguas como Tucano, Wanano, Kuripaco e o Português. Alda relata que aprendeu a falar todas essas línguas pelo fato de conviver com várias etnias. Essa convivência com outras etnias se deu através dos casamentos com outros povos. A entrevistada relata:

“Moro com minha mãe, tenho onze irmãos que moram em outras comunidades, mas sempre nos visitam e todos ficam aqui na casa da minha mãe. Meu pai já é falecido há treze anos e desde então nos mudamos do Rio Içana, e agora moramos aqui na comunidade de Itacoatiara Mirim. A vida na comunidade é muito difícil, nós precisamos trabalhar na roça para o sustento da família. Meus irmãos casaram e foram viver suas vidas em outras comunidades, eu continuei ao lado de minha mãe. Somos da etnia baniwa, lutamos pelo nosso povo para manter a tradição, minha mãe é muito sábia, conhece muitas plantas medicinais, mas ela não repassa esses conhecimentos, fala que o conhecimento quando repassado perde o poder, eu não entendo, mas eu respeito a vontade dela e tenho consciência que esse conhecimento que ela tem vai desaparecer quando ela partir para outro mundo. Toda minha família usa as plantas medicinais no tratamento das doenças. Às vezes, tratamos as doenças com os remédios de farmácia, mas sempre acompanhada dos chás caseiros com ervas do mato.

Perguntei se alguém da família tinha experiência de cura através das plantas medicinais. Alda contou:

Em 2022, minha mãe foi diagnosticada com xisto e como tudo é difícil não levamos ao hospital e resolvemos cuidar em casa mesmo. O remédio que usamos foi o fêu da paca (animal da família dos roedores). Nós retiramos somente o fêu da paca e colocamos no vidro com algumas gotas de álcool para ser usado quando necessário. Então minha mãe tomou esse preparo com meio copo de água por alguns dias e o xisto desapareceu. Quando retornamos ao médico para fazer o exame não tinha mais nada, graças a Deus minha mãe foi curada do xisto (Entrevista 3, Alda, 2024).

A entrevistada relata que todas as doenças poderiam ser curadas ou evitadas. Porém, com a evolução do mundo, os saberes e cuidados com o corpo acabou se perdendo no tempo. Registros mostram que antigamente os ancestrais viviam muitos anos, em

decorrência da obediência às tradições, respeito pelos seres sobrenaturais e o cuidado com o corpo por meio dos rituais de proteção.

**Figura 20** – Entrevistada 3 Sra. Alda



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

Alda relata:

Eu não conheço muitas plantas medicinais, minha mãe conhece, mas ela não repassada esses conhecimentos, somente algumas plantas que ela fala que é remédio. E mais, aqui na comunidade existem muitas plantas medicinais, mas cada família conhece por um determinado nome, mas a indicação é a mesma. As vezes nós conhecemos as plantas, mas cada um utiliza de forma diferente. Vamos supor, eu utilizo um determinado remédio para cegueira, mas outra família não usa esse mesmo remédio para cegueira, eles utilizam outros remédios, então cada família possui seus conhecimentos diferenciados das plantas e usam de diversas maneiras (Entrevistada 3, Alda, 2024).

A entrevistada relata que as pessoas com a idade já avançada conhecem muitas plantas, porém, se recusam a ensinar, pois acreditam que ao ensinar ou repassar seus conhecimentos poderão perder seus poderes de cura e enfraquecerem suas conexões com os espíritos protetores. Nesse sentido, os pajés ou benzedores retêm seus conhecimentos para si, pondo em risco o total desaparecimento desses saberes tradicionais. Alda conta uma experiência triste nesse sentido:

Um dia ao amanhecer, percebi que meu cachorro não estava bem, fui ver e percebi que ele tinha sido envenenado. E para piorar eu não

conhecia a planta contraveneno, fiquei desesperada para salvar meu cachorro e ninguém me falou ou mostrou a planta, fiquei muito chateada e perdi meu cachorro por falta de conhecimento tradicional. Nesse momento, percebi como é difícil fazer essas pessoas experientes entenderem que é necessário repassar o conhecimento para preservar a vida, a cultura e manter as práticas tradicionais vivas (Entrevistada 3, Alda, 2024).

Histórias de perdas são frequentes na comunidade. É intrigante definir o motivo, são conceitos e visões diferentes que devem ser levados em consideração. Algumas vezes compreensivo, outras vezes, até compreensivo, contudo, inaceitável.

Em outro momento, agendamos um passeio no caminho da roça em busca das plantas nativas tradicionais. Esse passeio deu início às 8h da manhã, seguimos o caminho da roça onde identificamos muitas plantas medicinais. Durante o percurso, Alda relatou a dificuldade no repasse desses conhecimentos, a falta de interesse das novas gerações pela prática e costumes ocidentais, pondo em risco a existência da tradição. Ela lamenta assistir de perto a cultura indígena sendo ressignificada “a olhos nus”. Alda permitiu registrar por meio de foto uma das plantas que sua família utiliza no cotidiano.

**Figura 21** – Planta medicinal contra picada de cobra, Buiacaá



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

Cada comunitário ou família possui conhecimentos acerca dos tratamentos naturais e identificam as plantas medicinais a serem utilizadas quando necessário. É interessante que esses conhecimentos tradicionais não são compartilhados para outras famílias, cada família guarda seus saberes, limitando o repasse e dando margem ao desaparecimento das práticas ancestrais de cura.

As entrevistas realizadas proporcionaram muito aprendizado. Certamente, os conceitos antes valorizados passaram a receber um olhar diferenciado nas pequenas coisas, nos gestos quase que invisíveis ao olhar desapercibido que esconde um mundo deslumbrante.

Nesse contexto de relatos das vivências indígenas foi utilizada a técnica da entrevista semiestruturada, contudo, priorizando o conforto e a disponibilidade de cada participante, foi fundamental criar o laço de amizade por meio da convivência diária, o que favoreceu na coleta de informações acerca do objeto de estudo.

### 3.2 Discussões e Resultados

Este item corresponde ao questionário estruturado, um quadro demonstrativo que abrange 11,5% dos moradores da comunidade, o que corresponde a uma amostragem de 23 participantes dentre os 190 moradores. O questionário servirá como base para analisarmos as respostas em formato de gráficos para uma melhor compreensão das informações coletadas.

Os participantes do questionário estruturado têm entre 18 e 59 anos, suas etnias são diversificadas o que torna suas práticas diferenciadas. As perguntas buscaram identificar o nível de conhecimento tradicional, o uso de plantas medicinais, o surgimento das doenças, o ritual de cuidado com o corpo e as experiências através das plantas.

A seguir, o questionário e as respostas coletadas na comunidade de Itacoatiara Mirim:

**Quadro 4** – Demonstrativo do Questionário referente aos conhecimentos tradicionais, aplicado na Comunidade de Itacoatiara Mirim, durante o período da pesquisa de campo.

Nº. de participantes	Idade	Foi repassado a você os conhecimentos tradicionais?	Você se apropria do uso das plantas medicinais?	Você interpreta o surgimento das doenças na comunidade?	Você passou pelo ritual dos cuidados com o corpo?	Tem experiência de cura através das plantas?
1	37	Não	Não	Não	Sim	Não
2	37	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
3	59	Não	Sim	Sim	Sim	Não
4	50	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
5	54	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
6	58	Não	Não	Sim	Não	Não
7	40	Sim	Sim	Não	Não	Sim

8	59	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
9	20	Não	Sim	Não	Não	Sim
10	28	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
11	46	Não	Não	Sim	Sim	Não
12	54	Não	Não	Sim	Não	Não
13	59	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
14	26	Sim	Sim	Não	Não	Sim
15	31	Não	Sim	Não	Sim	Sim
16	23	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
17	28	Não	Sim	Sim	Sim	Não
18	18	Não	Sim	Não	Não	Não
19	18	Não	Não	Não	Sim	Não
20	20	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
21	34	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
22	18	Não	Não	Não	Sim	Não
23	50	Não	Sim	Sim	Não	Sim

Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

É possível observar a variação nas respostas, isso ocorre por conta das diferentes etnias. Cada participante possui suas práticas e conhecimentos a qual consideram importantes para a sua cultura. Contudo, todos os saberes são válidos e de grande relevância à pesquisa.

*Quantitativo dos participantes entre as faixas etárias nas questões do quadro demonstrativo.*

De acordo com o quadro demonstrativo, temos uma amostragem de 23 participantes no questionário estruturado, os quais foram agrupados por faixa etária: 1º grupo de 18 a 30 anos de idade, 2º grupo de 31 a 40 anos e o 3º grupo 41 a 59 anos. Dentro dos grupos contabilizamos, a quantidade de participantes para, posteriormente, responder sim ou não referente às questões de investigação. Sendo assim, no 1º grupo foram 09 participantes, no 2º grupo foram 04 e no 3º grupo foram 10 participantes.

Na primeira questão, que aborda o repasse dos saberes tradicionais, no 1º, grupo 4 pessoas responderam sim e 5 responderam não. No 2º grupo, 1 respondeu sim e 3 responderam não, e no 3º grupo, 4 responderam sim e 6 responderam não.

Na segunda questão, que aborda o uso das plantas medicinais, no 1º grupo, 7 responderam sim e 2 responderam não. No 2º grupo, 3 responderam sim e 1 respondeu não. No 3º grupo, 7 responderam sim e 3 responderam não.

Na terceira abordagem sobre a interpretação do surgimento das doenças, no 1º grupo, 3 responderam sim e 6 responderam não. No 2º grupo, 2 responderam sim e 2 responderam não. No 3º grupo, 7 responderam sim e 3 responderam não.

Na quarta abordagem referente ao ritual de cuidado com o corpo, no 1º grupo, 5 responderam sim e 4 responderam não. No 2º grupo, 4 responderam sim e nenhum respondeu não. No 3º grupo, 6 responderam sim e 4 responderam não.

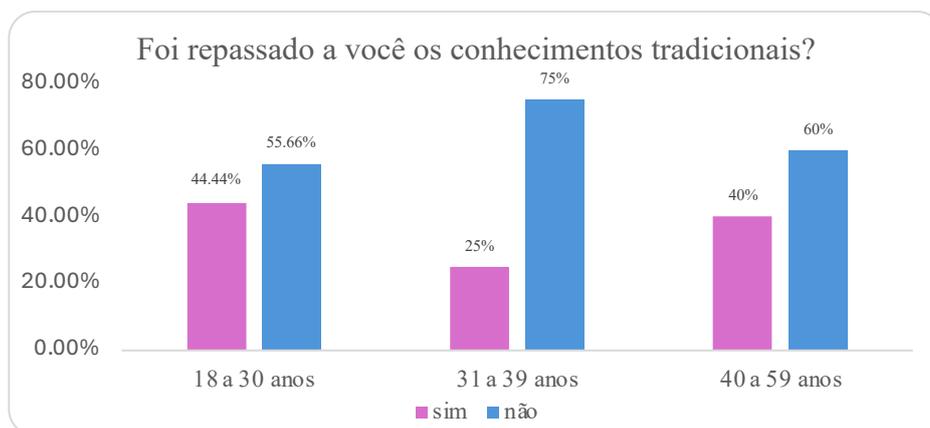
Na quinta questão que aborda as experiências de cura através das plantas, no 1º grupo, 5 responderam sim e 4 responderam não. No 2º grupo, 3 responderam sim e 1 respondeu não. No 3º grupo, 5 responderam sim e 5 responderam não.

Por fim, o quadro demonstrou que na primeira questão as respostas foram negativas em todas as faixas etárias. Verificou-se respostas positivas na segunda, terceira, quarta e quinta questão, as respostas foram unânimes, correspondendo ao esperado na pesquisa. Apesar das mudanças e avanços tecnológicos, foi evidenciado que os indígenas da comunidade de Itacoatiara Mirim ainda conservam e valorizam sua tradição étnica.

### 3.3 Análise do questionário através de gráficos

A seguir, serão apresentados os gráficos do questionário com os resultados obtidos para análise.

**Gráfico 6 – Conhecimentos Tradicionais**



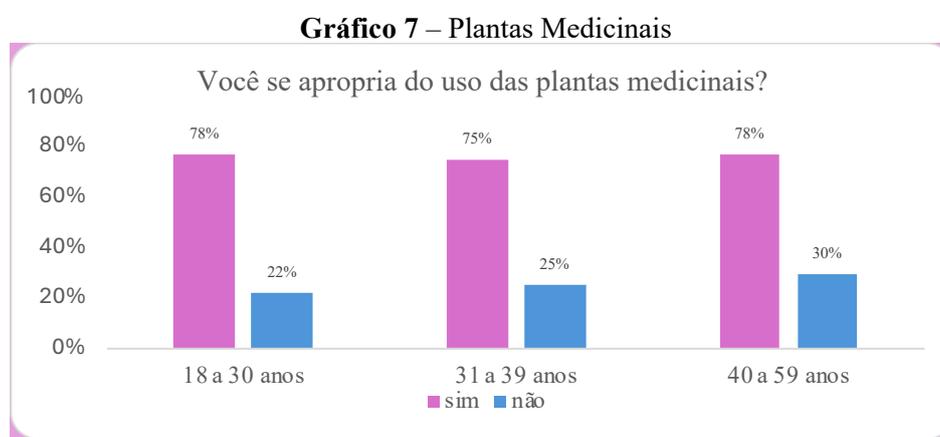
Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

No primeiro gráfico, consideramos que essa questão seja a mais importante por se tratar do conhecimento tradicional. O gráfico mostra claramente a perda dos conhecimentos tradicionais. O indicador em azul indica o não repasse dos conhecimentos.

Dado preocupante na preservação da cultura indígena, enquanto a resposta sim, na cor rosa, apresentou uma porcentagem baixa.

Esse indício, suscita a necessidade de mecanismos que possam reverter esse quadro como, por exemplo, projetos nas escolas de regime regular que busquem a valorização cultural de forma eficaz, ampliação e participação de indígenas quanto à prática tradicional em questões artesanais, preparo de comidas típicas, danças etc. Ou mesmo fortalecer as políticas públicas na revitalização cultural.

Ao analisarmos os dados identificados, percebe-se que a negativa se sobressaiu nas porcentagens em todas as faixas etárias, no universo da pesquisa. Isso indica que com o passar do tempo, o compartilhamento dos conhecimentos tradicionais das pessoas com mais idade para os mais jovens, vem reduzindo.



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

Diante das respostas obtidas, na maioria das afirmativas quanto ao uso das plantas, entende-se que a comunidade valoriza a cura através das plantas, os jovens confiam no poder curativo das plantas. O gráfico demonstra que poucos não utilizam as plantas no tratamento de doenças, preferem os medicamentos convencionais.

No Brasil, a primeira descrição sobre plantas como remédio foi feita por Gabriel Soares de Souza, autor do Trabalho Descritivo do Brasil, de 1587. Esse tratado descrevia os produtos medicinais utilizados pelos índios de “árvores e ervas da virtude”. Com a vinda dos primeiros médicos portugueses ao Brasil, diante da escassez, na colônia, de remédios empregados na Europa, perceberam a importância das plantas utilizadas pelos indígenas como medicamento (Veiga, 2002, p. 25, 273).

O indígena, ao longo dos séculos, tem usado tradicionalmente as plantas na busca por alívio, cura de doenças e prevenção. Sua eficácia vem sendo comprovada por

experiências de cura relatadas pelos indígenas e não indígenas. Entrevistada (2024) comenta:

Eu não conheço muitas plantas medicinais, algumas que conheço foi repassada pela minha mãe, outras plantas e remédios minha mãe não repassa, não entendo o porquê, quando precisamos de algum remédio ela prepara e traz o chá pronto e outras pessoas que conhecem os remédios também não repassam. Eles não negam ajuda, mas não ensinam e nem mostram a planta do mato (Entrevistada, 2024).

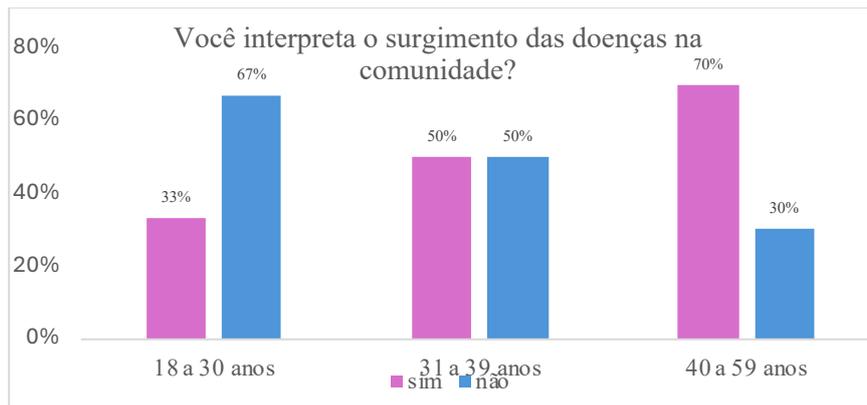
Nas conversas informais na comunidade, foi identificado uso convencional no tratamento de doenças. Contudo, o tratamento tradicional é muito utilizado entre os indígenas, o benzimento, as plantas e rituais de cura. O uso das plantas era a única forma de cuidar dos doentes, isso ocorria muito antes da presença dos agentes de saúde.

Analisando o resultado dos dados da questão, é perceptível em todas as faixas etárias da base populacional do estudo a apropriação no uso das plantas medicinais, o que indica a importância do conhecimento acerca das plantas para o bem-estar do ser humano em geral. Outro ponto positivo é a eficácia sem nenhum efeito colateral, se utilizado na dose correta. Não esquecendo do custo-benefício, considerado baixo por estar disponível na natureza.

O desenvolvimento natural da ciência e das tecnologias em saúde possibilitaram que as plantas medicinais tivessem seu valor terapêutico reconhecido. Assim, atualmente são de interesse e amplamente pesquisadas por profissionais das mais variadas áreas, além de que seu uso é recomendado e assistido por profissionais de saúde com diferentes formações (Lorenzi; Matos, 2002, p. 544).

O autor se apropria de que a ciência natural tem buscado comprovar a eficácia das plantas medicinais, e que os profissionais da saúde assistem e recomendam o seu uso de forma correta e segura, assim evitando a ocorrência de efeitos colaterais adversos.

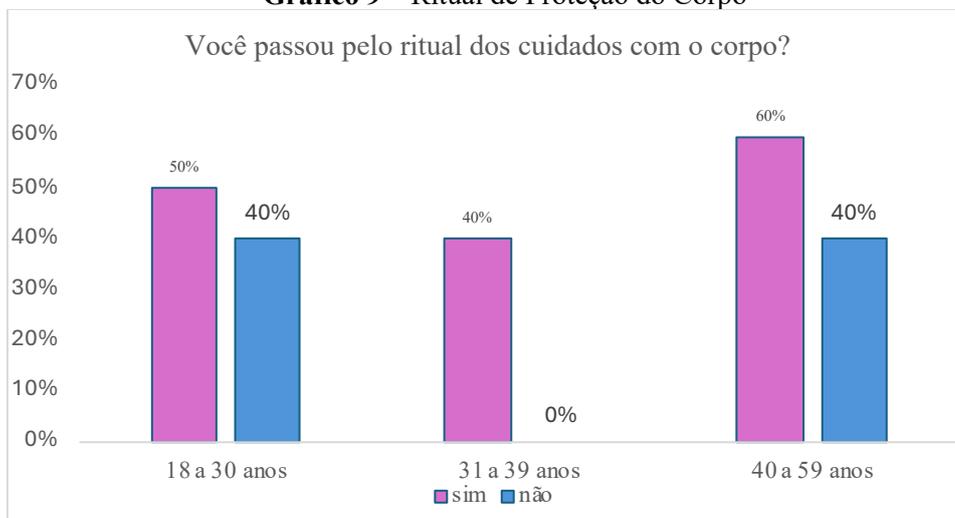
#### **Gráfico 8** – Interpretação do surgimento das doenças na Comunidade



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

De acordo com o gráfico 3, foi evidenciado que os moradores da comunidade interpretaram o surgimento das doenças, apesar da perda dos saberes tradicionais. Ainda assim essa interpretação acontece de forma unânime. Os relatos mostraram que os rituais estão se perdendo. No entanto, o entendimento da conexão do homem com a natureza ou com os seres espirituais é compreendido entre os indígenas.

**Gráfico 9 – Ritual de Proteção do Corpo**



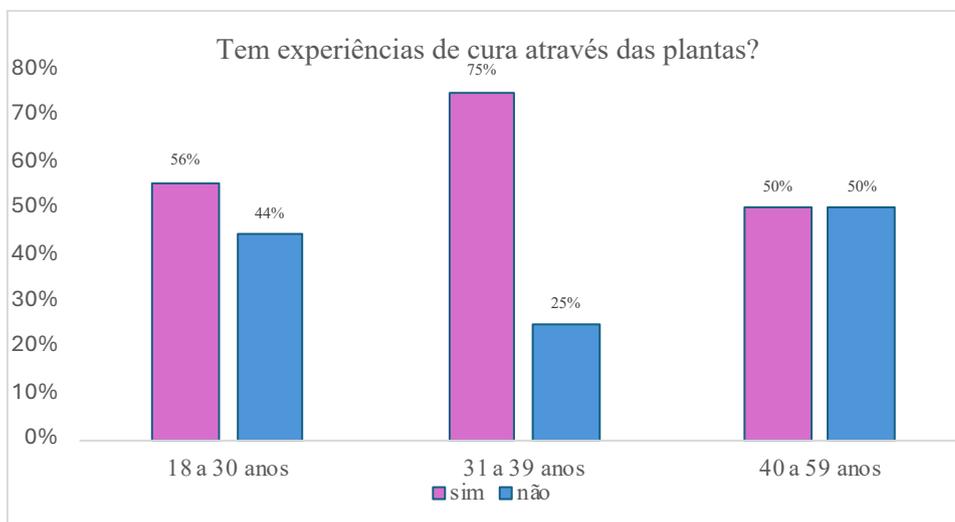
Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

O ritual de cuidado com o corpo para os indígenas é fundamental para ter uma vida bem-sucedida, saúde e bem viver. O gráfico revela a valorização desses cuidados, em que as respostas correspondem à opção sim, que relacionam o bem-estar do corpo e da mente ao ritual de cuidado com o corpo, promovendo a proteção contra os espíritos causadores de doença e desavença entre o grupo.

As mulheres são protegidas de forma específica quando se tornam mulher mediante o ciclo menstrual. A primeira menstruação deve ser compreendida como um

momento crucial para a saúde da mulher. Já os homens, passam pelo ritual para se tornar homens guerreiros capazes de sobreviver em diversas situações do cotidiano.

**Gráfico 10** – Cura através das Plantas Medicinais

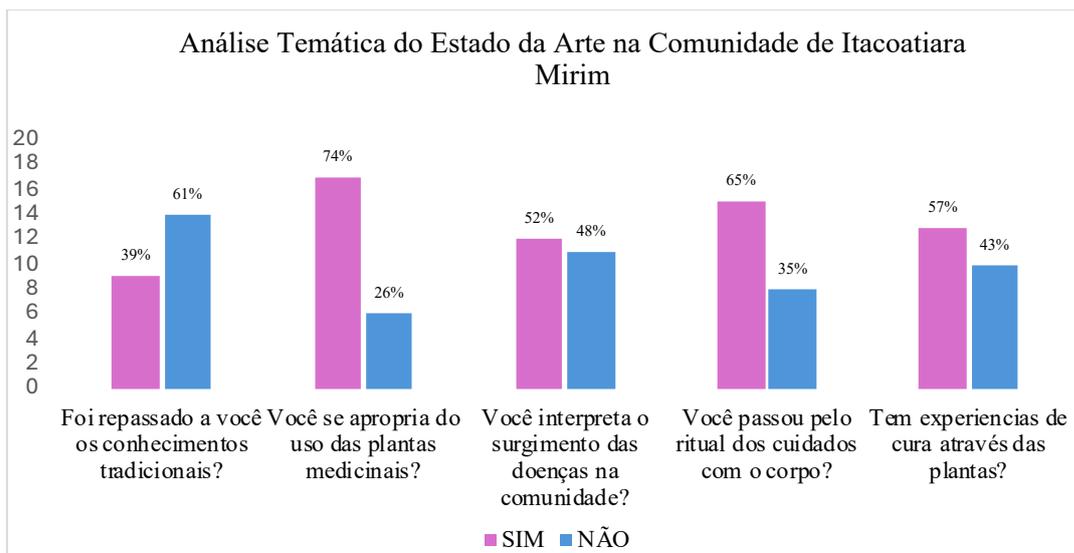


Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

Os dados demonstram que em todas as faixas etárias as pessoas possuem histórico de cura através das plantas. A cor rosa sinaliza a resposta positiva de experiência com as plantas. Nesse contexto, é compreendido a facilidade que os comunitários possuem em encontrar as plantas, pois a comunidade de Itacoatiara Mirim possui uma imensa variedade de plantas medicinais. Praticamente todos os comunitários se apropriam desse recurso natural no combate ou prevenção das doenças.

No entanto, percebeu-se que a medicina ocidental está presente na comunidade e ambas andam lado a lado. Uma das entrevistadas relatou: “nós usamos os remédios da farmácia, mas também não deixamos de tomar os remédios caseiros, os chás, banho, benzimento, isso é importante pra curar a doença mais rápido” (Entrevistada, 2024).

**Gráfico 11** – Resultado Analítico do Estado da Arte na Comunidade de Itacoatiara Mirim



Fonte: Pesquisa de Campo, Costa (2024)

Os dados apresentados nos gráficos foram coletados mediante uma amostragem de 23 participantes da comunidade de Itacoatiara Mirim que se dispuseram em participar da pesquisa. Lembrando que os dados obtidos foram autorizados pelos participantes de forma harmônica e consentimento livre e esclarecido.

Em análise, obtivemos os seguintes resultados na primeira questão: 39% responderam que os conhecimentos tradicionais foram repassados por seus ancestrais e 61% responderam que não foram repassados. Isso comprova que os saberes tradicionais não estão sendo repassados com eficácia. Enquanto a cultura ocidental tem conquistado um espaço significativo no cotidiano do indígena.

A segunda questão evidencia que 74% dos entrevistados responderam que fazem uso das plantas medicinais, e 26% responderam que não fazem uso das plantas medicinais, preferem os tratamentos convencionais, acreditando unicamente na eficácia do método convencional. Contudo, o uso das plantas faz parte do cotidiano da população indígena. Na comunidade de Itacoatiara Mirim, foi comprovada a importância das plantas no tratamento das doenças por meio das respostas obtidas.

A terceira questão demonstra que 52% responderam que conseguem interpretar o surgimento das doenças, e 48% não interpretam o surgimento das doenças. Essa questão é complexa, pois envolve a sensibilidade espiritual. Interpretar o motivo de certas doenças requer uma conexão com o mundo espiritual, com a natureza e os elementos que compõem o corpo. Sendo assim, a interpretação se torna um desafio em que poucos compreendem a causa do adoecimento.

A quarta questão soma uma porcentagem de 65% dos entrevistados que responderam sim, afirmaram ter passado pelo ritual de cuidado com o corpo, e 35% dos entrevistados não tiveram a experiência do cuidado com o corpo. Analisando as respostas, os comunitários acreditam que o ritual é fundamental para o bem-estar e isso tem prevalecido dentro da comunidade, não na totalidade de 100%, porém possui na porcentagem elevada em relação à resposta não.

A quinta questão demonstra uma porcentagem de 57% dos participantes que afirmaram ter experiência de cura através das plantas, e 43% responderam que não tiveram nenhuma experiência de cura. As porcentagens demonstram que o tratamento natural com as plantas é eficaz na cura de doenças, o tratamento convencional está abaixo do tratamento natural que, por sua vez, não apresentam reações adversas, se manipulado da forma correta.

Em análise ao gráfico 6, que engloba as 5 questões, quatro das questões postas em investigação evidenciaram uma amostragem positiva referente aos questionamentos. Sendo que apenas a primeira questão obtivemos um alto índice de respostas negativas, quanto aos repasses dos saberes tradicionais entre a faixa etária de 18 a 30 anos. Tais resultados provenientes da idade, pois se comprovou que os jovens não demonstram interesse pelos saberes ancestrais. Contudo, os resultados obtidos foram satisfatórios na sua totalidade, em que se certificou que a comunidade valoriza sua cultura, que de certa forma mantém suas práticas vivas no dia a dia da comunidade.

Em sua totalidade, os conhecimentos tradicionais não estão sendo repassados aos mais jovens de forma eficiente na comunidade de Itacoatiara Mirim. Uma das possibilidades que contribui para o índice negativo, é a rotina de vida, com a alteração das ações diárias das pessoas que antes se concentravam mais no trabalho para o sustento, sem o acesso à diversidade de segmentos existentes atualmente. As pessoas foram cada vez mais reduzindo o tempo dedicado ao plantio e à exploração da floresta, enquanto o tempo para o trabalho e a educação formal, acesso a informações tecnológicas, televisão e até mesmo às redes sociais, tem aumentado com o decorrer dos anos. Dessa forma, o repasse dos conhecimentos tradicionais saiu do *status* prioritário para um segundo plano, correndo o risco do esquecimento de sua prática ou registro.

Diante do fragmento no repasse dos saberes, foi perceptível na comunidade de Itacoatiara Mirim que o saber tradicional ainda está presente na memória e nas práticas das pessoas mais experientes. Tal evidência reforça a ideia de Harris (1996), ao afirmar que “é no dia a dia, e ao longo de muitas gerações, que os conhecimentos são repetidos,

reforçados, modificados e, até mesmo, abandonados em decorrência das mudanças de condições de sua produção e/ ou aplicação e transmissão”. De fato, as mudanças ocorrem no dia a dia, cabe o indivíduo priorizar sua identidade étnica e manter viva sua cultura e valores ancestrais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado consiste em uma abordagem histórica quanto à interpretação das doenças e a cura entre os indígenas da etnia Baniwa na comunidade de Itacoatiara Mirim-Am. Sendo que os processos de tratamento são extraídos da natureza. Para a obtenção dos dados, tivemos a participação dos comunitários.

A pesquisa se apropriou de algumas questões norteadoras, como: saberes tradicionais, uso das plantas medicinais, interpretação do surgimento das doenças, ritual de cuidados com o corpo e experiências de cura através das plantas. A partir dessas questões, nos debruçamos a investigar o contexto atual em que se encontra a comunidade. Durante a pesquisa, surgiram diversas dúvidas e indagações, no entanto, aos poucos foi-se esclarecendo, os participantes entregaram respostas às nossas indagações. É difícil preservar a cultura, o tradicional muitas vezes requer trabalho manual, dedicação de tempo. E, quando falamos em tempo, as respostas são unânimes, “o tempo é nosso inimigo”.

A dissertação buscou entender a visão dos indígenas da comunidade de Itacoatiara Mirim na questão doença e cura, no intuito de apresentar hipóteses a serem aplicadas na comunidade, e assim promover a valorização da cultura entre as futuras gerações. Relatos comprovaram que a vida vai muito além do que se vê, é necessário sensibilidade espiritual, a fim de sentir, entender e respeitar os sinais emitidos pela natureza ao nosso redor.

Consideramos que a doença é uma consequência de nossos atos, afirmação verbalizada pelos participantes da pesquisa. Acredita-se que todas as doenças do mundo poderiam ser tratadas com as plantas medicinais, porém, esse conhecimento tradicional das plantas se perdeu com o tempo. Os conhecedores que ainda restam não compreendem a importância de repassar esses saberes, guardam consigo o conhecimento no gesto ingênuo e inocente, resultando na perda dos saberes para as futuras gerações.

O município de São Gabriel da Cachoeira possui uma imensa variedade de plantas nativas medicinais. Contudo, os conhecimentos tradicionais são fundamentais para a manipulação e aplicação do tratamento natural. Foi comprovado, através de relatos, que os indígenas possuem suas crenças, acreditam na cosmologia e suas vidas se definem através dos elementos da natureza, onde tudo está conectado, a saúde do corpo, da alma

e da mente, é impossível a separação do homem e a natureza. A terra, a água, o vento, os animais, todos possuem vidas e estão interligados com a vida humana. Assim como os saberes tradicionais são essenciais no tratamento de doenças, as plantas são essenciais para a vida humana, ambas se complementam, garantindo o bem-estar livre de doenças e males que possam existir.

As experiências de cura através das plantas comprovaram sua eficácia, ainda assim, é necessário a manipulação da forma correta desses tratamentos naturais, garantido um tratamento eficaz livre de qualquer tipo de intoxicação. Portanto, os resultados obtidos indicam que os indígenas ainda utilizam seus conhecimentos tradicionais no tratamento de doenças, prevenção e cura. A vida humana, animal e vegetal está ligada diretamente ao cosmo, ou seja, mundo espiritual a qual exige obediência, sensibilidade e fé para compreender os sinais emitidos pelo universo.

Por fim, frisamos que o trabalho apresentou o atual cenário em que se encontra a comunidade de Itacoatiara Mirim em relação aos conhecimentos tradicionais acerca da doença, cura e tratamento natural por meio das plantas. O trabalho servirá como registro cultural, valorização da cultura e revitalização das práticas dentro da comunidade. Logo, declaramos que o estudo foi muito gratificante. Realizar leituras de trabalhos produzidos desperta o interesse. No entanto, vivenciar, acompanhar e sentir é algo fascinante, os sentimentos se modificam, a visão e conceitos de valores ganham uma nova dimensão, onde, a felicidade está nas pequenas coisas da vida, na simplicidade dos gestos e na conexão do homem com o universo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Amélia, *et al.* **Os Povos Indígenas no Brasil**: Uma História de Resistência. Fortaleza: IMEPH, 2010

APOLINÁRIO, R. “Calendário anual Baniwa”. **Aru- Revista de Pesquisa Intercultural da Bacia do Rio Negro**, 2, 108-117, 2008.

BANIWA, Gersem. “As contribuições dos povos indígenas para o desenvolvimento da ciência no Brasil: os povos originários colaboram de diversas formas com a sociedade brasileira desde a chegada dos portugueses até os dias de hoje”. IN: **Ciência e Cultura**, v. 7, n. 3, São Paulo, jul/set, 2022. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252022000300011&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252022000300011&script=sci_arttext&tlng=es). Acessado em 30 de abril de 2024.

BANIWA Shamanic Revitalization and Living Treasure Jaguar-Shaman Mandu Silva. *Foundation for Shamanic Studies*, 8 jul. 2009. Disponível em: <Disponível em: <https://shamanism.org/news/foundation-supports-last-jaguar-shaman/> >. Acesso em: 12 abr. 2017.  
» <https://shamanism.org/news/foundation-supports-last-jaguar-shaman/>

---

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, João (2021). Kumuã na Kahtirotiukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas Indígenas do Alto Rio Negro.

BARROS, Wagner Guimarães Carvalho de. **Constitucionalização Latino-America**: Proteção Jurídica da Biodiversidade e dos conhecimentos tradicionais associados dos povos indígenas no município de São Gabriel da Cachoeira. 2021. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Direito) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021.

BECKER, H. S; GEER, B. “Participant observation and interviewing: a comparison”. IN: McCall, J. G; Simmons, J. L. (Ed) **Issues in participant observation**: a text and reader. Reading: Massachusetts Addison-Wesley, 1969. p. 322-331.

BRASIL Ministério da Saúde. **Plano Distrital de Saúde Indígena 2016-2019** [bit.ly/292lmX](https://bit.ly/292lmX) /Sesai Interior Distrital de Saúde Indígena 2016-2019 - Dsei Interior Sul Resultados Esperados, 2016-2019.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Política e Programa Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos**. Brasília. DF. 2016. In: [bit.ly/292lmX](https://bit.ly/292lmX)

BRASIL. **Populações Tradicionais**. 2007. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/populacoes-tradicionais>. Acessado em 15 de dezembro de 2022.

BRASIL. **Populações Tradicionais**. 2007. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/populacoes-tradicionais>. Acessado em 15 de dezembro de 2022.

BUCHILLET. D. “A antropologia da doença e os sistemas oficiais de saúde”. IN: Buchillet D. (Org). **Medicinas tradicionais e medicina ocidental na Amazônia**. 1ed. Belém: MPEG/Edições Cejup/UEP, 1991, v. 1, p. 21-44.

CAPREDON, Elise. **Derrota interna, sucesso exterior: a Patrimonialização do xamanismo. entre os Baniwa (Alto Rio Negro - Amazonas)**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v.24, n. 5, p. 105-134, maio/ago., 2018.

CHUEKE, Gabriel Vouga; LIMA, Manolita Correia. “Pesquisa qualitativa: evolução e critérios”. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 128, jan. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs//index.php/EspacoAcademico/article/view/1297>. Acesso em: 01 fev. 2019.

DIAS DA SILVA, Cristina. **Cotidiano, saúde e Política: uma etnografia dos profissionais da saúde Indígena**. Brasil. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, 2010.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996 (texto originalmente publicado em 1912).

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ELIAS, N. A sociedade dos indivíduos. Organizado por Michael Schroter. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELLEN, R.; HARRIS, H. “Concepts of indigenous environmental Knowledge in scientific and development studies literature: a critical assessment”. IN: **East-West environmental linkages net workshop**, 3, 1996, Canterbury. Proceedings. Canterbury, 1996.

FOIRN e ISA. Levantamento Socioambiental FOIRN e ISA, 2017/18. Garnelo, Luiza. Poder, hierarquia e reciprocidade: saúde e harmonia entre os Baniwa do Alto Rio Negro. Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz. IPC-IG, 2015. Atlas da extrema pobreza no Norte e Nordeste do Brasil.

FOOLER, Maj-Lis. “Intermedicinalidade: a zona de contato criada por povos indígenas e profissionais de saúde”. In: LANGDON, Ester Jean.; GARNELO, Luiza. (org.) **Saúde dos povos indígenas: Reflexões sobre antropologia participativa**. Rio de Janeiro: Contra Capa; ABA, 2004. P.129-148.

GARNELO, L. (org.) **Manual de Doenças Tradicionais Baniwa**. Manaus: Ed. Universidade do Amazonas, 2001.

GARNELO, L. & LANGDON, E. J. L. 2005. “A antropologia e a reformulação das práticas sanitárias na atenção a saúde”. IN: M.C.S. Minayo & C.E.A. Coimbra Jr. (orgs). **Críticas e atuantes: ciências sociais e humanas na América Latina**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.

GARNELO, L. *et. al.* “Medicina Tradicional Baniwa: uma experiência de intervenção social em busca de uma teoria”. In: GARNELO, L.; LANGDON, E. J. (orgs.). **Saúde dos povos indígenas**: reflexões para uma antropologia participativa. Rio de Janeiro: Contracapa, 2004.

GARNELO, L.; SAMPAIO, S; FERNANDO, A. (2001) Doença, cura e serviços de saúde: representações, práticas e demandas Baniwa. **Cadernos de Saúde Pública**, 17(2): 273-284. (2002) Medicina Tradicional Baniwa: Doença, poder, conflito e cura. 23ª Reunião de Antropologia, Gramado.

GARNELO, L.; WRIGHT, R. **Saúde indígena uma introdução tema**. Brasília: Fundação Nacional de Saúde, 2007.

GARNELO, Luiza; SAMPAIO, Sully; LINN, Gary; BANIWA, André Fernando. Medicina Tradicional Baniwa: uma experiência de intervenção social em busca de uma teoria. IN: LANGDON, Esther Jean; GARNELO, Luiza (org.). **Saúde dos povos indígenas**: reflexões sobre antropologia participativa, p. 136-154, 2004. Disponível em: Acesso em 09 de julho de 2023.

GARNELO, Luiza. **Poder, Hierarquia e Reciprocidade**: saúde e harmonia entre os Baniwa do Alto Rio Negro. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HELMAN, C. **Cultura, saúde & doença**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HILL, J. Cosmology and situation of contact in Upper Rio Negro basin. In: TURNER, T. (Org.) South American Studies. cosmology, values and inter-ethnic contact in South America, 2:42-51, 1993.

KOCH-GRUMBERG, Theodor. **Dois Anos entre os Povos Indígenas**: Viagens ao Noroeste do Brasil. Manaus: EDVA/FSDB, 2005.

LANGDON, E. J.; BECKER, S. G; ROSA, L. M.; MANFRINI, G. C.; BACKES, M. T.; MEIRELLES, B. H. S; SANTOS, SÍLVIA, M. “Dialogando sobre o processo saúde/doença com a Antropologia: entrevista com Esther Jean Langdon”. **Rev. bras. Enferm**, 62(2): 323-326, mar.-abr. 2009.

LANGDON, J. M & GARNELO, L. (orgs.) 2004. **Saúde dos povos indígenas reflexões sobre antropologia participativa**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria/ABA.

LORENZI, H.: MATOS, F. J. A. **Plantas Medicinais no Brasil**: nativas e exóticas. Ed. Nova-SP: Instituto Plantarum, 2002. 544p.

LUCIANO BANIWA, G.S. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, Brasília, 2006, p. 26-51.

MAGNANI, J. G. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MANZINI, Eduardo José. “Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros”. In: **Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, 2., 2004, Bauru. Anais. Bauru: Usc, 2004. 10 p.

MARIETTO, M. L., & SANCHES, C. “Estratégia como prática: um estudo das práticas da ação estratégica no cluster de lojas comerciais da rua das noivas em São Paulo”. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v.7, n.3, p.38-53, 2003.

MINAYO, Maria Célia de Souza. “Contribuições de antropologia para pensar e fazer saúde”. IN: CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa et al. (Org.). **Tratado de saúde coletiva**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009. p. 189-218.

MIRANDA, Gilberto José. “Elaboração e aplicação de questionários”. In: NOVA, Silva Pereira de Castro Casa et al (org.). **Trabalho de Conclusão de Curso: uma abordagem leve, divertida e prática**. São Paulo: Saraiva Educação, 2020. p. 216-229.

NIMUENDAJÚ, C.; ATIHAS, R. **Reconhecimento dos Rios Içana, Ayari e Uaupés: apontamentos linguísticos e fotografias de Curt Nimuendajú/organizador: Renato Athias**. Rio de Janeiro: Museu do Índio; Recife: Editora UFPE, 2015. 208 p.

OLIVEIRA, L.S. Souza, 2002. **Formação e inserção de Agentes Indígenas de Saúde no Sistema Único de Saúde**: um estudo de possibilidades. Tese de doutorado, Faculdade de saúde pública/USP. <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6872>.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Emani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PROENÇA, Wander de Lara. O método da observação participante. **Rev. Antropos**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 8-31, 2008.

QUEIROZ, Danielle Teixeira et al. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Rev. Enferm.** UERJ, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 276-283, 2007.

RODRIGUEZ, A. G. SANTOS, M. G. AMARAL, A. C. F. **Ministério da Saúde. Políticas Públicas em Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. 1. edição, 2006. Tiragem 2000 exemplares. Editora ideal. Brasília.

SANTOS, Marcelo Guerra; QUINTEIRO, Mariana. **Saberes tradicionais e locais: Reflexões etnobiológicas** [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575114858>. Acesso em 22 de dezembro de 2022.

SANTOS, S. Um pouco sobre o universo sagrado Baniwa. **Revista Sentidos da Cultura**, Belém, ano 3, n. 5, p. 1-16, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos/article/view/1322>. Acesso em 07 jul. 2023.

TEIXEIRA, Carla Costa, e Cristina Dias da Silva 2018. “Antropologia e Saúde Indígena: Mapeando Marcos De reflexões e interfaces De ação”. **Anuário Antropológico** 38 (1): 35-57.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA Jr., V. F.; Pinto, A. C.; Patitucci, M. L.; *Quim. Nova* **1997**, *20*, 612

VIANNA, João; FONTES, Afonso; CARDOSO, Ilda da Silva. A doença do mundo: Xamanismo Baniwa contra a pandemia. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 1-33, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/VxpptK5S6f7VTj5psx6qdCs/abstract/?lang=pt>. Acessado em: 28 de abril de 2024.

WRIGHT, R. M. “**Aos que vão nascer**” – uma etnografia religiosa dos índios Baniwa. Tese de livre-docência apresentada ao departamento de Antropologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, 1996. Projeto Rasi-Rede Autônoma de Saúde Indígena/OIBI- Organização Indígena da Bacia do Rio Içana – 2001.

WRIGHT, R. M. “**Aos que vão nascer**” – uma etnografia religiosa dos índios Baniwa. Tese de livre-docência apresentada ao departamento de Antropologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, 1996. \_\_\_\_\_. História indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Instituto Socioambiental –ISA, 2005.

WRIGHT, R. M. **História indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro**. São Paulo: ISA: Mercado de Letras, 2004.

WRIGHT, R. Umawali. **Hohodene myths of the Anaconda, Father of fish**. *Société Suisse des Americanistes Bulletin*, (57/58): 37-48, 1993/1994.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ANEXOS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
 INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA  
 AMAZÔNIA



São Gabriel da Cachoeira, 12 de novembro de 2024

Nº de participantes	Idade	Foi repassado a você os conhecimentos tradicionais?	Você se apropria do uso das plantas medicinais?	Você interpreta o surgimento das doenças na comunidade?	Você passou pelo ritual dos cuidados com o corpo?	Tem experiências de cura através das plantas?
1	37	Não	Não	Não	Sim	Não
2	37	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
3	59	Não	Sim	Sim	Sim	Não
4	50	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
5	54	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
6	58	Não	Não	Sim	Não	Não
7	40	Sim	Sim	Não	Não	Sim
8	59	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
9	20	Não	Sim	Não	Não	Sim
10	28	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
11	46	Não	Não	Sim	Sim	Não
12	54	Não	Não	Sim	Não	Não
13	59	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
14	26	Sim	Sim	Não	Não	Sim
15	31	Não	Sim	Não	Sim	Sim
16	23	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
17	28	Não	Sim	Sim	Sim	Não
18	18	Não	Sim	Não	Não	Não

19	18	Não	Não	Não	Sim	Não
20	20	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
21	34	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
22	18	Não	Não	Não	Sim	Não
23	50	Não	Sim	Sim	Não	Sim



---

São Gabriel da Cachoeira, 20 de junho de 2023

**DE: Edna Marcia Paulino da Costa**

Professora (Escola Municipal de Ed. Inf. Prof<sup>o</sup> Tiago Montalvo – SEMEDI) e Pedagoga (SEDUC)

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA

**Para: Sr. Graciliano Alexandre – Capitão da Comunidade de Itacoatiara Mirim**

### Carta de Anuência

Prezados comunitários,

Eu, **Edna Marcia Paulino da Costa**, professora da SEMEDI e pedagoga da SEDUC, mestranda do Programa de Pós-graduação do curso Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) pertencente ao grupo étnico Baré. Submeti um projeto de pesquisa com o tema “O olhar Indígena sobre a Idzaamikhetti e Watapetakaa na Comunidade de Itacoatiara Mirim em São Gabriel da Cachoeira/Am, aprovado em 2023, na linha de pesquisa II- Rede, Processos e Formas de Conhecimentos, tendo como Orientador o Professor Dr. Caio Augusto Teixeira Souto.

O objetivo da pesquisa é investigar o papel que os itinerários terapêuticos possuem com relação ao surgimento de doenças e curas, como canalizadoras para a preservação e conservação da cultura Baniwa

Analisando a importância da medicina tradicional para o bem-estar da humanidade, surgiu o interesse em realizar essa pesquisa de forma minuciosa. Diante dos trabalhos realizados e da luta constante do povo baniwa, decidi continuar o trabalho de valorização dessa etnia que tem buscado registrar suas origens e resgatar os conhecimentos tradicionais.

Nessa perspectiva, peço apoio e permissão aos senhores, na pessoa do Capitão Graciliano Alexandre para fazer a pesquisa etnográfica com o consentimento, a colaboração de todos da Comunidade de Itacoatiara Mirim. Em contrapartida me disponho a catalogar todas as plantas medicinais nativas nos arredores da comunidade, posteriormente montar um livro com as receitas e entregar a comunidade como forma de agradecimento pela colaboração na pesquisa.

Para isso necessito da carta de anuência dos senhores para que eu possa dar início ao trabalho de pesquisa dentro da comunidade.

Conto com o apoio de todos, agradeço a atenção expressando estima e consideração.

Atenciosamente,

Edna Márcia P. Costa  
Edna Marcia Paulino da Costa  
Mestranda do PPGSCA/UFAM

Graciliano Alexandre da Silva  
Cap. Sr. Graciliano Alexandre



---

São Gabriel da Cachoeira, 12 de novembro de 2024

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da pesquisa O olhar Indígena sobre a Idzãmikhetti e Watapetakaa na Comunidade de Itacoatiara Mirim em São Gabriel da Cachoeira/Am, sobre a responsabilidade da mestranda **Edna Marcia Paulino da Costa**, e-mail: [marciapaulinodacosta511@gmail.com](mailto:marciapaulinodacosta511@gmail.com), cel. (97) 984047801.

**Justificativa:** A comunidade de Itacoatiara Mirim se destaca no contexto complexo de afrontar doenças através de curas específicas dentro da tradição oral, por esse motivo devem ser estudados por essa Dissertação de Mestrado.

**Objetivo:** investigar o papel que os itinerários terapêuticos possuem com relação ao surgimento de doenças e curas, como canalizadoras para a preservação e conservação da cultura Baniwa

### Objetivos Específicos:

- ✓ Analisar as Idzãmiketh (as doenças) e a Watapetakaa (cura) entre os Baniwa e como se relacionam diante de conflitos humanos e não-humanos;
- ✓ Categorizar as Idzãmiketh, por meio dos manejos das plantas nativas medicinais e os conhecimentos tradicionais no tratamento de doenças causadas pelos seres espirituais;
- ✓ Compreender e relacionar as experiências Baniwa no uso das diferentes práticas tradicionais no combate à doença causadas pelos seres espirituais;

**Método:** Conduzi 03 entrevistas semiestruturadas com mulheres indígenas na faixa etária de 30/37 anos com 01 filho. Conduzir pelo menos 20 entrevista estruturadas com indivíduos escolarizados da comunidade na faixa etária de 18/59 anos de idade, identificando aspectos como etnia, modo de vida, costumes e conhecimentos tradicionais. Serão realizadas entrevistas de forma livre e informal para facilitar a expressão espontânea dos participantes. Todos os dados coletados serão registrados em anotações, gravações e fotografias sempre sob o consentimento. Gravações e fotografias sempre com o consentimento servirão sempre para subsidiar a coleta dos dados. Não haverá a comercialização e não há intenção de divulgação de qualquer dado obtido na pesquisa sem o consentimento específico do participante.

**Análise de risco:** o estudo investiga as práticas tradicionais, onde a cultura de uma determinada etnia é exposta, diante disso é importante levar em consideração as particularidades de cada entrevistado buscando sempre o conforto ao responder determinadas indagações, pois toda pesquisa envolvendo seres humanos oferece riscos e com base no parágrafo VIII artigo 2º da resolução 510/2016 que dispõe sobre risco imaterial, no qual explica que se incluem nessa categoria de risco “lesão em direito ou bem da personalidade, tais como integridades físicas e psíquicas, saúde, honra, imagem, e privacidade, ilicitamente produzida ao participante da pesquisa por características ou resultados do processo de pesquisa. Sendo assim, o respeito é fundamental no processo de investigação.

**Sem Gastos e Remuneração:** Toda a coleta de dados realizada neste momento não será remunerada nem pela pesquisadora e nem pela Universidade, é um trabalho voluntário e de livre consentimento. Para participar deste estudo o(a) sr (a) não terá nenhum custo financeiro, nem receberá qualquer vantagem financeira, apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, eu, pesquisadora garanto o ressarcimento da despesa.

**Benefícios:** A valorização dos saberes tradicionais do povo Baniwa e contribuir para que a história oral seja materializada por escrito.

**Participação:** Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada, assim como utilização de gravador de voz, celular, anotações e fotos (se assim permitido por você). Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não divulgar a identidade dos voluntários. Os resultados serão apresentados a comunidade antes da defesa, respeitando o acordo firmado.

Se depois de consentir sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Eu, Berta Lúcia Samoni Melo, declaro que fui devidamente informada sobre a pesquisa, seus objetivos, procedimentos, riscos e benefícios. Compreendo que minha participação é voluntária e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento. Após ter tido a oportunidade de fazer perguntas e receber respostas satisfatórias, concordo em participar desta pesquisa.

*Berta Lucia Samoni Melo*

Assinatura do participante

*Edna Márcia P. Costa*

Assinatura da Disc. Responsável



---

São Gabriel da Cachoeira, 12 de novembro de 2024

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da pesquisa O olhar Indígena sobre a Idzamikhetti e Watapetakaa na Comunidade de Itacoatiara Mirim em São Gabriel da Cachoeira/Am, sobre a responsabilidade da mestranda **Edna Marcia Paulino da Costa**, e-mail: [marciapaulinodacosta511@gmail.com](mailto:marciapaulinodacosta511@gmail.com), cel. (97) 984047801.

**Justificativa:** A comunidade de Itacoatiara Mirim se destaca no contexto complexo de afrontar doenças através de curas específicas dentro da tradição oral, por esse motivo devem ser estudados por essa Dissertação de Mestrado.

**Objetivo:** investigar o papel que os itinerários terapêuticos possuem com relação ao surgimento de doenças e curas, como canalizadoras para a preservação e conservação da cultura Baniwa

### Objetivos Específicos:

- ✓ Analisar as Idzâmiketh (as doenças) e a Watapetakaa (cura) entre os Baniwa e como se relacionam diante de conflitos humanas e não-humanos;
- ✓ Categorizar as Idzâmiketh, por meio dos manejos das plantas nativas medicinais e os conhecimentos tradicionais no tratamento de doenças causadas pelos seres espirituais;
- ✓ Compreender e relacionar as experiências Baniwa no uso das diferentes práticas tradicionais no combate à doença causadas pelos seres espirituais;

**Método:** Conduzi 03 entrevistas semiestruturadas com mulheres indígenas na faixa etária de 30/37 anos com 01 filho. Conduzir pelo menos 20 entrevista estruturadas com indivíduos escolarizados da comunidade na faixa etária de 18/59 anos de idade, identificando aspectos como etnia, modo de vida, costumes e conhecimentos tradicionais. Serão realizadas entrevistas de forma livre e informal para facilitar a expressão espontânea dos participantes. Todos os dados coletados serão registrados em anotações, gravações e fotografias sempre sob o consentimento. Gravações e fotografias sempre com o consentimento servirão sempre para subsidiar a coleta dos dados. Não haverá a comercialização e não há intenção de divulgação de qualquer dado obtido na pesquisa sem o consentimento específico do participante.

**Análise de risco:** o estudo investiga as práticas tradicionais, onde a cultura de uma determinada etnia é exposta, diante disso é importante levar em consideração as particularidades de cada entrevistado buscando sempre o conforto ao responder determinadas indagações, pois toda pesquisa envolvendo seres humanos oferece riscos e com base no parágrafo VIII artigo 2º da resolução 510/2016 que dispõe sobre risco imaterial, no qual explica que se incluem nessa categoria de risco “lesão em direito ou bem da personalidade, tais como integridades físicas e psíquicas, saúde, honra, imagem, e privacidade, ilicitamente produzida ao participante da pesquisa por características ou resultados do processo de pesquisa. Sendo assim, o respeito é fundamental no processo de investigação.

**Sem Gastos e Remuneração:** Toda a coleta de dados realizada neste momento não será remunerada nem pela pesquisadora e nem pela Universidade, é um trabalho voluntário e de livre consentimento. Para participar deste estudo o(a) sr (a) não terá nenhum custo financeiro, nem receberá qualquer vantagem financeira, apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, eu, pesquisadora garanto o ressarcimento da despesa.

**Benefícios:** A valorização dos saberes tradicionais do povo Baniwa e contribuir para que a história oral seja materializada por escrito.

**Participação:** Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada, assim como utilização de gravador de voz, celular, anotações e fotos (se assim permitido por você). Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não divulgar a identidade dos voluntários. Os resultados serão apresentados a comunidade antes da defesa, respeitando o acordo firmado.

Se depois de consentir sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Eu, Dayane Garcia da Silva, declaro que fui devidamente informada sobre a pesquisa, seus objetivos, procedimentos, riscos e benefícios. Compreendo que minha participação é voluntária e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento. Após ter tido a oportunidade de fazer perguntas e receber respostas satisfatórias, concordo em participar desta pesquisa.

  
Assinatura do participante

  
Assinatura da Disc. Responsável



---

São Gabriel da Cachoeira, 12 de novembro de 2024

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da pesquisa O olhar Indígena sobre a Idzamikhetti e Watapetakaa na Comunidade de Itacoatiara Mirim em São Gabriel da Cachoeira/Am, sobre a responsabilidade da mestrandia **Edna Marcia Paulino da Costa**, e-mail: [marciapaulinodacosta511@gmail.com](mailto:marciapaulinodacosta511@gmail.com), cel. (97) 984047801.

**Justificativa:** A comunidade de Itacoatiara Mirim se destaca no contexto complexo de afrontar doenças através de curas específicas dentro da tradição oral, por esse motivo devem ser estudados por essa Dissertação de Mestrado.

**Objetivo:** investigar o papel que os itinerários terapêuticos possuem com relação ao surgimento de doenças e curas, como canalizadoras para a preservação e conservação da cultura Baniwa

### Objetivos Específicos:

- ✓ Analisar as Idzâmiketh (as doenças) e a Watapetakaa (cura) entre os Baniwa e como se relacionam diante de conflitos humanas e não-humanos;
- ✓ Categorizar as Idzâmiketh, por meio dos manejos das plantas nativas medicinais e os conhecimentos tradicionais no tratamento de doenças causadas pelos seres espirituais;
- ✓ Compreender e relacionar as experiências Baniwa no uso das diferentes práticas tradicionais no combate à doença causadas pelos seres espirituais;

**Método:** Conduzi 03 entrevistas semiestruturadas com mulheres indígenas na faixa etária de 30/37 anos com 01 filho. Conduzir pelo menos 20 entrevista estruturadas com indivíduos escolarizados da comunidade na faixa etária de 18/59 anos de idade, identificando aspectos como etnia, modo de vida, costumes e conhecimentos tradicionais. Serão realizadas entrevistas de forma livre e informal para facilitar a expressão espontânea dos participantes. Todos os dados coletados serão registrados em anotações, gravações e fotografias sempre sob o consentimento. Gravações e fotografias sempre com o consentimento servirão sempre para subsidiar a coleta dos dados. Não haverá a comercialização e não há intenção de divulgação de qualquer dado obtido na pesquisa sem o consentimento específico do participante.

**Análise de risco:** o estudo investiga as práticas tradicionais, onde a cultura de uma determinada etnia é exposta, diante disso é importante levar em consideração as particularidades de cada entrevistado buscando sempre o conforto ao responder determinadas indagações, pois toda pesquisa envolvendo seres humanos oferece riscos e com base no parágrafo VIII artigo 2º da resolução 510/2016 que dispõe sobre risco imaterial, no qual explica que se incluem nessa categoria de risco “lesão em direito ou bem da personalidade, tais como integridades físicas e psíquicas, saúde, honra, imagem, e privacidade, ilicitamente produzida ao participante da pesquisa por características ou resultados do processo de pesquisa. Sendo assim, o respeito é fundamental no processo de investigação.

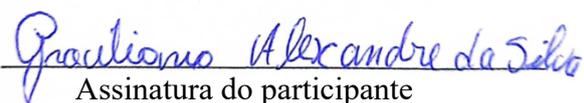
**Sem Gastos e Remuneração:** Toda a coleta de dados realizada neste momento não será remunerada nem pela pesquisadora e nem pela Universidade, é um trabalho voluntário e de livre consentimento. Para participar deste estudo o(a) sr (a) não terá nenhum custo financeiro, nem receberá qualquer vantagem financeira, apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, eu, pesquisadora garanto o ressarcimento da despesa.

**Benefícios:** A valorização dos saberes tradicionais do povo Baniwa e contribuir para que a história oral seja materializada por escrito.

**Participação:** Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada, assim como utilização de gravador de voz, celular, anotações e fotos (se assim permitido por você). Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não divulgar a identidade dos voluntários. Os resultados serão apresentados a comunidade antes da defesa, respeitando o acordo firmado.

Se depois de consentir sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Eu, Graciliano Alexandre da Silva, declaro que fui devidamente informado sobre a pesquisa, seus objetivos, procedimentos, riscos e benefícios. Compreendo que minha participação é voluntária e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento. Após ter tido a oportunidade de fazer perguntas e receber respostas satisfatórias, concordo em participar desta pesquisa.

  
Assinatura do participante

  
Assinatura da Disc. Responsável



---

São Gabriel da Cachoeira, 12 de novembro de 2024

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da pesquisa O olhar Indígena sobre a Idzamikhetti e Watapetakaa na Comunidade de Itacoatiara Mirim em São Gabriel da Cachoeira/Am, sobre a responsabilidade da mestranda **Edna Marcia Paulino da Costa**, e-mail: [marciapaulinodacosta511@gmail.com](mailto:marciapaulinodacosta511@gmail.com), cel. (97) 984047801.

**Justificativa:** A comunidade de Itacoatiara Mirim se destaca no contexto complexo de afrontar doenças através de curas específicas dentro da tradição oral, por esse motivo devem ser estudados por essa Dissertação de Mestrado.

**Objetivo:** investigar o papel que os itinerários terapêuticos possuem com relação ao surgimento de doenças e curas, como canalizadoras para a preservação e conservação da cultura Baniwa.

### Objetivos Específicos:

- ✓ Analisar as Idzâmiketh (as doenças) e a Watapetakaa (cura) entre os Baniwa e como se relacionam diante de conflitos humanas e não-humanos;
- ✓ Categorizar as Idzâmiketh, por meio dos manejos das plantas nativas medicinais e os conhecimentos tradicionais no tratamento de doenças causadas pelos seres espirituais;
- ✓ Compreender e relacionar as experiências Baniwa no uso das diferentes práticas tradicionais no combate à doença causadas pelos seres espirituais;

**Método:** Conduzi 03 entrevistas semiestruturadas com mulheres indígenas na faixa etária de 30/37 anos com 01 filho. Conduzir pelo menos 20 entrevista estruturadas com indivíduos escolarizados da comunidade na faixa etária de 18/59 anos de idade, identificando aspectos como etnia, modo de vida, costumes e conhecimentos tradicionais. Serão realizadas entrevistas de forma livre e informal para facilitar a expressão espontânea dos participantes. Todos os dados coletados serão registrados em anotações, gravações e fotografias sempre sob o consentimento. Gravações e fotografias sempre com o consentimento servirão sempre para subsidiar a coleta dos dados. Não haverá a comercialização e não há intenção de divulgação de qualquer dado obtido na pesquisa sem o consentimento específico do participante.

**Análise de risco:** o estudo investiga as práticas tradicionais, onde a cultura de uma determinada etnia é exposta, diante disso é importante levar em consideração as particularidades de cada entrevistado buscando sempre o conforto ao responder determinadas indagações, pois toda pesquisa envolvendo seres humanos oferece riscos e com base no parágrafo VIII artigo 2º da resolução 510/2016 que dispõe sobre risco imaterial, no qual explica que se incluem nessa categoria de risco “lesão em direito ou bem da personalidade, tais como integridades físicas e psíquicas, saúde, honra, imagem, e privacidade, ilicitamente produzida ao participante da pesquisa por características ou resultados do processo de pesquisa. Sendo assim, o respeito é fundamental no processo de investigação.

**Sem Gastos e Remuneração:** Toda a coleta de dados realizada neste momento não será remunerada nem pela pesquisadora e nem pela Universidade, é um trabalho voluntário e de livre consentimento. Para participar deste estudo o(a) sr (a) não terá nenhum custo financeiro, nem receberá qualquer vantagem financeira, apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, eu, pesquisadora garanto o ressarcimento da despesa.

**Benefícios:** A valorização dos saberes tradicionais do povo Baniwa e contribuir para que a história oral seja materializada por escrito.

**Participação:** Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada, assim como utilização de gravador de voz, celular, anotações e fotos (se assim permitido por você). Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não divulgar a identidade dos voluntários. Os resultados serão apresentados a comunidade antes da defesa, respeitando o acordo firmado.

Se depois de consentir sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Eu, Irene Garcia, declaro que fui devidamente informada sobre a pesquisa, seus objetivos, procedimentos, riscos e benefícios. Compreendo que minha participação é voluntária e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento. Após ter tido a oportunidade de fazer perguntas e receber respostas satisfatórias, concordo em participar desta pesquisa.

  
Assinatura do participante

  
Ass: da Disc. Responsável



---

São Gabriel da Cachoeira, 12 de novembro de 2024

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da pesquisa O olhar Indígena sobre a Idzamikhetti e Watapetakaa na Comunidade de Itacoatiara Mirim em São Gabriel da Cachoeira/Am, sobre a responsabilidade da mestrandia **Edna Marcia Paulino da Costa**, e-mail: [marciapaulinodacosta511@gmail.com](mailto:marciapaulinodacosta511@gmail.com), cel. (97) 984047801.

**Justificativa:** A comunidade de Itacoatiara Mirim se destaca no contexto complexo de afrontar doenças através de curas específicas dentro da tradição oral, por esse motivo devem ser estudados por essa Dissertação de Mestrado.

**Objetivo:** investigar o papel que os itinerários terapêuticos possuem com relação ao surgimento de doenças e curas, como canalizadoras para a preservação e conservação da cultura Baniwa

### Objetivos Específicos:

- ✓ Analisar as Idzâmiketh (as doenças) e a Watapetakaa (cura) entre os Baniwa e como se relacionam diante de conflitos humanas e não-humanos;
- ✓ Categorizar as Idzâmiketh, por meio dos manejos das plantas nativas medicinais e os conhecimentos tradicionais no tratamento de doenças causadas pelos seres espirituais;
- ✓ Compreender e relacionar as experiências Baniwa no uso das diferentes práticas tradicionais no combate à doença causadas pelos seres espirituais;

**Método:** Conduzi 03 entrevistas semiestruturadas com mulheres indígenas na faixa etária de 30/37 anos com 01 filho. Conduzir pelo menos 20 entrevista estruturadas com indivíduos escolarizados da comunidade na faixa etária de 18/59 anos de idade, identificando aspectos como etnia, modo de vida, costumes e conhecimentos tradicionais. Serão realizadas entrevistas de forma livre e informal para facilitar a expressão espontânea dos participantes. Todos os dados coletados serão registrados em anotações, gravações e fotografias sempre sob o consentimento. Gravações e fotografias sempre com o consentimento servirão sempre para subsidiar a coleta dos dados. Não haverá a comercialização e não há intenção de divulgação de qualquer dado obtido na pesquisa sem o consentimento específico do participante.

**Análise de risco:** o estudo investiga as práticas tradicionais, onde a cultura de uma determinada etnia é exposta, diante disso é importante levar em consideração as particularidades de cada entrevistado buscando sempre o conforto ao responder determinadas indagações, pois toda pesquisa envolvendo seres humanos oferece riscos e com base no parágrafo VIII artigo 2º da resolução 510/2016 que dispõe sobre risco imaterial, no qual explica que se incluem nessa categoria de risco “lesão em direito ou bem da personalidade, tais como integridades físicas e psíquicas, saúde, honra, imagem, e privacidade, ilicitamente produzida ao participante da pesquisa por características ou resultados do processo de pesquisa. Sendo assim, o respeito é fundamental no processo de investigação.

**Sem Gastos e Remuneração:** Toda a coleta de dados realizada neste momento não será remunerada nem pela pesquisadora e nem pela Universidade, é um trabalho voluntário e de livre consentimento. Para participar deste estudo o(a) sr (a) não terá nenhum custo financeiro, nem receberá qualquer vantagem financeira, apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, eu, pesquisadora garanto o ressarcimento da despesa.

**Benefícios:** A valorização dos saberes tradicionais do povo Baniwa e contribuir para que a história oral seja materializada por escrito.

**Participação:** Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada, assim como utilização de gravador de voz, celular, anotações e fotos (se assim permitido por você). Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não divulgar a identidade dos voluntários. Os resultados serão apresentados a comunidade antes da defesa, respeitando o acordo firmado.

Se depois de consentir sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Eu, Alda Hermínia, declaro que fui devidamente informada sobre a pesquisa, seus objetivos, procedimentos, riscos e benefícios. Compreendo que minha participação é voluntária e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento. Após ter tido a oportunidade de fazer perguntas e receber respostas satisfatórias, concordo em participar desta pesquisa.

  
Assinatura do participante

  
Ass: da Disc. Responsável



---

São Gabriel da Cachoeira, 12 de novembro de 2024

### **Termo de Autorização Uso de Imagem, Voz e Apresentação**

Termo de autorização para uso de imagem e voz na Dissertação de Mestrado do curso de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia

DE: Alda Hermínia

ID: 19938136

PARA: Edna Marcia Paulino da Costa

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia-PPGSCA/UFAM

Nome da Comunidade: Itacoatiara Mirim

### **Termo de autorização**

Autorizo, para todos os fins em direito admitidos, a utilização da minha imagem e voz constantes em fotos, gravações e filmagens decorrentes da minha participação na pesquisa, sendo necessária a referência ao meu nome, que constitui um direito moral e deverá ser respeitada sempre.

As imagens, voz e apresentação poderão ser exibidas nos relatórios parcial e final da referida pesquisa, na apresentação da defesa e na divulgação disponibilizada em acesso aberto, por meio do portal da CAPES.

A autorização neste termo especificada é gratuita e por prazo indeterminado. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos à minha imagem e voz.

  
\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante



---

São Gabriel da Cachoeira, 12 de novembro de 2024

### **Termo de Autorização Uso de Imagem, Voz e Apresentação**

Termo de autorização para uso de imagem e voz na Dissertação de Mestrado do curso de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia

DE: Berta Lucia Samoni Melo

ID: 2438916-1

PARA: Edna Marcia Paulino da Costa

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia-PPGSCA/UFAM

Nome da Comunidade: Itacoatiara Mirim

### **Termo de autorização**

Autorizo, para todos os fins em direito admitidos, a utilização da minha imagem e voz constantes em fotos, gravações e filmagens decorrentes da minha participação na pesquisa, sendo necessária a referência ao meu nome, que constitui um direito moral e deverá ser respeitada sempre.

As imagens, voz e apresentação poderão ser exibidas nos relatórios parcial e final da referida pesquisa, na apresentação da defesa e na divulgação disponibilizada em acesso aberto, por meio do portal da CAPES.

A autorização neste termo especificada é gratuita e por prazo indeterminado. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos à minha imagem e voz.

Berta Lucia Samoni Melo

Assinatura do participante



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA  
AMAZÔNIA



São Gabriel da Cachoeira, 12 de novembro de 2024

### **Termo de Autorização Uso de Imagem, Voz e Apresentação**

Termo de autorização para uso de imagem e voz na Dissertação de Mestrado do curso de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia

DE: Dayane Garcia da Silva

ID: 2923253-8

PARA: Edna Marcia Paulino da Costa

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia-PPGSCA/UFAM

Nome da Comunidade: Itacoatiara Mirim

### **Termo de autorização**

Autorizo, para todos os fins em direito admitidos, a utilização da minha imagem e voz constantes em fotos, gravações e filmagens decorrentes da minha participação na pesquisa, sendo necessária a referência ao meu nome, que constitui um direito moral e deverá ser respeitada sempre.

As imagens, voz e apresentação poderão ser exibidas nos relatórios parcial e final da referida pesquisa, na apresentação da defesa e na divulgação disponibilizada em acesso aberto, por meio do portal da CAPES.

A autorização neste termo especificada é gratuita e por prazo indeterminado. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos à minha imagem e voz.

Assinatura do participante



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA  
AMAZÔNIA



---

São Gabriel da Cachoeira, 12 de novembro de 2024

### **Termo de Autorização Uso de Imagem, Voz e Apresentação**

Termo de autorização para uso de imagem e voz na Dissertação de Mestrado do curso de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia

DE: Graciliano Alexandre da Silva

ID: 666518832-91

PARA: Edna Marcia Paulino da Costa

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia-PPGSCA/UFAM

Nome da Comunidade: Itacoatiara Mirim

### **Termo de autorização**

Autorizo, para todos os fins em direito admitidos, a utilização da minha imagem e voz constantes em fotos, gravações e filmagens decorrentes da minha participação na pesquisa, sendo necessária a referência ao meu nome, que constitui um direito moral e deverá ser respeitada sempre.

As imagens, voz e apresentação poderão ser exibidas nos relatórios parcial e final da referida pesquisa, na apresentação da defesa e na divulgação disponibilizada em acesso aberto, por meio do portal da CAPES.

A autorização neste termo especificada é gratuita e por prazo indeterminado. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos à minha imagem e voz.

  
Assinatura do participante



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA  
AMAZÔNIA



---

São Gabriel da Cachoeira, 12 de novembro de 2024

### **Termo de Autorização Uso de Imagem, Voz e Apresentação**

Termo de autorização para uso de imagem e voz na Dissertação de Mestrado do curso de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia

DE: Irene Garcia

ID:1997320-9

PARA: Edna Marcia Paulino da Costa

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia-PPGSCA/UFAM

Nome da Comunidade: Itacoatiara Mirim

### **Termo de autorização**

Autorizo, para todos os fins em direito admitidos, a utilização da minha imagem e voz constantes em fotos, gravações e filmagens decorrentes da minha participação na pesquisa, sendo necessária a referência ao meu nome, que constitui um direito moral e deverá ser respeitada sempre.

As imagens, voz e apresentação poderão ser exibidas nos relatórios parcial e final da referida pesquisa, na apresentação da defesa e na divulgação disponibilizada em acesso aberto, por meio do portal da CAPES.

A autorização neste termo especificada é gratuita e por prazo indeterminado. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos à minha imagem e voz.

*Irene Garcia*

Assinatura do participante



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA  
AMAZÔNIA



---

São Gabriel da Cachoeira, 12 de novembro de 2024

**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADEMICA-  
CIENTÍFICA**

DE: Edna Marcia Paulino da Costa

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia-  
PPGSCA/UFAM

PARA: Ilma. Sra.

Janete Figueredo Alves

Vice-Presidente da Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro (FOIRN)

Prezada sra. Presidente, venho por meio deste solicitar Autorização para realização de uma pesquisa integrante da elaboração de Dissertação de Mestrado, orientado pelo professor Dr. Caio Augusto Teixeira Souto, tendo como título “O olhar Indígena sobre a *Idzaamikhetti* e a *Watapetakaa* na Comunidade de Itacoatiara Mirim-Am.”

**Objetivo Geral:**

Investigar as manifestações socioculturais a partir da medicina tradicional Baniwa, contextualizando as lógicas nas práticas de combate das *Idzaamikhetti* (*doenças*) e os itinerários para a *Watapetakaa* (*cura*) na comunidade de Itacoatiara Mirim em São Gabriel da Cachoeira-AM.

### Objetivos Específicos

- Analisar as Idzâmiketh (as doenças) e a Watapetakaa (cura) entre os Baniwa e como se relacionam diante de conflitos humanas e não-humanos;
- Categorizar as Idzaamikhetti, os manejos das plantas nativas medicinais e os conhecimentos tradicionais no tratamento de doenças causadas pelos seres espirituais
- Compreender e relacionar as experiências Baniwa no uso das diferentes práticas tradicionais no combate à doença causadas pelos seres espirituais.

Diante do solicitado, conto com a colaboração e agradeço a atenção me colocando a disposição para quaisquer esclarecimentos.

Sem mais, atenciosamente

Edna Márcia P. Costa

Mestranda Edna Marcia Paulino da Costa

Janete Figueredo Alves  
Vice-Presidente Janete Figueredo Alves